

ADILES SAVOLDI

O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Hélio R. Santos Silva.

Florianópolis, 1998.


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“O CAMINHO INVERSO: A TRAJETÓRIA DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES
ITALIANOS EM BUSCA DA DUPLA CIDADANIA”**

ADILES SAVOLDI

Orientador: Dr. Hélio Raymundo Santos Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



Dr. Hélio Raymundo Santos Silva (UFSC-Orientador)



Dra. Ellen Woortmann (UnB)



Dra. Carmen Silvia Rial (UFSC)

Florianópolis, 20 de novembro de 1998.



Prof. Dr. Miriam Pillar Grossi
Coordenadora do PPGAS/CFH/UFSC

RESUMO

Esta dissertação intenciona compreender a frenética busca da cidadania italiana pelos descendentes de imigrantes italianos na atualidade. A pesquisa procura contemplar os múltiplos planos que envolvem o fenômeno. Para tanto, procurei seguir a trilha dos imigrantes italianos aos emigrantes ítalo-brasileiros.

O foco da pesquisa foi o Sul do Estado de Santa Catarina, pelo fato deste apresentar uma maior procura pela regularização da cidadania italiana no Estado. Além de destacar-se nas manifestações da cultura italiana.

Abordo a redescoberta da italianidade pelos descendentes de imigrantes italianos do Sul do Estado na atualidade, período de maior procura pela cidadania italiana. Analiso a tensão entre passado e presente na representação desta italianidade, ou melhor, no intuito das associações culturais italianas em *resgatar* a cultura italiana. A cultura italiana, que tem sido “*resgatada*”, está sendo difundida como *marketing* para o turismo na Região.

A regularização da cidadania italiana, confere ao cidadão ítalo-brasileiro a possibilidade de trabalho no exterior. Analiso aqui algumas experiências de cidadãos ítalo-brasileiros no exterior.

ABSTRACT

This thesis seeks to understand the current and hectic pursuit of Italian citizenship by the descendents of Italian immigrants. The research takes under consideration the multiple factors involved in this phenomenon. With this purpose in mind, I attempted to follow the trail taken by the Italian immigrants to the Italian-Brazilian emigrants.

The research is based in the south of Santa Catarina State, because it is where the most intense search for the legalization of the Italian citizenship has been presented. In addition, it is largely demonstrated in the manifestations of the Italian culture.

I focus on the rediscovery of the Italian status by the Italian immigrant's descendents in the south of the state of Santa Catarina today, a time when this phenomenon has been present in a more intense way. I analyze the tension between the past and the present in the representation of such Italian status, in the attempt to redeem the Italian culture by the Italian cultural associations. The Italian culture, the one being "redeemed", is also being adopted in marketing campaigns with the purpose of attracting tourism to this region.

Legalized Italian citizenship offers the Italian-Brazilian citizen the possibility of working abroad. I also analyze the experiences of Italian-Brazilian citizens working abroad.

AGRADECIMENTOS

Aos meus interlocutores - informantes, entrevistados - e a todas as pessoas que se dispuseram a dialogar sobre a temática em questão.

Às instituições italianas e ítalo-brasileiras que me receberam durante a pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, pela oportunidade em poder realizar o curso.

Ao CNPq e a CAPES por tornarem viável esta pesquisa.

Ao NUER - Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas - em especial à Ilka, Raquel, Rosana, Jakzam, Pedro.

Ao orientador Hélio R. S. Silva, pela confiança e ainda pela tranquilidade com que conduziu as orientações. Agradeço também à Cláudia pela colaboração e incentivo.

Aos colegas do curso, especialmente a turma de 1996. Foi muito bom conviver com vocês. Monica, Verônica, Angela, Ari, Zé Ronaldo, Geraldo, Rita de Cassia, Hélio, Jorge e Ricardo.

Às amigas de sempre Ana Maria, Angela Maria e Angela Célia.

À Jandira e Tânia pela amizade e incentivos.

À minha família pelo apoio e força nos momentos mais importantes. Pela compreensão nas minhas constantes ausências.

Ao companheiro Gladestone pelas contribuições e incentivos. Por ter suportado comigo os momentos mais difíceis. À sua família pelo amparo, apoio e hospedagem durante boa parte da pesquisa de campo.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra partilharam desta caminhada.

SUMÁRIO

Introdução	01
1.1- Cidadania e Nacionalidade	05
1.2- Etnicidade	11
1.3- A Pesquisa	15
Capítulo I - A imigração	21
1.1- O estrangeiro e o nativo - o embate da diferença - o contato entre europeus e índios no Sul do Estado de SC	24
1.2- A construção da italianidade e as fronteiras étnicas ✱	29
1.3- Nacional ou estrangeiro?	33
1.4- Tá no sangue...	35
Capítulo II. - A redescoberta da italianidade	40
2.1- O binômio tradição e modernidade na representação da italianidade do Sul do Estado de SC	40
2.2- Turismo étnico e cultural ✱	42
2.3- As festas típicas italianas – Ritorno alle Origine de Urussanga ✱	56
2.4- Culto aos ancestrais - Encontros de famílias	70
Capítulo III - A conquista da dupla cidadania	81
3.1- A lei e suas leituras; legislação italiana e dupla cidadania	81
3.2- Consulados Vice-Consulados e Agências Consulares	90
3.3- A conquista da cidadania como um rito de passagem	98

3.4- Brasileiro ou italiano? As expectativas face a dupla cidadania	101
Capítulo IV - A emigração	108
4.1- Do Brasil de imigrantes aos emigrantes do país	108
4.2- Só com a cara e a coragem...	118
Considerações finais	131
Referências Bibliográficas	139
Anexos	150
Anexo I - Anúncio sobre a pesquisa na Internet	
Anexo II - Mapa de Santa Catarina	
Anexo III - Folder da propaganda dos Comitês	
Anexo IV - Programação da festa de Família	
Anexo V - Modelos de árvores genealógicas	
Anexo VI - Modelos de brasões	
Anexo VII - Roteiro com a documentação necessária para a regularização da cidadania italiana	
Anexo VIII - Reportagem: Como virar um cidadão do mundo	

INTRODUÇÃO

Diversos teóricos têm associado a globalização ao fenômeno da afirmação da etnicidade. No Brasil este movimento de busca às “raízes” parece ter emergido no momento em que o autoritarismo de Vargas (30-45) e posteriormente, o autoritarismo militar (60-80) cedem à abertura política, possibilitando se vislumbrar uma transição democrática. Sem a repressão do Estado Nacional, as manifestações de etnicidade passam a ser vivenciadas, não apenas em ambiente privado, mas em público.

Nas últimas décadas os descendentes de italianos no Brasil vêm crescentemente se ocupando e se preocupando em “revitalizar a italianidade”, buscar “raízes”, procurar estabelecer relações e restabelecer laços com a Itália atual. Esses intercâmbios de ordem econômica e cultural associam-se à maior mobilidade adquirida pela sociedade humana nos últimos tempos, devido ao desenvolvimento dos transportes e da comunicação.

Os Estados-Nações estão inseridos dentro de um contexto de globalização. Processo este que muitas vezes mostra-se como um movimento genérico capaz de anular a diferença. Em outros momentos podemos constatar o efeito contrário, o que parecia estar acomodado, um elemento visto como semelhante, passível de soma, acaba por revelar suas particularidades e conseqüentemente lutar por sua individualidade.

O fenômeno da globalização, de acordo com LISBOA (1993), tem propiciado, paradoxalmente, a fragmentação advinda da afirmação de múltiplas identidades: “A globalização não leva necessariamente à homogeneização”. Nota-se, entretanto, que paralelamente a esse fenômeno ampliam-se as manifestações de um verdadeiro espetáculo das diferenças, a afirmação da etnicidade.

Para Boaventura de Sousa SANTOS¹ (1995), a globalização é um fenômeno antigo, que teve início com o colonialismo. Portanto, não existe a globalização; existem as globalizações. E também não há globalização sem localização. À medida que certas características se globalizam, como por exemplo cinema, música etc, do mesmo modo se tornam localizadas. Assim, quando se estabelece um processo de globalização de determinadas características culturais, estas, ao se localizarem, tendem a se etnicizar, dando ênfase a características étnicas, como, por exemplo, o *spaghetti*: não é apenas *spaghetti*, mas sim *spaghetti italiano*, o mesmo acontece com a *pizza*. No caso da *pizza*, os paulistas descendentes de italianos, em suas viagens à Itália demonstram se frustrar com a simplicidade da *pizza* que encontram lá. Pelo fato desta apresentar uma cobertura mais fina, dizem ser menos elaborada que no Brasil. Ao pensar em *pizza*, automaticamente se lembra à Itália, mas por outro lado isso não significa que a *pizza* feita no Brasil seja igual à feita na Itália. Aqui ela assume outras características.

A esse respeito considero pertinente a observação de RIAL (1995, p.13) “*partilhar de um símbolo não significa forçosamente partilhar uma imagem mental, um mesmo significado*”. O movimento de globalização comporta duas tendências, uma que seria a unificadora e a outra diversificante. Seguindo a ótica de RIAL, podemos perceber que ao mesmo tempo que a *pizza* se torna conhecida no mundo todo como *pizza italiana*, ela assume características particulares, diversas em cada contexto.

CANCLINI² chama atenção para o discurso em voga no momento em que coloca a globalização como um fenômeno capaz de desconstruir fronteiras, neste caso à medida que destrói uma, ela automaticamente reconstrói outra.

Com a unificação dos Estados nacionais europeus, podemos perceber que esta abertura de fronteiras internas estabelece novos limites, muda o quadro de excluídos. Mediante os limites internos os grupos tendem a enfatizar suas

¹ Palestra proferida em 29/09/95 com o título “Globalização, Multiculturalismo e Direitos Humanos”. Auditório do Centro Sócio Econômico - UFSC.

² Conferência realizada em 13/11/97 II Reunion de Antropologia del Mercosur/Uruguai

características locais. Portanto, o fato de ser europeu remete a algum lugar. No que tange ao Brasil, de acordo com o argumento de OLIVEN (1992), antes de ser nacional faz-se referência ao local. A conquista da cidadania italiana pelos descendentes de imigrantes italianos representa a garantia de pertencimento a essa nova comunidade, sem necessariamente perder os vínculos regionais e nacionais brasileiros.

HALL (1995, p.61) ao analisar a obra de Kevin Robin - O global, o local e o retorno da etnicidade - destaca que *“a globalização de fato explora a diferenciação local. Desta maneira, ao invés de pensar na substituição do global pelo local, seria mais cuidadoso pensar em uma nova articulação entre o global e o local.”*

Atualmente as associações italianas no Brasil além de se mostrarem como um grupo diferente ligado a outra nacionalidade, a italiana, buscam acima de tudo *resgatar* suas especificidades regionais, como por exemplo: Vênetas, Trentinas, Lombardas, e outras, refletindo uma grande fragmentação das associações italianas.

SANTOS (1994) salienta que as identidades são identificações em curso que, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções.

Os imigrantes provenientes de diferentes regiões da Itália (vênetos, lombardos, trentinos etc.) se descobrem italianos no Brasil, pois como o processo de unificação da Itália ainda era recente, estes se autodenominavam de acordo com a Região de procedência, e agora no final dos anos oitenta e início dos anos noventa partem para um trabalho de investigação genealógica com o intuito de descobrirem de qual região da Itália vieram seus antepassados, afim de adquirir o documento de nascimento do ancestral que imigrou para o Brasil e assim poder regularizar a sua cidadania italiana. No que diz respeito a este aspecto, convém destacar que em algumas famílias a Região de procedência do ancestral, já era conhecida. Faltava apenas saber o *paese* - cidade do local de nascimento.

Nos últimos anos foi possível presenciar o surgimento de inúmeras manifestações culturais italianas. Organizadas por descendentes de imigrantes no Sul do país como tentativa, segundo estes, de “*resgatar* suas raízes”. Criam-se festas típicas, associações. Dentro deste universo de afirmação da etnicidade a busca pela cidadania italiana³ vem ganhando espaço.

Dentro deste contexto procuro refletir os interesses que estão em jogo quando descendentes de imigrantes italianos buscam órgãos jurídicos, consulados, à procura do aparato legal que lhes permita regularizar a cidadania italiana. E ainda analisar como a italianidade é representada neste processo.⁴

O interesse pelo tema surgiu a partir das discussões que se desenvolveram na disciplina “relações interétnicas”⁵. Nesta ocasião foi possível estranhar algumas práticas e situações que se encontravam naturalizadas na vivência cotidiana, especialmente temas referentes à etnicidade. Durante o ano de 1995 e meados de 96 estive, como bolsista, vinculada ao NUER - Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas. Esta experiência forneceu mais elementos para problematizar a temática.

O trabalho final de graduação em Ciências Sociais foi uma pesquisa realizada na Igreja Universal. Nos primeiros contatos, o impacto foi tamanho que tive de concentrar toda minha energia em familiarizar o estranho, o diferente. Este foi o primeiro desafio enquanto pesquisadora e aspirante a antropóloga. Já num segundo momento, o desafio consistiu em perceber o estranho no que parecia tão normal, comum.

Durante o período de graduação vários amigos trancaram o curso com o intuito de se aventurar pela Europa, trabalhar conhecer diversos países. Foi a primeira vez que se veiculou a idéia da cidadania italiana e alemã. Pude

³ O Consulado Geral da Itália de Curitiba informa que no ano de 1990 havia 9.000 cidadãos italianos inscritos no Consulado. Em agosto de 1998 são 25.735 cidadãos italianos inscritos - sendo que 70% no Estado do Paraná e 30% no Estado de Santa Catarina. De acordo com informações obtidas na Embaixada Italiana de Brasília, existem 70.000 cidadãos italianos no Brasil e 300.000 pessoas com dupla cidadania. Estima-se que hajam 24 milhões de brasileiros de origem italiana.

⁴ Outro fator que merece destaque diz respeito ao comércio que tem se desenvolvido diante deste fenômeno.

acompanhar alguns fragmentos desta viagem, pelos relatos dos aventureiros. Do mesmo modo, pude acompanhar como regularizaram sua situação face a possibilidade da dupla cidadania.

Sigo a orientação de Gilberto VELHO (1981) no sentido de enfatizar o caráter relativo da noção de familiar e exótico. Pretende-se ver o familiar

não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, e situações.(p.131)

O fato de ser descendente de imigrantes italianos não implicou necessariamente em uma familiaridade ou proximidade com o tema. Este fato exigiu de minha parte maior atenção, um exercício de estranhamento mais elaborado. Neste sentido, cabe enfatizar que nunca estive envolvida em movimentos, que nos últimos anos vêm se constituindo com o objetivo de *resgate* da cultura italiana, vindo apenas com a pesquisa a perceber sua dinâmica interna.

1.1 - Cidadania e nacionalidade

Michel BANTON (1977) destaca que na França como na Inglaterra, a palavra raça começou a mudar de significado por volta de 1800. A princípio o termo raça era associado a “linhagem”. No século XIX o termo raça passa a significar qualidade física - assim os outros povos passam a ser vistos como biologicamente diferentes. A partir daí as pessoas começaram a pensar a humanidade dividida em raças para explicarem as diferenças geradas pelo progresso de exploração colonial. Em seu estudo sobre a idéia de raça, percebeu que a elaboração de tipologias de várias espécies tornou-se a característica do academicismo do século XIX.

⁵ Disciplina oferecida no curso de Ciências Sociais da UFSC.

De acordo com BOBBIO (1992), do século XVI ao XIX, a constituição do Estado Nacional teve como inspiração a idéia de raça. Isso fundamentava a idéia de que existiria uma raça que representaria o Estado Nacional. Neste período, o mito da raça, aparece como uma busca da origem pura de uma nação. Mas, por falta de sustentação do discurso em bases biológicas, por não haver uma comprovação biológica, tratava-se de uma invenção meramente política.⁶

Para OLIVEN (1992, p. 15), a nação é um produto cultural que surge na Europa no fim do século XVIII e que se constitui, de acordo com Anderson, em uma *"comunidade política imaginada"*. ANDERSON (1989, p. 14-15), propõe esse conceito *"dentro de um espírito antropológico"*; portanto, *"Nação é uma comunidade política e imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana ... As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas"*. Esse conceito permite com que possamos analisar as diferentes facetas que a nação assume, seja na imaginação de seus idealizadores, no seu processo de construção, ou no resultado. Podemos perceber que as nações são imaginadas e construídas de

⁶ De acordo com COMAS (1979, p.34), a Itália em 1936, através da aliança italo-germânica, se vê obrigada a iniciar uma campanha antijudaica, embora a heterogeneidade do povo italiano produzisse na Itália um racismo diferente do germânico. *"O Manifesto Fascista de 14 de julho de 1938 proclama: 'há uma raça italiana pura'. As questões raciais na Itália serão tratadas por um ângulo puramente biológico independente de cogitações filosóficas ou religiosas. O conceito de raça na Itália deve ser essencialmente italiano e nórdico-ariano...Os judeus não pertencem à raça italiana"*.

De acordo com HALL (1995, p.49) a diferença genética - "o último refúgio das ideologias racistas - não pode ser usada para distinguir um povo de outro. Raça é uma categoria discursiva e não biológica"

Os teóricos da segunda metade do XIX como Taine, Fouillée e Letourneau sob os efeitos ciência positivista procuravam definir o conceito de caráter nacional, mas não havia uma distinção clara entre os termos raça, povo ou nação, existia na verdade era uma confusão entre os três.

É a antropologia quem fornece elementos para desestruturar as suposições que embasavam o caráter nacional *"pois nega, ou pelo menos não afirma a relação entre raças e características psicológicas."*(MOREIRA LEITE, 1976, p. 37) concluindo que *"em primeiro lugar, não existem raças puras e todas as raças são da mesma espécie. Em segundo lugar, do ponto de vista da evolução biológica não se pode supor que umas raças sejam mais evoluídas do que outras. Finalmente, não se pode estabelecer uma relação entre raças e características psicológicas, pois estas resultam não da raça mas da cultura."*(idem) No século XX a antropologia substitui o conceito de raça pelo de cultura. O antropólogo Norte Americano Franz Boas foi o grande responsável por esta transformação.

modos diferentes. Cada qual com suas particularidades, de acordo com seu contexto específico.

De acordo com Guillermo Raúl RUBEN (1984) a palavra nação já era conhecida na antigüidade, na sua forma latina de *natio* - que significava algo semelhante a raça ou ser nascido de - mas considera a Revolução Francesa um marco significativo na consolidação da nação moderna.

A partir de 1789, a Europa, ainda aristocrática, começa a ouvir a palavra nação de uma outra maneira. Uma nova forma de organização política se desenvolve, trazendo junto com ela uma promissora expressão de liberdade. A revolução permitiu que os homens deixassem de se pensar como uma simples continuação da terra e como propriedade de um senhor. A idéia de cidadão teoricamente igual em direitos e obrigações encontrou na revolução Francesa sua expressão política mais universal.”(p.25)

Na república burguesa a cidadania⁷ torna os cidadãos iguais perante a nação, o que gera uma inversão na forma de determinar a origem dos indivíduos.

A legislação Feudal do Jus⁸ soli, que assinalava o lugar de nascimento como fator determinante, cedeu seu lugar para o jus sanguinis, que privilegia a descendência. A igualdade dos indivíduos é garantida pelo fato de “ser nascido de” e não mais por “ser nascido em”. (RUBEN, 1984, p. 29)

Para SEYFERTH (1981, p.8) a ambigüidade da idéia de nação pode ser contemplada no confronto entre cidadania e nacionalidade. “*As diferenças de língua, cultura, raça, etc., são relevantes na definição de nacionalidade, independentemente de qualquer filiação política, mas não constituem critério de cidadania, que implica em vinculação política e legal com um Estado*”. A esse

⁷ A origem da cidadania nos remete à polis grega. Nesta os homens livres já exerciam a cidadania, mas a democracia grega era restrita, pois as mulheres, crianças e escravos não eram considerados cidadãos.

A etimologia do termo cidadania deriva da expressão latina *civitasatis*, mais tarde *civitatis*, e depois *status civitatis* que os romanos adotavam para caracterizar o homem livre e diferenciá-lo do escravo.

⁸ As expressões *Jus sanguinis* ou *Jure Sanguinis* apresentam o mesmo significado (Direito). Segundo o advogado Walter Petruzzello a expressão *jus* significa: o direito e *Juris*: pelo direito, de direito. No trabalho procuro respeitar a escolha de cada autor.

respeito faz referência a noção de cidadão de MAUSS, que *“simboliza a totalidade de direitos que tem um indivíduo como membro de uma nação, enquanto que a idéia de pátria exprime a totalidade dos deveres que os cidadãos têm frente a nação e seu solo”*(idem). Seguindo esta perspectiva a cidadania estabelece vínculos entre o indivíduo e o Estado, ao passo que a nacionalidade o vincula a uma nação ou a um povo (ou ambos).

A regularização da cidadania italiana ao descendente de imigrante no Brasil reflete a possibilidade do cidadão brasileiro possuir dupla cidadania. Embora date de 1912 a lei que assegura aos descendentes de imigrantes o direito à cidadania italiana, foi só nas últimas décadas que os interessados começaram a pleiteá-la.

Este processo contempla relações entre dois Estados Nação, Brasil e Itália. Até 1994, os cidadãos brasileiros que optavam pela cidadania italiana, tinham que abrir mão da brasileira. Na prática, isso não acontecia, as pessoas conservavam as duas cidadanias, correndo o risco de serem descobertas⁹. Com a revisão constitucional de 1994, foi aprovada a emenda que permite ao cidadão brasileiro manter outra cidadania/nacionalidade, quando esta for reconhecida por lei estrangeira.

“O brasileiro que, por naturalização voluntária, adquirisse outra nacionalidade, teria decretada a perda da nacionalidade brasileira - artigo 12, parágrafo 4, inciso II, da Constituição da República de 1988. A partir da emenda constitucional de Revisão número 3, de 7.06.1994, está ressalvada a aquisição da nacionalidade estrangeira quando a respectiva lei reconhecê-la em caráter originário. Ou seja: o brasileiro que, pelo critério do “jus sanguinis”, for considerado também italiano, poderá ser, simultaneamente, brasileiro e italiano.”¹⁰

⁹ De acordo com o Vice-Consulado e o Círculo ítalo-brasileiro de Florianópolis - não há registro de alguém que tenha sido penalizado.

¹⁰ NALINI, José Renato (1997) - Juiz do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo e Mestre em Direito Constitucional pela USP. Internet site: www.ecco.com.br/legge/acumula.htm Capturado em 1997.

De acordo com FENILI (1997) no Direito Constitucional Brasileiro, assim como no Italiano, as terminologias nacionalidade e cidadania possuem significados distintos.

A nacionalidade no Brasil “ é o laço jurídico-político de direito público interno, que faz da pessoa um dos elementos componentes da dimensão pessoal do Estado.”¹¹

O nacional é o brasileiro nato ou naturalizado conforme rege a Constituição Federal, e o cidadão “é o nacional no gozo dos direitos políticos e que participa da vida do Estado”.¹²

No que diz respeito ao caso italiano a autora faz referencia à ZAMPAGLIONE e GUGLIELMI (1995, p.1) que definem a cidadania como uma situação jurídica subjetiva de pertencimento a uma comunidade política institucionalizada (o Estado) que contempla um complexo de direitos e deveres. (idem, 1995, p.4 e 5). A nacionalidade é definida como o pertencimento de um sujeito a uma determinada nação, entendida como uma comunidade de seres humanos com a mesma origem étnica, lingüística, histórica e cultural e que possuem consciência desta identidade.

A cidadania estaria associada a questões jurídico administrativas, enquanto a nacionalidade transcende os aspectos anteriores dando ênfase às características culturais e étnicas.

Segundo a Consulesa Maria Salamandra - Consulado Geral da Itália de Curitiba PR - , Cidadania e Nacionalidade não apresentam diferenças em termos civis ou jurídico administrativos. “Cidadania significa pertencer a um povo de um Estado e a nacionalidade pode ser mais no sentido étnico de pertencer a um povo etnicamente.”¹³

FENILI (1997, p. 21) alega que neste caso a

nacionalidade não é um instituto jurídico e sim é uma noção sociológica e cultural que pode ser comum a cidadãos de países diversos; a nacionalidade italiana compreende cidadãos de outros Estados como os da

¹¹ (MIRANDA, 1987 apud FENILI, 1997, p.20)

¹² (SILVA, 1995, apud FENILI, 1997, P. 19)

¹³ Entrevista realizada 20/08/97 no Consulado Geral de Curitiba.

República de San Marino, por exemplo, e que a cidadania é instituto jurídico que une as pessoas a uma entidade estatal, que gera direitos e deveres, por isso preferem e adotam a terminologia de cidadania ao invés de nacionalidade.

Como vimos anteriormente, os critérios definidores da nacionalidade e cidadania são *jus sanguinis* e o *jus soli*.

O *Jus sanguinis* é adotado, geralmente por países de emigração, como a Itália. De acordo com FENILI (1997) os países de emigração, ao adotarem esse critério, partem do pressuposto que, embora diminuindo sua população pela saída para outros países, não reduziriam o número de seus nacionais.

O *Jus soli* é o critério da origem territorial que, na Idade Média, foi resultado do feudalismo. Na atualidade é adotado por países de imigração, onde a nacionalidade é atribuída àquele que nasce no país. O Brasil e Estados Unidos são exemplos.

RUBEN (1984, p.64-65) observa que muitas vezes o conceito de cidadania se confunde com o de nacionalidade, pelo fato do primeiro também expressar o conteúdo jurídico da nacionalidade. Por cidadania entendem-se as obrigações e direitos, construídos juridicamente e estabelecidos por leis que regem e definem a situação dos habitantes de um Estado-Nação. Para o autor, a diferença entre cidadania e nacionalidade é sutil.

Na cidadania é o indivíduo dentro da sociedade que está em jogo. Esta dá ênfase ao respeito à individualidade de cada sujeito, e no caráter estritamente social da construção da nacionalidade. Na nacionalidade é a sociedade como um todo o que se coloca em pauta...A cidadania estabelece portanto diferentes tipos de indivíduos, explícita ou implicitamente. Assim como os grupos se processam dentro do marco das classes sociais, a cidadania faz a mesma coisa no marco da construção da nacionalidade.(RUBEN, 1984 p. 66-67)

Para JELIN (1994, p.45) tanto a cidadania quanto os direitos estão sempre em processo de construção e mudança. Para esta autora na teoria democrática a

noção de cidadania¹⁴ está ancorada na definição legal dos direitos e obrigações que a constituem.

1.2 - Etnicidade

De acordo com ROYCE (1982) os estudos sobre grupos étnicos podem ser classificados em quatro abordagens. A primeira partia do conceito de conflito. Nesta perspectiva o grupo étnico poderia representar uma ameaça ao equilíbrio da sociedade. Os estudos se dedicavam a encontrar formas de controle dos grupos que não partilhavam dos objetivos da sociedade. Uma segunda abordagem seria a isolacionista, que via no isolamento a possibilidade de manutenção das características do grupo e não aculturação. Uma terceira abordagem vê na interação o principal fator de criação e manutenção da identidade étnica. Esta abordagem privilegia o processo ao invés do equilíbrio. Alguns dos principais trabalhos nesta perspectiva são os de EPSTEIN (1958) e COHEN (1969) na África e os de BARTH no Afeganistão. A quarta abordagem destaca o conceito de oposição ao qual Royce se filia. De acordo com LACERDA (1996) ainda que o conceito de identidade étnica de Royce permaneça interacionista, ela segue aqui a perspectiva de Edward SPICER, na qual o processo de oposição é essencial para persistência do grupo étnico.

De acordo com Manuela Carneiro da CUNHA (1986) a substância da etnicidade já foi pensada em termos biológicos (raça). A noção de cultura veio substituir-se à de raça, *“dentro de um movimento que se quis generoso, e certamente o foi. E já que a cultura adquirida, inculcada e não biologicamente dada, também podia ser perdida. Inventou-se o conceito de aculturação e com ele foi possível pensar na perda da diversidade cultural e em cadinhos de raças e*

¹⁴MARSHALL (apud, ROBERTS, 1997, p. 6) estabelece uma distinção sociológica entre as cidadanias civil, política e social. *“A cidadania civil é constituída pelos direitos necessários ao exercício da liberdade individual...A cidadania política é o direito de participar do poder político, tanto diretamente pelo governo, quanto indiretamente pelo voto...A cidadania social é o conjunto de direitos e obrigações que possibilita a participação igualitária de todos os membros de uma comunidade nos seus padrões básicos de vida.”*

culturas". (p. 98) A aculturação concebia a cultura como algo estático, definido. A autora chama atenção para o fato de que "a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados; é preciso perceber a dinâmica, a produção cultural". (p.101)

Este trabalho pretende analisar a etnicidade dentro da perspectiva interacionista, relacional. Para tanto destaco Frederick BARTH (1969) e suas contribuições acerca das críticas ao conceito de grupo étnico "como unidade portadora de cultura", BARTH retoma à dimensão organizacional clássica em M. WEBER, considerando mais adequado concebê-lo como um "organizacional type". Deste modo as fronteiras sociais são consideradas mais significativas que as culturas em si, pois através dessas fronteiras percebe-se as categorias de inclusão e de exclusão que norteiam o grupo étnico. Com este enfoque a teoria da aculturação não consegue mais dar conta do universo de pesquisa. A teoria de identidade ganha espaço.

BARTH nos propõe um deslocamento do olhar para as fronteiras. Temos que perceber como os grupos se vêem e são vistos pelos outros. Com isso, rompe com os modelos substancialistas, adotando o modelo relacional. As identidades não são mais resultados de heranças culturais e sim resultados de uma invenção contínua de traços culturais. A etnia vai depender da capacidade de manter simbolicamente as fronteiras culturais. A identidade não é mais um modo de ser e - sim - um jogo simbólico. É através desta abordagem que pretendo analisar a etnicidade dos descendentes de italianos.

Abner COHEN (1974) ressalta o caráter político do grupo étnico, visto como um grupo informal de interesse. A esse respeito EPSTEIN (1978) argumenta que o grupo étnico não pode ser visto apenas como um grupo de interesse, pois com este foco seria negligenciado o aspecto da afetividade, que para ele seria um dos pontos mais significativos para análise do comportamento étnico.

LEVI-STRAUSS (1977) salienta o caráter relacional da identidade, esta é concebida como "uma espécie de foco virtual", não apresenta uma existência

real, mas serve de ponto de referência para o grupo. Roberto Cardoso de OLIVEIRA (1976, p. 5) desenvolve o conceito de identidade contrastiva, com base em relações interétnicas. “a identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i. é., é a base na qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros (...) é uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente.”

KRAMER (1992) considera que os grupos étnicos em sociedades complexas se manifestam de dois modos: organizativo e simbólico neste segundo aspecto se sobressai a contrastividade expressa num jogo de oposição.

Anya P. ROYCE (1982) seguindo os pressupostos teóricos de Barth, desenvolve noções como estilo, dupla fronteira e etnicidade situacional. De acordo com LACERDA (1996) sua contribuição acontece no sentido de reforçar o escopo da reflexão em torno da relação de etnicidade e política. Para esta autora “an ethnic group is a reference group invoked by people who share a common historical style, based on over features and values, and who, though the process of interaction with others, identify themselves as sharing that style.”(ROYCE, 1982, P. 27)¹⁵

ROYCE define identidade étnica como a soma total dos sentimentos dos membros do grupo sobre seus valores, símbolos, e história comum que os identifica como um grupo distinto.

O conceito de etnicidade situacional reflete a possibilidade do uso estratégico da identidade étnica. Segundo ROYCE isto pode ocorrer quando o indivíduo tem a possibilidade de acionar ancestrais de outras etnias como forma de mudar de *status*.

ROYCE (1992, p. 28) propõe o termo *estilo* para substituir o termo *tradição*. A idéia de contínua mudança de um lado e escolha no outro é evidenciado pelo uso do termo *estilo*. Este não apresenta as conotações conservadoras flagrantes em *tradição*. Segundo a autora a idéia de *tradição* nos

¹⁵ um grupo étnico é uma referência de grupo invocado por pessoas que partilham um estilo histórico comum, baseado em características claras e valores, e quem, através do processo de interação com os outros, identificando a si mesmos como partilhando deste estilo.

remete a idéia de características conservadoras e imutáveis que são passadas de geração em geração em sua forma original. A autora se refere a *estilo* como um complexo de símbolos, formas, e orientações de valores. O termo *estilo* comporta a possibilidade de “changing styles”. A ênfase aqui é na escolha pessoal, o indivíduo é concebido como um “choice-maker”.

Vários autores têm enfatizado que tradição e modernidade não são termos opostos. RABINOW (1978, p. 1) em seu livro - “Symbolic domination - cultural form and change in Marroco” - destaca que tradição e modernidade não são necessariamente termos opostos.

John e Jean COMAROFF(1992) sugerem que os antropólogos devem estar atentos para as palavras que comumente são colocadas ideologicamente em oposição como: cosmologia/história, Modernidade/tradição, simples/complexo, etc. A pseudo-história geralmente veste-se com estes dualismos alimentando um ou outro, caricaturando realidades empíricas para revelar significados.

OLIVEN (1993, p. 83) destaca que “*o culto à tradição, longe de ser anacrônico, está perfeitamente articulado com a modernidade e o progresso*”. O passado invocado no presente pela tradição tem se tornado uma característica comum em países ou regiões que vivem processos de transformação.

Amado Luiz CERVO (1992), em sua pesquisa sobre as relações históricas entre Brasil e Itália, ao focar o papel da diplomacia, observa que na década de 30 (1930) as relações culturais (entre Brasil e Itália) eram vistas pelo governo italiano como instrumentos de penetração e influência e construção de imagens positivas, que seriam favoráveis ao fascismo e aos negócios italianos. Com o desenvolvimento do nacionalismo de cunho fascista no Brasil, especialmente o desenvolvido por Vargas, percebe-se um confronto de nacionalismos (italiano e brasileiro). O nacionalismo brasileiro pregava que “*a italianidade deveria ser devorada pela brasilidade.*” (p.142)

Além da repressão da italianidade por parte do Estado brasileiro, MOMBELLI (1996) destaca que nos anos 60 os meios de comunicação, em especial a televisão, difundiam valores que refletiam uma “*aversão à herança dos*

colonos: para prosperar era necessário esquecer as raízes, modificar o modo de falar, ouvir música estrangeira (americana), romper com a família e a religião.” (p.47)

Com o centenário da imigração italiana no Brasil em 1975, inicia-se timidamente o movimento que procura reviver a história da imigração. A Itália surge como incentivadora deste movimento. Nesta época acontece a criação de associações culturais aos moldes das que existiam no início do século.¹⁶ Atualmente os descendentes de imigrantes italianos no Brasil, passam a cultivar a tradição italiana. Essas práticas têm inspirado o chamado *resgate da cultura italiana*.

Para Manuela Carneiro da CUNHA (1986) “a *construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados seu sentido se alterou.*”(p. 101)

1.3 - A Pesquisa

A pesquisa inicialmente se destinava a contemplar o Vice-Consulado de Florianópolis e as duas Agências Consulares, uma no Oeste do Estado - Joaçaba - e a outra no Sul do Estado - Criciúma.

Através de pesquisa exploratória, constatei que Agência Consular do Sul do Estado merecia destaque face a grande procura por descendentes de imigrantes italianos. Outro aspecto significativo diz respeito à celebração da italianidade nesta Região. As festas típicas alemãs de Blumenau e do Vale do Itajaí tornaram a Região conhecida nacionalmente como a “Alemanha brasileira”,

¹⁶ Para ter mais detalhes ver trabalho de Amado Luiz CERVO (1992), que trabalha detalhadamente como foram se construindo as relações Brasil e Itália, sob a ótica das relações diplomáticas.

incentivando o turismo étnico¹⁷. O Sul do Estado, por sua vez, aposta nos descendentes de imigrantes italianos e suas *tradições*, através de suas festas típicas, para criar a sua marca enquanto Região. Artigos na imprensa destacam: “*Sul catarinense tem sotaque italiano*”, afirmam: a *Itália é aqui*. Segundo as reportagens¹⁸, a Região conservou tradições que se perderam na Itália européia atual e isto tem sido motivo de orgulho para os “*italianos do Sul do estado*”, recebendo apoio e incentivo do governo italiano. Uma das cidades que vem ganhando destaque é Urussanga, que inclusive foi eleita a capital italiana de Santa Catarina.

O Vice-Consulado de Florianópolis foi o ponto de partida para a pesquisa. Obtive informações gerais sobre o funcionamento do Consulado e das agências consulares, endereços de algumas instituições italianas e inclusive agenda com festas típicas italianas no Estado.

Em julho de 1997 fui até Joaçaba para entrar em contato com a Agência Consular do Oeste do Estado. Nesta cidade, a Agência não dispõe de um espaço próprio: ela funciona junto a uma concessionária de carros. O proprietário da concessionária também desempenha o papel de Agente Consular. Este confirmou a hipótese de que o Sul do Estado apresenta uma procura intensa pela cidadania italiana. Mostrou-me oito processos que havia acumulado durante os últimos dois meses, número insignificante se comparado ao Sul do Estado.¹⁹

Os primeiros contatos com o Sul do Estado se deram em Urussanga na festa “*ritorno alle origine*”. Cabe enfatizar que não conhecia a Região, fui até Urussanga motivada pela festa típica e para conhecer a “*capital italiana de SC*”. Fiquei hospedada em um orfanato, “Paraíso da Criança”, que havia sido improvisado como hotel, face a deficiência destes na cidade. Logo nos primeiros contatos pude perceber muitas pessoas com dupla cidadania²⁰ na cidade, que

¹⁷ A esse respeito ver trabalho de FLORES, 1997.

¹⁸ SCARDUELLI, (1997, p. 60)

¹⁹ Segundo a secretária da Agência Consular do Sul do Estado a média é de 8 a 10 processos por semana.

²⁰ Em Urussanga me informaram que havia uma média de 70 pessoas com cidadania italiana trabalhando na Itália e Alemanha.

lembrava um palco onde a italianidade era representada num espetáculo grandioso. Suas ruas enchiam-se de bandeiras italianas e as vitrines de antigos objetos e fotos dos pioneiros entre ícones da italianidade: polenta, queijo, salame e vinho.

Eu, que nasci em Concórdia no Oeste do Estado e moro em Florianópolis desde 1986, nunca havia presenciado algo parecido àquela manifestação pública de italianidade. Lembrei-me de Blumenau, da Oktoberfest, que celebra a cultura alemã. Estas primeiras impressões levaram-me a questionar e refletir sobre estes acontecimentos, seus símbolos e significados no tempo e no espaço.²¹

A pesquisa centrou-se no Sul do Estado e teve início no segundo semestre de 1997, seguindo até meados do primeiro semestre de 1998. A secretária da Agência Consular de Criciúma no Sul do Estado foi uma das mais importantes informantes. Forneceu-me listas com nomes e endereços de associações italianas, além de indicar inúmeros casos para entrevistas.

Geralmente ficava hospedada em Criciúma e desta cidade me dirigia para as cidades vizinhas: Urussanga, Cocal do Sul, Siderópolis/Rio Jordão, Nova Veneza e Orleans. Em Criciúma, além de acompanhar o dia-a-dia da Agência, dela obtinha novos endereços que me rendiam novas entrevistas. Ocorre que essas entrevistas não se restringiam apenas ao meio urbano e, assim, entrevistei alguns agricultores que estavam se preparando para trabalhar no exterior com a cidadania italiana.

Enquanto isso, procurava seguir o roteiro étnico cultural visitando museus, centros culturais ou bibliotecas em toda cidade. Nem por isso perdia os contatos com Florianópolis e seu Vice-Consulado, onde participava do curso de língua e cultura italiana ali promovido. Foi em tal contexto que entrevistei representantes de algumas associações italianas locais.

Antes de iniciar qualquer entrevista, além de me apresentar e esclarecer os objetivos da pesquisa, sempre deixava claro quem me havia indicado, fornecido

²¹ Participei de festas típicas italianas em Urussanga, Blumenau, Nova Trento, Criciúma, Nova Veneza.

telefone, endereço. Cada pessoa que eu entrevistava indicava outras a serem entrevistadas. O fato de ter indicação de alguém conhecido facilitava o acesso à pessoa visada.

Evitei colocar os nomes reais das pessoas. Caracterizava-as pela sua idade, geração e cidade, preservando assim a identidade dos entrevistados. A grande maioria não se opunha à divulgação de seu nome, mas em respeito a algumas pessoas, especialmente as que se dirigiram aos Estados Unidos, resolvi, para não abdicar de um critério, suprimir os nomes reais de todos, mesmo daqueles que não estavam a exigir isso.²²

Ao todo foram gravadas 42 entrevistas, sendo que outras 5 foram realizadas para complementar a pesquisa. As entrevistas seguiam um roteiro com questões específicas, mas às vezes o roteiro ia sendo abandonado, possibilitando o surgimento de novas questões.

Para realizar as entrevistas, eu me dirigia à casa dos entrevistados, embora por questão de disponibilidade, algumas delas tenham acontecido nos locais mais inusitados como bares, pizzarias, lojas, oficinas mecânicas, bibliotecas e praças. Muitas entrevistas eram constantemente interrompidas para que o entrevistado atendesse telefone, funcionários etc.

Além das entrevistas, também praticava a observação participante, seja em instituições italianas - associações ou consulados - como também em festas típicas das quais participei. Em algumas residências, no momento em que entrevistava uma das pessoas, outros familiares participavam, relatando suas experiências e histórias de vida. Durante a pesquisa usei o diário de campo para registrar informações. Terminou repleto de mapas com endereços. Enquanto aguardava nas rodoviárias, ali registrava as impressões acerca da experiência diária.

Durante o período da pesquisa consultei vários *sites* na Internet, sobre cidadania italiana, na sua maioria provenientes de São Paulo. Foram muito úteis

²² O nome fictício e a simples supressão do nome real deixam ainda claro que não estamos ante as pessoas originais, mas com reelaborações (verídicas) do etnógrafo das impressões colhidas no campo.

para complementar dados referentes à questão legal, e de experiências de busca pela cidadania italiana.

No *Site* Vitrine deixei um anúncio sobre minha pesquisa²³, com endereço para que as pessoas entrassem em contato. Na maioria das vezes as pessoas faziam contato com intuito de que eu pudesse ajudá-las a encontrar documentos. Embora o texto deixasse claro meu objetivo e proposta, novamente esclarecia não buscar documentos e, sim, pessoas que os buscavam. Acabava me correspondendo e colhendo informações sobre o tema. Recebi muito material e algumas matérias interessantes que me enviavam graças ao endereço deste site.

A etnografia contemplou basicamente descendentes de imigrantes italianos de 2ª a 3ª geração²⁴ e não esteve restrita apenas a uma camada social, pois a busca da cidadania italiana não interessa apenas a uma determinada classe social, mas suscita interesses dos mais variados e por vezes até contraditórios.

O trabalho está dividido em quatro capítulos que procuram abordar a trajetória dos imigrantes italianos aos emigrantes ítalo-brasileiros. No primeiro capítulo trabalho a imigração, o contato dos imigrantes italianos com o indígena, a construção da italianidade no Brasil, as fronteiras étnicas. A repressão desta italianidade no governo de Vargas. Analiso o “mito do sangue” na representação dos descendentes de imigrantes italianos do Sul do Estado.

No Segundo capítulo abordo a redescoberta da italianidade pelos descendentes de imigrantes italianos do Sul do Estado de Santa Catarina na atualidade. O objetivo deste capítulo é demonstrar que o movimento pela busca da dupla cidadania, acontece em um contexto em que a italianidade é celebrada de forma mais intensa. Analiso os projetos de turismo étnico e cultural, as festas típicas italianas, que estão aflorando na Região. As relações entre Brasil e Itália via *gemellaggio* - pacto de cidades irmãs - e associações italianas. Também

²³ Ver anexo.

²⁴ A definição de geração em muitos trabalhos consultados é variável. Uns definem o imigrante que saiu da Itália como a primeira geração. Neste trabalho definirei geração conforme o ordenamento legal a concebe, por exemplo, 1ª geração é aplicada ao filho do imigrante vindo da Itália que nasceu no Brasil, 2ª geração ao neto deste imigrante, 3ª geração ao bisneto, e 4ª geração ao trineto, e assim sucessivamente. A maioria das pessoas entrevistadas também definia a geração desta forma.

trabalho as festas de família enfatizando a importância que os ancestrais assumem nesses eventos.

No terceiro capítulo exploro a conquista da dupla cidadania. Abordo a questão legal e sentimental que envolve tal processo. A representação de instituições italianas e ítalo-brasileiras sobre a regularização da dupla cidadania. Analiso as expectativas dos descendentes de imigrantes que regularizam a cidadania italiana.

No quarto capítulo, abordo as experiências dos descendentes de imigrantes italianos que emigraram depois de contemplados com a cidadania Italiana. O Brasil embora seja conhecido como país de imigrantes, vem nos últimos anos apresentando um fluxo considerável de emigrantes. Neste capítulo procuro especificar como se processa esse movimento emigratório no Sul do Estado.

CAPÍTULO I- A IMIGRAÇÃO

A vinda de europeus não-portugueses para o Brasil, durante o século XIX, tem como pano de fundo o capitalismo, que aos poucos foi se impondo por todo o mundo.

Segundo DE BONI (1984), a elite burocrática portuguesa tinha interesse em transformar a colônia em país e, para tanto, incentivava a vinda de europeus. As leis que regulamentavam a imigração oscilavam de acordo com os interesses das elites nacionais. Por um lado, os grandes proprietários rurais procuravam salvaguardar seus direitos em relação à ameaça do modelo de pequena propriedade que seria implantado pelos imigrantes europeus. Por outro lado, a elite, preocupada com a formação da sociedade brasileira, buscava justamente a imigração européia, pois esta proporcionaria o esperado branqueamento da nação.²⁵

A Itália até meados do séc. XIX manteve suas atividades econômicas fundamentadas na agricultura, com a crescente industrialização da Europa, e a

²⁵De acordo com SEYFERTH (1990) a forma de estimular a imigração para o Brasil foi o decreto de D. João VI de 25/11/1808 que permitia aos estrangeiros o acesso à propriedade da terra.

A primeira experiência com a imigração européia foi a colônia de Nova Friburgo RJ, fundada em 1818 por imigrantes suíços. Na mesma época fracassa uma colônia de imigrantes alemães (Leopoldina) na Bahia. Segundo SEYFERTH (1990) este fracasso, e outras tentativas mal sucedidas, com colonos alemães no Nordeste levam as correntes migratórias européias a mudarem de rota, direcionando-se para o Sul ou para São Paulo.

Sem contar os açorianos e portugueses que entraram no Brasil após a independência, o primeiro contingente migratório mais ou menos constante foi de alemães por volta de 1824 nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Cabe ressaltar que até os anos 30 do século passado as experiências de colonização distribuíam terras gratuitamente para colonos europeus no intuito de que estes a cultivassem sem o auxílio de escravos. Os latifundiários brasileiros conseguem através de seus representantes no Congresso reverter o quadro. A partir de 1850, o governo passa as verbas destinadas à colonização para a administração das províncias, onde mais tarde são organizadas pela iniciativa privada as companhias colonizadoras que fazem da imigração um negócio lucrativo, vendendo as terras por preços super faturados. A imigração intensifica-se a partir deste período.

dificuldade de absorção dos excedentes populacionais no meio rural, a emigração foi a forma encontrada para sobreviver à nova realidade social.

De acordo com GROSSELLI (1987, p.238) “*O processo de unificação do Estado italiano e a articulação do processo de industrialização do norte da Itália, ofereceram ao Brasil esse contingente de imigrantes brancos de que este necessitava e que a Alemanha não estava disposta a oferecer*”. A Alemanha não se mostrava favorável devido às denúncias de seus emigrantes face ao tratamento recebido nos últimos tempos.

Através de cartas chegavam várias notícias na Itália sobre as condições que os emigrantes italianos encontravam no Brasil.

SANTOS (1995) em sua pesquisa com os jornais do Norte da Itália e a emigração para o Brasil (1875-1899), descreve a miséria que impulsionava a emigração na Itália. Outro aspecto interessante diz respeito as fantasias envolvendo o fenômeno migração.

Como exemplo de fantasia, SANTOS destaca as cartas dos que haviam migrado, que na maioria das vezes não queriam admitir a frustração, então enviavam cartas fantasiosas, para os que ficaram. Estas cartas eram lidas pelo padre aos domingos.

As notícias que retratavam as dificuldades enfrentadas pelos italianos no Brasil também surgiam. Mas mesmo assim havia quem duvidasse dessas informações ou considerasse os senhores italianos, os proprietários de terras, mais assustadores do que qualquer má notícia.

De acordo com TRENTA (1989) ir para América era sinônimo de libertação, as cantigas rurais aludiam a desforra em relação aos proprietários fundiários. A esse respeito, faz referência à análise de um observador da época:

Vão para a América como iriam à aldeia vizinha na festa do padroeiro, e vão em procissão, às vezes até ao som de sinos...(FRANZINA apud TRENTA, 1989, p. 31)

Mapa da Itália especificando as Regiões italianas.



1- Valle d'Aosta, 2- Piemonte, 3- Lombardia, 4- Trentino-Alto Adige, 5- Friuli-Venezia Giulia, 6- Veneto, 7- Liguria, 8- Emilia-Romagna, 9- Toscana, 10- Marche, 11- Umbria, 12- Lazio, 13- Abruzzo, 14- Molise, 15- Campania, 16- Puglia, 17- Basilicata, 18- Calabria, 19- Sicilia, 20- Sardegna.

Fonte: As Regiões. In: <http://server3.splicinet.com.br/-aci/italia/regioni.html>. capturado em 1998.

Os imigrantes italianos do Sul do Estado de Santa Catarina são provenientes das regiões 3, 4, 5 e 6, Lombardia, Terntino-Alto-adige, Friuli-Venezia Giulia e principalmente do Vêneto.

1.1 - O estrangeiro e o nativo - o embate da diferença - O contato entre europeus e índios no Sul do Estado de Santa Catarina

A Região Sul do Estado era habitada pelos índios Xokleng, ignorados pelo governo e companhias de colonização, que viam na imigração européia uma forma de povoar a Região.



Fonte: JORNAL DA MANHÃ, 25-26 de abril de 1998. p.10.²⁶

²⁶ Em anexo mapa completo de Santa Catarina.

A partir de 1870²⁷ começam a chegar os italianos. Foram criadas diversas colônias no Sul do Estado para os novos habitantes, como Azambuja e seus núcleos.

O território tradicional dos Xokleng foi, portanto, objeto de um plano de ocupação sistemático e irreversível. Os governos e as companhias de colonização estavam em acordo, inclusive, quanto à conveniência de se minimizar a presença indígena.

Diziam que os indígenas viviam no distante sertão e que esporadicamente faziam incursões às florestas e vales litorâneos. Para os colonos, a existência de índios nas terras que estavam adquirindo era mais do que uma surpresa.(SANTOS, 1997, p.20)

De acordo com o autor, em muitos casos tanto o índio como o colono foram vítimas, dos interesses do governo e companhias de colonização.

As companhias de imigração prometiam e propagandeavam que no Brasil havia uma infra-estrutura e terras, mas BELOLLI²⁸ (1998, p. 10) afirma: *o que os imigrantes encontravam era apenas algumas trilhas abertas pelos índios e muito mato.*

Estrangeiros e nativos estranhavam-se mutuamente. O medo do estranho do desconhecido era partilhado por ambos.

“Passados os primeiros anos em que estiveram observando os movimentos dos colonos, com sentimento de medo e visto de curiosidades, os índios da

²⁷ De acordo com PIAZZA (1976) os maiores fluxos da colonização italiana em Santa Catarina acontecem a partir de 1870. Em 1875 italianos do Norte e tirolezes do Sul são encaminhados à colônia de Brusque às margens do Rio Itajaí-mirim. Os excedentes das levas seguintes são encaminhados ao Sul até Nova Trento. A Colônia de Blumenau também recebe novas levas de imigrantes que desenvolvem novos núcleos de colonização (Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros, Apiúna e Luiz Alves).

Em 1877 os novos contingentes de italianos são encaminhados para o Sul do Estado onde é criada a colônia de Azambuja que desenvolve seis núcleos: Azambuja, Urussanga, Treze de Maio, Acioli de Vasconcelos, Criciúma e Hercílio Luz.

DALL'ALBA (1983,), ao se referir ao contingente de italianos de 1877, destaca que na sua grande maioria eram provenientes do Norte da Itália. Bom número deles foi colocado ao Norte entre os alemães, e o resto ao Sul, onde constituíram a colônia de Azambuja.

A partir de 1910 os imigrantes italianos provenientes do RS, fundam suas colônias no Oeste do Estado. Italianos estes provenientes em sua maioria do Norte da Itália.

²⁸ Jornal da Manhã, 25-26 de abril de 1998, p.10.

floresta, que os brancos chamavam de bugres e os Vênetsos de “bulgheri”, tentaram parar o avanço dos europeus.

Roubavam, às escondidas, instrumentos de ferro, roupas, objeto de cozinha, milho e feijão das roças e a partir de certo momento, iniciaram a matar aqui e acolá colonos que trabalhavam isolados nas roças. Era então o ano de 1881. (ESCARAVACO, 1984, p.39)”

Nessa relação de alteridades o índio é concebido como algoz, e não como vítima deste processo social e histórico.

De acordo com SANTOS (1997, p.19) “*os estoques de caça e outros recursos alimentícios que a floresta proporcionava, como o palmito o pinhão, foram logo disputados pelos recém chegados. À falta de prover suas necessidades alimentares os indígenas passaram a assaltar a propriedade dos colonos.*”

Os julgamentos de valor são mais fáceis de compreender quando estão delimitados por suas fronteiras culturais e aqueles acerca dos índios refletem a visão etnocêntrica dos imigrantes.

Estes selvagens a despeito de seu horroroso aspecto...inteiramente nus, corpos espadaúdos e tatuados, orelhas com batoque e beijos ornados com rodela, eram menos ferozes do que se possa imaginar...Na época se julgava o índio apenas como um bárbaro, ou seja, uma espécie de ente mais animalesco e feroz do que propriamente ser humano (MARQUES, 1989, p. 228 -283)

Os imigrantes italianos, como vimos anteriormente consideravam os índios como um entrave para o seu desenvolvimento. Eles foram comparados às feras da floresta.

Em Urussanga, no museu, existe uma coleção de armas antigas, junto delas encontra-se uma plaqueta com informações a respeito:

Aqui chegando, os imigrantes encontraram uma terra hostil, que tornava difícil a adaptação e a luta pela sobrevivência...Esta situação era causada pela dificuldade no desmatamento, no plantio e na construção de suas moradias. Havia ataque de índios, e animais que ocasionavam ferimentos e mortes em muitos deles.

Esta citação sintetiza pontos fundamentais nos quais os descendentes de imigrantes se apoiaram para representar a história da epopéia dos ancestrais, a luta pela sobrevivência, o sofrimento.

No hino de Urussanga encontramos muitos valores que fundamentam a história da imigração.

NA SAUDADE DA PÁTRIA DISTANTE,
NO MISTÉRIO DA NOVA NAÇÃO,
COM TERNURA ESCREVESTES URUSSANGA,
NESTA TERRA UMA NOVA CANÇÃO.

CAPITAL ADORADA DO VINHO
MONUMENTO DA PAZ TU SERÁS:
/ALICERÇAS O NOSSO FUTURO
NO TRABALHO, NO AMOR E NA PAZ/

RESPONDENDO A UMA CHUVA DE FLECHAS
ENFRENTANDO O PERIGO E A DOR,
AO NATIVO ENSINASTE CANTANDO
A LINGUAGEM SUBLIME DO AMOR.

TRADIÇÃO, LIBERDADE, HEROÍSMO,
O TEU POVO ESTÁ SEMPRE A CANTAR,
NOS VINHEDO DE POMOS ROSADOS
TEU DESTINO É VIVER E LUTAR.

URUSSANGA ÉS UM PAR DE MÃOS DADAS
NA BANDEIRA, NA FÉ, NO BRASÃO,
QUE ENTRELAÇAM BRASIL E ITÁLIA
NA NOBREZA DO TEU CORAÇÃO.
(Agenor Neves Marques)

A vida é concebida como uma luta eterna, enfrenta-se dor, sofrimento, e fome, com nobreza e heroísmo. Em seu relacionamento com os indígenas, o amor é colocado como mediador da relação, conforme sugere o hino.

A companhia de colonização Metropolitana contratava bugreiros²⁹ para a caça aos índios. Para receber o pagamento pelo trabalho, os bugreiros tinham que

²⁹ De acordo com SANTOS (1997) *As tropas de bugreiros compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria deles era aparentada entre si. Atuavam sob o comando de um líder.*

trazer as orelhas de suas vítimas. Desta forma os índios da Região foram exterminados.

De acordo com MARQUES (1989, p. 285) *“nos anos da imigração o destemido bugreiro era festejado como um herói. Hoje é considerado por muitos como um desalmado carrasco.”*

Para a população nativa, a colonização representou uma mudança acelerada, pois aquela se encontrava em situação de desvantagem no enfrentamento a ser travado com a colonização, o que sem dúvida favoreceu sua expropriação. Segundo RENK (1990), os nativos passaram a ser vistos como indesejáveis pelo Estado; portanto, precisavam ser expulsos para que os colonos pudessem ocupar a terra e, conseqüentemente, produzir.

Para Roberto Cardoso de OLIVEIRA (1976), a sociedade nacional exerce certos tipos de pressão que podem resultar no fortalecimento de um grupo étnico de forma positiva ou negativa. No imaginário da elite brasileira do final do século passado, os imigrantes europeus, além de proporcionar o esperado branqueamento da nação, também trariam o progresso, o que reforçava de forma positiva as características deste grupo étnico em detrimento dos nativos. Esta discussão também é encontrada em SCHWARCZ (1993), que aponta uma preocupação da elite brasileira no sentido de constituir uma população brasileira, sendo a imigração de europeus brancos uma forma de melhorar a constituição étnica da nação brasileira, o que sugere um nítido desprezo por populações indígenas e negras.

Muitos desses valores persistem com o passar do tempo. Um exemplo: *“Os italianos - eles não trouxeram apenas uma vontade de trabalhar, trouxeram uma civilização”*³⁰.

A profissão de bugreiro esteve a serviço do capitalismo em expansão nesta parte da América.
p.28

³⁰ Manchete de comemoração dos 100 anos da imigração. Revista Veja, 19/08/75, p.46.

1.2 - A construção da italianidade e as fronteiras étnicas

A Itália foi se tornando, para os imigrantes no Brasil, um ponto de referência paradoxal na medida em que era ao mesmo tempo uma abstração já que concluíra recentemente sua unificação. Esta referência serviu como marco para a identidade étnica do grupo.

Ninguém falava italiano aqui todos falavam o dialeto de onde vieram, os vênnetos falavam o vênneto, os bergamascos falavam o bergamasco. Lá na Itália havia divergência entre as regiões, aqui não. A contingência do sofrimento uniu todos eles, a diferença da Itália para cá uniu eles no aspecto religioso. A religiosidade aqui é um marco da história de Urussanga dificilmente um italiano aqui abandonava sua religião, muito difícil. Como também guardam a sua tradição. A Igreja católica está se modernizando, é obrigada fazer isso porque o mundo está evoluindo. Nessa região são tradicionalistas de sangue. (84 anos, 1ª geração, morador de Urussanga)

RENK (1990) constata em sua pesquisa no Oeste do Estado, que o isolamento espacial a que os imigrantes estiveram submetidos e o uso da língua italiana, embora internamente esta apresentasse uma diversidade de dialetos, contribuíram num primeiro momento para a formação do grupo étnico.

Internamente, os italianos, identificavam-se em relação à Região de procedência, como vênnetos, trentinos, lombardos, mas externamente, em relação aos indígenas, negros e aos luso-brasileiros *qualificavam-se como italianos, avaliando etnocentricamente o outro que, por sua vez, é transformado literalmente no outro.* (RENK, 1990, p. 133).

Meu pai sempre dizia que ele duvidava se os bergamascos faziam parte da raça italiana. Eles são bravos, a língua deles é bem difícil. Entre os italianos aqui da Região, os bergamascos eram os mais diferentes. Eles são trabalhadores, não são que nem os baieco³¹, mas são uma gente bem brava. (45 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

³¹ O termo baieco apresenta uma conotação depreciativa, atribuído aos que não têm origem. Segundo um informante, não ter origem significa não saber sua procedência, não saber

O provérbio italiano sugere diferenças regionais entre os italianos.

*“Veneziani, grandi signori! Padovani, grandi dottori! vicentini, magna gatti! trevisani, pan e trippe! Udinesi, castellani! Rovigatti, bacco e pippe! ma bellunese, tutti matti! Ghe né anca de piú tristi. Bergamaschi, brusa Christi.”*³²

As diferenciações internas e o estranhamento são revelados dentro do próprio grupo, mas quando comparados aos “outros”, as diferenças internas não desaparecem, mas são enfatizadas as semelhanças, como no caso a disposição para o trabalho.

Um morador de Cocal do Sul afirma que no passado a intolerância étnica era muito intensa.

Sabe hoje em dia é feio você dizer que não gosta de negros, mas no início do século eles não podiam nem andar pela rua central da cidade, porque senão eles apanhavam. Os poloneses eram chamados de povos sem bandeira. As brigas foram tantas que tiveram que construir duas igrejas uma para cada (italianos e poloneses), muitas vezes o pessoal ia até a igreja dos poloneses só para imitar o jeito deles falarem. (72 anos, 2ª geração, morador de Cocal do Sul)

Sabe, aqui na nossa região, no começo era uma colônia italiana só, muito forte, depois houve a mineração e vieram o pessoal do litoral para trabalhar nas minas, e nós chamávamos eles de baiechi. O racismo aqui era muito forte, tanto que a minha nona, não deixava casar com brasileiros (negros, índios) e nem com baiechi.

A minha mãe não deixava brincar com os baiechi, eles viviam sem roupa, nariz remelento, eles eram de outros costumes completamente diferente dos nossos. Eles casavam, separavam se amontoavam, era outra mentalidade. Até a alimentação era diferente. “Era tudo outro”, é impressionante. Minha mãe não deixava, mas eu não sabia porque. O

de qual país vieram os ancestrais. Baiechi é o plural de baieco em italiano. Não encontrei um consenso nos critérios que classificam os baiecos. Ora o termo baieco é atribuído aos açorianos, ora se estende a índios e negros.

³² Venezianos, grandes senhores! Padovanos, grandes doutores!, Vecentinos, comem gatos! trevisanos, pão com tripas (salames)!, Udineses, de castelos!, Rovigattos, bacco (Deus do vinho) e pippe! mas belluneses, todos loucos! Existem ainda os mais tristes. bergamascos, queimam Cristo. (FONTANELLA, 1993, p. 40)

nosso costume era de ir para escola e não ficar brincando depois, mas sim ajudar em casa, a hora de folga era pra trabalhar.

Já os baiechi, os homens trabalhavam na mina, as mulheres não tinham quintal, era tudo chão socado, casinha de madeira pobre, comida ruim, eram mal alimentados, não tinham verduras, não tinham frutas, não tinham vaquinha de leite, o porco, a galinha.

Os italianos eram pobres mas tinham tudo, frutas, verduras, animais domésticos. Eles não tinham nada, comiam pirão, feijão e carne seca. Eu lembro que o meu tio contava que a professora soltava os alunos da escola em horários diferentes, os italianos saíam 15 minutos antes que os baiecos para eles não brigarem. Mas mesmo assim eles ficavam esperando atrás da moita e brigavam do mesmo jeito. Naquele tempo eu não entendia porque meus pais não deixavam a gente brincar. Sabe ainda existe um pouco essa coisa depreciativa com baieco, mas já está mudando. (52 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Os colonos, na transição da condição de deserdados na Itália para a de proprietários no Brasil, atribuem esse sucesso à ação do trabalho. Neste sentido, RENK (1990, p. 159) chama atenção para a estreita relação entre tempo e trabalho: *“Colado à concepção do trabalho, está a representação do tempo. Este é naturalizado, daí a compulsão do trabalho em não perder tempo. É sempre pensado na lógica do ganho ou da perda.”*

Os valores dos colonos estavam pautados na ideologia capitalista. Quando eles se referiam aos nativos evidenciavam as diferenças, que eram avaliadas de forma etnocêntrica. A principal característica que lhes atribuíam era a resignação à pobreza. Para os italianos, *“somente quem trabalha vai para frente, vence, tem condições de melhorar de vida. Todas as interferências externas - como as decisões políticas e econômicas do país - não são consideradas.”* (MOMBELLI, 1993, p. 06)

O desenvolvimento econômico da região Sul geralmente é associado a imigração européia, isto é evidenciado na declaração de CÂMARA (1940, p. 31) sobre a colonização em SC³³ *“A colonização determinou benefícios acentuados ao Estado. Não somente econômicos, como étnicos e sociais”*. De acordo com o

³³ No início da colonização no Sul do Estado a economia esteve baseada na agricultura com a construção de engenhos, alambiques e moinhos. Como a introdução da ferrovia na região, um grande impulso foi dado ao comércio. O extrativismo de carvão mineral é implementado a partir de 1918. Outra fonte de economia na Região é o setor da cerâmica.

autor, a economia cresce à medida que chegam os colonos europeus, estes para o autor, apresentam o perfil ideal para a constituição da nação, o único inconveniente diz respeito à segregação social e a inassimilação destes frente a sociedade brasileira.

No Brasil os republicanos entendiam que a constituição da nação era uma condição inevitável para se alcançar o progresso e a civilização. Estes alardeavam que quanto mais progresso houvesse mais chances os cidadãos teriam de participar da riqueza e da determinação dos rumos políticos da nação. De acordo com SALLES (1986, p. 109) *“ao se colocar no mesmo plano, imigrante e progresso, como algo a ser transplantado de fora para dentro, o negro aparece, também mecanicamente, como elemento a ser apagado da memória.”*

Com a abolição da escravatura o trabalho passa a ser ressignificado. *“O trabalho, ao ser identificado com o ato que enriquece, deveria se libertar da figura do trabalhador escravo-negro. Da mesma forma que seria identificado como atividade enobrecedora, praticada por brancos civilizados”.* (SALLES, 1986, p. 70)

Os descendentes de imigrantes italianos constroem sua identidade sustentados pela idéia do trabalho. Nós somos os trabalhadores em contraste ao indígena, negro e ao luso-brasileiro que são considerados ora como não trabalhadores, ora como grupos que trabalham pouco.

De acordo com a representação de BARINDELLI (1997, p.4) membro do Conselho Geral de Italianos no Exterior.

a imigração italiana é um movimento da nação. Que não é planejado pelo governo...O povo saiu. Precisava e saiu. Entrou na casa dos outros. Não entrou com força, entrou pedindo licença de entrar e ocupou um espaço. Ocupou um espaço em função das próprias capacidades. O povo que saiu, que está fazendo grandes fábricas, grandes projetos em todo mundo, produziu resultado em todo o mundo.

O trabalho dos imigrantes italianos é apontado como critério diferenciador de outros grupos também em outras partes do mundo.

1.3 - Nacional ou estrangeiro?

HALL (1993) considera o nacionalismo um tema complexo, não sendo possível desenvolver uma teoria universal que de conta das suas inúmeras manifestações empíricas. Seguindo a mesma perspectiva SNYDER, (apud LEGOFF, 1985, p.277) *“o nacionalismo reflete o caos da própria história. Enquanto fenômeno histórico, é sempre movediço, alterando-se segundo modelos imprevisíveis, é multiforme, desordenado, obscuro irredutível a denominadores comuns.”*

Nos anos 20 e 30 no Brasil, triunfa o nacionalismo conservador e autoritário, que se nutria de ideologias fascistas, tendo sido a base para a ideologia do Estado Novo. A campanha de nacionalização foi instituída por Getúlio Vargas, após o golpe de 1937. *“O programa de ação dessa campanha tinha como premissa erradicar as influências estrangeiras atuantes principalmente nos três estados do Sul, e incutir nas populações de origem européia (especialmente alemães, poloneses e italianos) o sentimento de brasilidade.”* (SEYFERTH, 1981, p.175).

As primeiras medidas para atingir a pretendida nacionalização foram o fechamento das escolas, *“...durante a nacionalização, nas escolas, queriam que nós falássemos português da noite para o dia...”*³⁴ O Exército divulgava propagandas dos valores nacionais para atingir a população, como por exemplo: *“Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor.”* Nos correios, repartições públicas e bancos foi colocada a inscrição: *“Fale a língua nacional para ser entendido.”*³⁵ MOSER (1995) descreve a repressão que os italianos do Vale do Itajaí sofreram por parte do Estado.

³⁴ Depoimento teuto-brasileiro, In: SEYFERTH, 1981, p. 194.

³⁵ (SEYFERTH, 1981, p. 194).

De acordo com RADIN (1995) o Estado passou a se preocupar com a educação dos imigrantes no momento em que forjava uma identidade nacional³⁶. A educação escolar neste momento passa a ser uma obrigação oficial e não um direito da população.

Meu pai não se tornou um analfabeto porque o governo italiano é que mandava recursos para que ele pudesse estudar. Os professores vinham da Itália. Meu pai foi alfabetizado em língua italiana. (52 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Para RADIN há uma ruptura no discurso oficial que via nos imigrantes a perspectiva da civilização, estes passam a ser vistos como uma ameaça ao país. A repressão à italianidade é intensa. O uso da língua e dos dialetos italianos se restringe aos ambientes domésticos.

De acordo com SEYFERTH(1990), a campanha de nacionalização, de certo modo, eliminou os canais formais de atualização da etnicidade, ao proibir o ensino da língua estrangeira, publicação de jornais, revistas, etc. Portanto, as identidades étnicas da maioria dos grupos descendentes de imigrantes têm como base, atualmente, critérios que foram elaborados no passado.

³⁶ O grande dilema dos intelectuais brasileiros do final do século é o de construir uma identidade nacional. De acordo com SCHWARZ (1993, p. 169) “o intelectual era aquele que ia à filosofia apenas para encontrar os fundamentos necessários para lidar com os problemas locais: a miscigenação, o atraso, a pobreza, o parco desenvolvimento.” O intelectual apresentava uma compreensão por vezes ingênua de que o Brasil dependia deles.

Esse sentimento parece marcar profundamente os intelectuais do movimento modernista. De acordo com Hélio R. S. SILVA (1993) o processo modernista apresenta dificuldade em lidar com a diferença, reconhecer a pluralidade nacional e seus projetos distintos de vida coletiva. Vivenciavam o culto ao marco zero, tudo estava por fazer. Estava em suas mãos o futuro da nação.

Os modernistas seriam intérpretes do Brasil, com o objetivo de “criar” ou “interpretar” a cultura brasileira, sem um conhecimento sistemático ou mais amplo das sociedades brasileiras. (SILVA, 1993, p.49) Criando o que este autor chama de discurso projetivo, que seriam projeções a partir de experiências parciais e parcializadoras.

Os modernistas fundam seu movimento na valorização dos temas nacionais, a consciência da mestiçagem, a reabilitação de grupos de valores marginalizados (índio, negro, proletário).

Para CANDIDO o nacionalismo na década de 30 “era, aos trancos e barrancos, uma grande aspiração de pesquisar e definir a identidade do país.”(1995, p. 13)

De acordo com SILVA (1993) o próprio Getúlio Vargas se apropria da produção modernista para fundamentar seu discurso sobre a coesão nacional.

1.4 - Tá no sangue...

O “jus sanguinis” também chamado “direito de sangue”, que muitas nações modernas adotaram para determinar a nacionalidade de seus cidadãos, está pautado na descendência. O antigo direito romano usava esse critério para diferenciar cidadão romanos do Império dos habitantes do mesmo.

O direito de sangue quando associado à idéia de homogeneidade étnica da nação dá margens a muitas interpretações.

Em todos os eventos em que a italianidade é celebrada, o discurso envolvendo a expressão “sangue italiano” é muito veiculada, pressupondo a idéia de que na Itália haja uma certa homogeneidade, o sangue é usado como sinônimo de nacionalidade.

A lei italiana sobre o “jus sanguinis” - basta ter sangue italiano para ser italiano - data de 1912. A esse respeito o Cônsul-Geral de São Paulo, Sr. Antônio Di Stefano³⁷, alega que quem tem *sangue* italiano não é descendente - é italiano. Para este, descendente seria aquele que tem antepassados italianos, mas segundo as leis não têm direito à cidadania.

Neste sentido a regularização da dupla cidadania significa também a legalização da ascendência do sangue. A comprovação legal desta italianidade.

De acordo com COMAS (1970, p. 22-23)

o “mito do sangue” como um critério decisivo para avaliar o valor de um cruzamento existe até nossos dias e os homens ainda falam de “sangue” como um veículo de transmissão dos caracteres hereditários...”sangue” é também usado como sinônimo de nacionalidade: “sangue” germânico, “sangue” espanhol, “sangue” judeu.

³⁷ Entrevista concedida à revista “Gazzetino Brasile” - Julho/agosto de 1991. p. 7.

Para COMAS isto acontece devido ao fato das pessoas desconhecerem que o sangue não tem nada a ver com o processo genético.

Na maioria das entrevistas, o sangue é representado como sendo o transmissor da herança genética e moral dos ancestrais. Trabalho aqui com as definições nativas de consangüinidade.

Acredito no sangue italiano, é toda uma carga genética, toda uma bagagem genética que a pessoa traz, que a distingue como italiana, desde de o modo de falar, da constituição física, das preferências, das identidades, do gosto pela polenta, do aspecto físico, as pessoas são mais fortes normalmente, têm uma constituição - mais a região Vêneto, eu estou falando - Os valores, o amor à vizinhança, o amor à propriedade, à religião, à educação. (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

De acordo com esta representação, o “sangue italiano” comporta toda uma carga de valores, valores estes que evidenciam características positivas, auto-atribuídas, e que se constituem nos pilares que sustentam a identidade italiana.

O contato com os parentes distantes e a identidade entre estes também são vistos como fruto de uma ligação de sangue.

Fomos para a Itália, eu meu tio e minha tia, marcamos com uma parente em um hotel em Veneza. Essa parente que se correspondia com o meu nono (estava bem velhinha), foi até lá, a 140 quilômetros da sua cidade. Ela chegou de noite. Sabe, a gente colocou para ela assim: “sabe quando tu vê, são pessoas estranhas que tu nunca viu na tua vida, de repente tu vai dizer são parentes. Eu falei para ela que a gente tinha muita dúvida pra saber como ia ser aquele encontro. Se realmente significava alguma coisa, se tinha importância, e olha o que ela me respondeu: “Guardi che c'è sangue qui, no acqua” (Olha, o que tem aqui é sangue, e não água) a minha tia debulhou em choro, foi uma cena muito emocionante. (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

Neste sentido o sangue representa uma continuidade, ao passo que a água representaria a indiferença, a não ligação, o desconhecido, “o outro”.

Para Klaas WOORTMANN (1977, p. 181-2) em nossa própria sociedade, o parentesco é concebido como se fosse geneticamente determinado. “Como se diz, seria algo dado pelo sangue. Mas sangue é um símbolo.... No Brasil, os

operadores simbólicos 'sangue' e 'água', fazem a passagem de 'parente' a 'estranho', e são, evidentemente, produtos ideológicos. A genealogia biológica é um dado concreto ao qual é atribuído um conteúdo ideológico, tão arbitrário como outro construto cultural."

Ovídio de ABREU FILHO(1982, p. 98), em sua pesquisa "raça, sangue e luta: identidade e parentesco em uma cidade do interior", demonstra também que

o sangue é pensado como uma substancia transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter. Assim, se através do sangue qualidades morais são transmitidas e perpetuadas e se ele dá conta da construção do corpo e seus instintos, o indivíduo agente empírico - é representado, não como individualmente indivisível, mas como parte de uma totalidade que o transcende e o constrói.

ABREU FILHO destaca ainda que o sangue é concebido como uma categoria que articula natureza e cultura. O sangue não transmite apenas genes: *"a pessoa não nasce apenas natureza, apenas corpo. A pessoa já nasce, de certo modo, moralmente constituída, representante de uma família, de uma tradição."* (p.98-9)

A identidade italiana está pautada na tríade "trabalho, família e religião", esses elementos estão presentes na representação do sangue.

É claro que acredito no sangue italiano, é que vem vindo né, veio de lá. A região Vêneto é a melhor Região lá da Itália, são agricultores, gente trabalhadeira, e no Brasil eles vieram aqui pro Sul. Não dizem que o Sul é RS, SC, PR, são os maiores produtores, são gente trabalhadeira, isso aí vem de sangue mesmo, é sangue italiano...eu sou 100% italiana o sangue não teve nenhuma mistura, a família de meu marido é de italianos, tanto o lado materno quanto o lado paterno, e o mesmo acontece com a minha família. (40 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Quando pergunto se levou em consideração a origem étnica do companheiro, na escolha do mesmo, esta alega, que isso era uma imposição dos pais, mas que hoje em dia, percebe a importância disto. Relata a situação de insucesso da irmã por ter casado com alguém que não era de origem.

Meu pai não aceitava que nós casássemos com pessoa que não era de origem, meus filhos eu aconselho dessa forma. (40 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Esta idéia da preservação da origem, a endogamia como critério adotado para perpetuar os valores morais e físicos, também é encontrada em Ellen F WOORTMANN (1994, p. 127) que destaca a expressão *Keim*, categoria adotada pelos colonos teuto-brasileiros,

“a palavra *Keim* é definida como significando ‘princípio germinativo’, origem. Ele é transmitido hereditariamente; diz-se que está oculto no sangue: *Er steckt im Blut*, podendo implicar tanto em características físicas como morais. Equivale a uma espécie de carga genética que opera na constituição de relações sociais, inclusive como critério norteador de escolhas matrimoniais”.

Nem todas as pessoas entrevistadas partilham da mesma representação sobre o sangue italiano, ou origem italiana, não sendo possível fazer generalizações a esse respeito.

Acompanhei alguns discursos que aconteceram em aberturas de eventos. Nestes, a expressão sangue italiano aparecia com muita frequência. Quando entrevistei uma das pessoas que discursava, e pedi para que definisse o que entendia por sangue italiano, esta falou-me que usava a metáfora “sangue italiano” para representar a cultura italiana, os valores.

Outros alegavam que essa história de sangue italiano é uma coisa das pessoas antigas, que não estudaram por isso ainda usam a expressão, e do mesmo modo que a intenção do casamento endogâmico era uma coisa do passado. Mas no entanto, a idéia de que o sangue conserva valores morais, foi encontrada também em jovens com diferentes níveis de escolaridade, e não apenas em pessoas com mais idade. No que diz respeito ao casamento isso também é encontrado em pessoas mais jovens, conforme segue o depoimento.

Eu casei com um italiano, minha sogra nasceu em Modena e morreu sem falar o português, devo a ela muita coisa que eu sei dos italianos e da língua italiana. Meus filhos já estão descobrindo um pouco a importância

disso. Meu filho veio falar que sua namorada era descendente. (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

Com o movimento pelo *resgate* da cultura italiana, a Região Sul do Estado investe na imigração italiana como *marketing* turístico. Autoridades locais e associações italianas têm incentivado a cultura italiana. A busca pela dupla cidadania reflete a legalização desta italianidade. É comum encontrar a expressão sou “100% italiano” ou, se um dos membros casa com alguém de outra etnia, a alegação de que os filhos são 50% italianos. Neste sentido, a italianidade é medida através de gradações estatísticas. Demonstrando que embora a legislação faça algumas restrições ao reconhecimento da cidadania italiana pela via materna, a consangüinidade é bilateralmente reconhecida.

Em entrevista à autora, um dos participantes do projeto de preservação histórica do legado da imigração italiana no Sul do Estado de Santa Catarina adverte que em Urussanga

Todo mundo se aceita brasileiro como brasileiro nato, mas não brasileiro como brasileiro de sangue. Eu sou italiano de sangue, eu tenho sangue italiano, então tinha esse contraste. Se tu fores pesquisar tu vais encontrar que a maioria das pessoas têm orgulho de ter sangue italiano “Sou brasileiro, adoro o Brasil, gosto do carnaval, gosto do samba, gosto do feijão, feijoada” mas sou de sangue e nacionalidade italiana.

A esse respeito, Stuart HALL (1995, p. 50) faz referência a Renan que, por sua vez, defendia que as nações da Europa são nações de sangue essencialmente misturado. Lembrava que na Itália gauleses, etruscos, pelágicos e gregos, para não mencionar outros elementos, entrecruzaram-se em uma mistura indecifrável.

CAPÍTULO II - A REDESCOBERTA DA ITALIANIDADE

*Antes longe era distante, perto só quando dava,
quando muito ali de frente e o horizonte
acabava...De jangada leva uma eternidade, de
saveiro leva uma encarnação, de avião o tempo
de uma saudade...*

Gilberto Gil

2.1- O binômio tradição e modernidade na representação da italianidade do Sul do Estado de SC

O objetivo deste capítulo é demonstrar que o movimento pela busca da dupla cidadania, acontece em um contexto em que a italianidade é celebrada de forma mais intensa. Pretendo abordar aqui a celebração desta italianidade.

O Sul do Estado redescobre sua italianidade e inicia-se um processo de seu inventário na Região. As associações italianas indistintamente têm relatado seu objetivo em *resgatar* a cultura italiana. A cultura italiana, a qual se referem, diz respeito a leitura que descendentes de imigrantes hoje fazem do passado. Elegem no passado os pilares que dão sustentação para o ideal de cultura italiana, que corresponda às aspirações atuais, “modernas”, do que é ser italiano. Do mesmo modo, buscam na Itália inspiração para dar retoques na “tradição”, como por exemplo a idéia de se substituir o papai noel pela Befana - uma bruxa bondosa que voa numa vassoura - nas comemorações públicas natalinas³⁸.

De acordo com HOBBSBAWM e RANGER (1983) no livro “A invenção das Tradições” a ênfase é dada ao fato de que podem existir tradições que aparentam serem antigas, ou que se alega serem antigas mas no entanto, são bastante recentes em sua origem e em muitos casos não passam de tradições inventadas.

³⁸ Este projeto ainda não foi viabilizado, foi mencionado por uma das idealizadoras da festa Ritorno alle origine de Urussanga.

FLORES (1997) chama atenção para as novas aplicações da palavra invenção. Antes era reservada para as descobertas tecnológicas, tais como o telégrafo, o telefone etc.. Ultimamente tem sido usada para descrever diversos fenômenos históricos e construções culturais. Em seus estudos sobre festas típicas alemãs caracteriza este fenômeno como a “Indústria da tradição”. *“Resgatar a cultura é algo difícil de alcançar. Como recuperar algo que não é estático, que não tem contornos definidos, muito menos definitivos, que não é jamais pronto e acabado? A cultura, sem uma essência apriorística, é um processo dinâmico, incessante de construção e reconstrução, de invenção e reinvenção”* (p. 13). FLORES sugere o termo restauração cultural ao invés de resgate cultural, pelo fato do termo restauração contemplar a dimensão do tempo.

Segundo esta autora os fazedores das festas na Região de Blumenau prometem o *retorno da história, das tradições e dos costumes*. No Sul do Estado percebe-se um movimento semelhante na tentativa de caracterizar a Região com base na etnicidade. Neste sentido convém destacar que para BOURDIEU, (1989) *“o que faz a região não é o espaço, mas sim o tempo e a história (p.115) O discurso regionalista é um discurso performático”* (p.116). A performance do discurso é praticada pelas associações italianas. Isso pode ser percebido no depoimento que segue.

As associações italianas é que estimulam a italianidade aqui, porque a coisa é meio superficial, as pessoas só vão às festas, são acomodadas. Cabe um bom trabalho de conscientização, pois isso vai beneficiar economicamente a Região, as pessoas nem imaginam, se eles imaginassem 10 %, eles se empenhariam mais. Aqui em Nova Veneza tenho vários projetos neste sentido³⁹. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza)

³⁹ Os Projetos consistem em : A criação de um gibi com personagens que representam figuras típicas de descendentes ítalo-brasileiros.

- Projeto *nostra faccia* - nossa cara - que consiste em caracterizar todos os impressos da cidade com o logotipo do monumento ao imigrante.

- Projeto S.O.S. cultura - com o intuito de resgate da cultura italiana

- Projeto *passarella* que visa florir as ruas e entrada da cidade.

A italianidade que se quer representar nem sempre é a que é vivenciada no momento.

O que aconteceu na nossa comunidade, eu e uma amiga minha costumamos dizer, que a comunidade abaiecou, significa o seguinte: os italianos vieram para cá pobres, mas rígidos. Firmes, com princípios, duros - os homens italianos eram muito duros, de uma dureza incrível, nisso eu incluo meu avô, meu pai, meu marido - uma disciplina, um rigor, trabalho, e uma fé, uma religião, eles trouxeram isso aí. E trouxeram também um certo estilo de vida uma dignidade, umas casas sólidas bonitas. Quanto as roupas, eles podiam ter uma roupa só, mas era seda de qualidade, sapato podia ser o mesmo durante dez anos, mas era uma coisa distinta, de classe. Quando olhamos para as fotos de 1940, por exemplo, vemos como eram bonitos elegantes, agora as casas não tem mais estilo, foi perdendo aquele estilo bonito, aquele jeito de fazer igreja bonita. Hoje é tudo desajeitado sem estilo, sem postura, de chinelo de dedo. Tudo bem no passado quando se ia para a roça era com roupas todas remendadas, mas na hora de sair de casa as pessoas estavam apresentáveis, distintas, com terno, chapéu, linho. (52 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

O desleixo dos dias atuais é comparado à formalidade do comportamento do passado. É com esse toque de nobreza que o passado é invocado no presente.

2.2 - Turismo étnico e cultural

A italianidade vem se constituindo como o *marketing* do turismo local. Desenvolveram-se vários projetos de inventários da italianidade na Região. Já foi concluído o censo de italianidade em Nova Veneza e no momento está sendo realizado o censo em Urussanga⁴⁰.

⁴⁰ FUCRI/UNESC 1998 - texto apresentado na Internet - "Projeto Italianidade inicia em Urussanga - Quem são, de onde vieram e o que fazem os descendentes italianos em Urussanga? As respostas para estas perguntas começaram a ser buscadas a partir do dia 28 de março, com o início do projeto Italianidade, realizado pela UNESC em parceria com a Federação Sul Catarinense das Associações Ítalo Brasileiras (Fescaib) e recursos da União dos Trabalhadores Vênetos no Exterior (ULEV), que tem sede em Veneza, Itália. Trata-se da segunda etapa do projeto - a primeira teve início em 1996 e levantou dados sobre a imigração italiana em Nova Veneza.

Coordenada pela professora Luci Cristina Ostetto, a pesquisa deverá ser desenvolvida durante o período de 30 dias, por acadêmicos da sétima fase do curso de História da UNESC. Serão visitadas todas as residências do município, com o trabalho sendo direcionado aos

O nosso produto é a cultura italiana e as suas manifestações. Não participamos de nenhuma associação italiana. Contratamos corais compostos por pessoas daqui para animar na pousada. Bem na verdade as associações italianas elas têm o seu valor porque elas ensinam o pessoal a valorizar as origens, a não ter vergonha do sotaque italiano. A gente tem bem claro a noção da modernidade, os mecanismos que levam a facilitar a vida das pessoas. A modernidade pode ajudar a preservação da tradição. Do ponto de vista produtivo, se for uma coisa para ilustrar o turista, tudo bem que se mantenha original, agora se for para ganhar dinheiro com isso, vai ter que se modernizar. Então tem que ter as duas coisas, uma deixar como museu ali, e lá pra trás ele incrementa faz a produção dele. Por exemplo, aqui é área rural, mas tem ar condicionado e demais confortos. Se não o pessoal não vêm. Se o nosso público alvo é o pessoal da cidade a gente tem que ter o cenário ideal para eles e também o conforto que eles estão acostumados em suas casas. (30 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

Nos últimos anos a descendência italiana ganha nova roupagem, valores que serviam para depreciar são ressignificados, o que no passado significava ser grosso, colono, agora denota sinônimo de *status*. A “auto-estima” do colono descendente de italiano é algo que vem sendo trabalhado paulatinamente pelas associações italianas da Região.

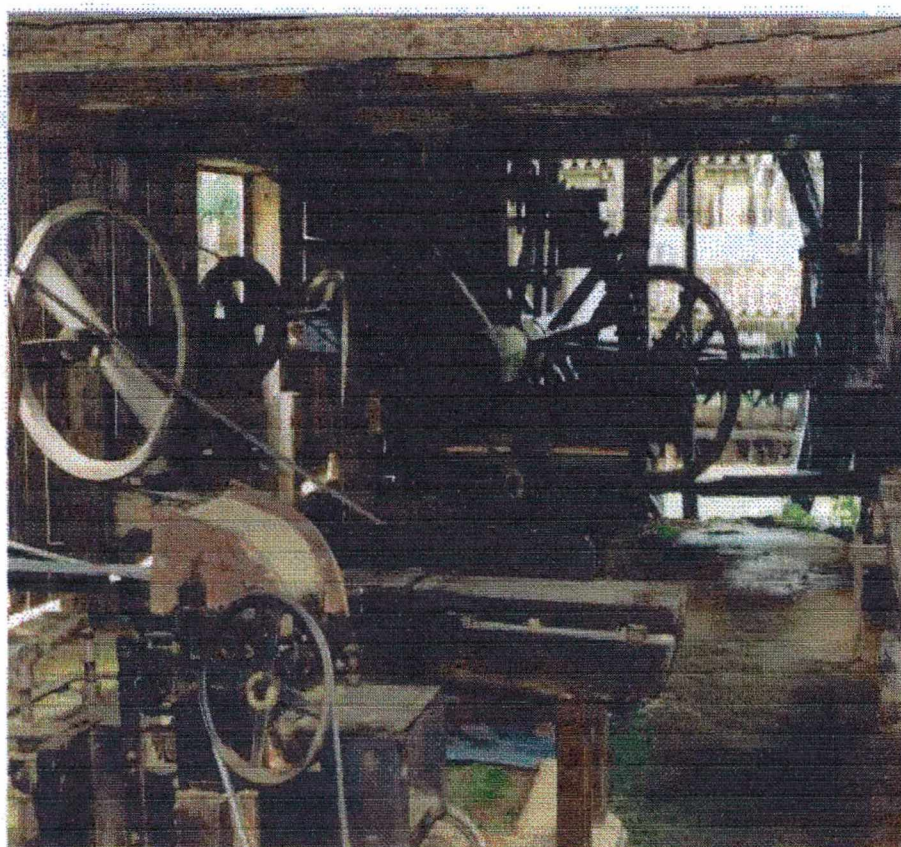
Na cidade de Orleans em 1980 foi inaugurado um museu ao ar livre - Engenhos do passado - que se apresenta como a única obra na América do Sul que mantém um registro vivo da tecnologia das indústrias familiares dos imigrantes da Região dos vales dos rios Tubarão e Braço do Norte.⁴¹ Faz parte do roteiro turístico em construção na Região. Os turistas podem “viajar” nesta história dos pioneiros, que é revelada em cada detalhe dos objetos, roupas, quadros, distribuídos minuciosamente em cada cenário. A representação do imigrante aqui é a representação do colono, do agricultor.

descendentes italianos. O estudo visa mostrar a presença italiana em Urussanga, apontando a situação sócio-econômica da população em questão.

A primeira parte do projeto Italianidade, que detectou os passos dos italianos em Nova Veneza, foi coordenada pelo professor Rodrigo Lavina. As informações foram compiladas pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos Sócio-Econômicos (Nupese), que também fez a análise do conteúdo levantado.”

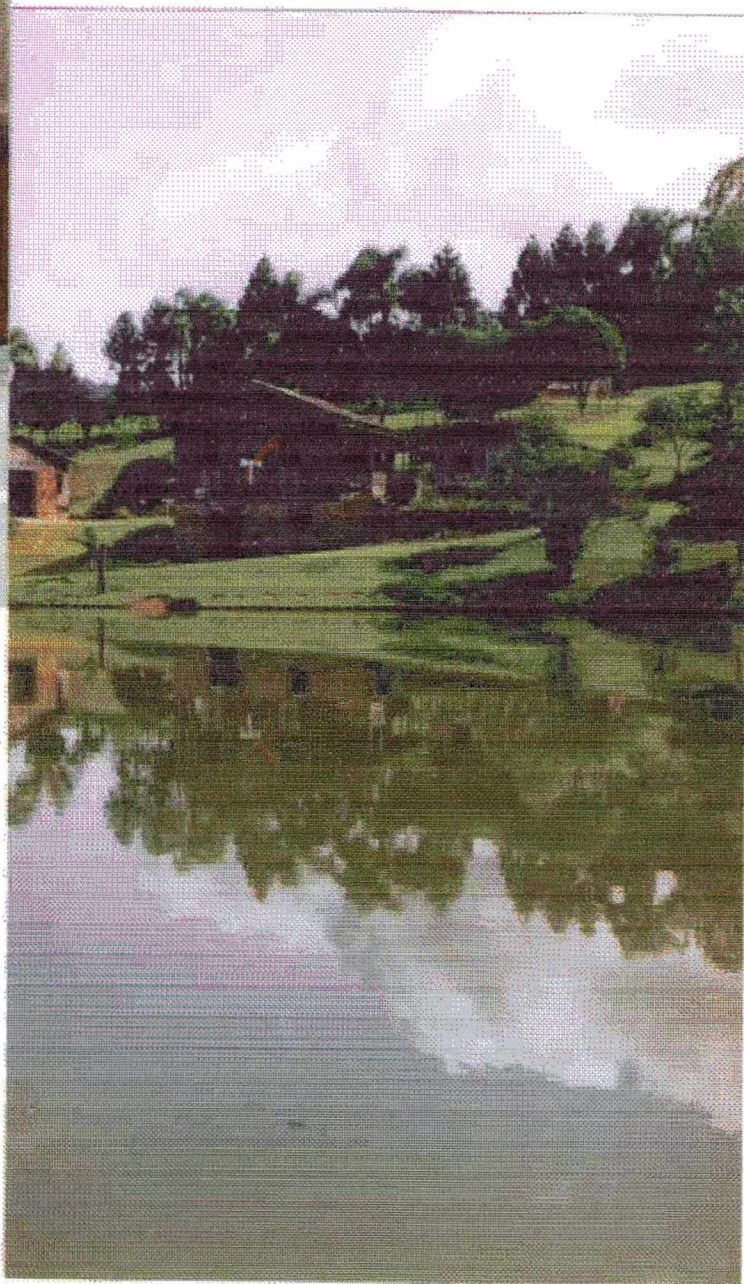
⁴¹ Este museu foi idealizado pelo Pe. João Leonir Dall’Alba. A maioria dos projetos envolvendo a questão da imigração tem como pano de fundo a presença de padres ou freiras.

Museu ao Ar Livre - ENGENHOS DO PASSADO



Tecnologias dos imigrantes

Museu de Orleans



Aspecto interno e externo da Casa
do Colono.

Até uns quinze anos atrás éramos taxados de grosso, ignorante e colono, as pessoas interpretavam desta forma. Visto que a Itália está num estágio bom, uma economia equilibrada, 5º economia mundial, estes são alguns dos motivos que levam as pessoas a valorizar esta situação, da pra se dizer que muitas vezes são movidas pela vaidade.

Nós estivemos não apenas dez mil Km afastados da Itália mas, nos ficamos mais de 110 anos afastados da Itália. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza).

Para MOCELLIN (1993)

o elo rompido com a Itália no início da colonização, quando a Itália é deixada para trás como velho mundo, começa agora a ser reatado. A dupla identidade é um sinal de reatamento, pois as formas utilizadas para reafirmar a identidade italiana aproximam os descendentes de seu país de origem. Atualmente, e sobretudo para as gerações mais novas, o velho mundo passa a ser o Primeiro Mundo em oposição ao Brasil que é considerado Terceiro Mundo.(p. 188)

Associado do “Friulli nel mondo”, alega que foi a Itália que iniciou o movimento pelo resgate da cultura. Fala que antes disso existiam algumas associações italianas mas sem muito contato com a Itália.

Hoje em dia as associações são uma espécie de filial das que existem na Itália. O movimento pelo resgate da cultura italiana começou há muito tempo na Itália, eles sentiram a necessidade de resgatar alguma coisa e divulgar também a Itália, porque eles não são bobos. O italiano existe no mundo inteiro, então se eles perdessem a identidade deles, eles seriam um país muito pequeno. Assim a Itália é grande porque tem 60 milhões na Itália e tem 70 milhões fora da Itália.

O movimento seguinte, foi o regional - pois a região buscava auxiliar as pessoas da região. Mas teve um congresso de Friulanos que eu participei agora na Argentina em que discutiu-se exatamente o contrário, as últimas idéias que estão surgindo já não são tão individualistas.

Antes do contato com a Itália nós tínhamos uma associação para poder falar a língua, fazer alguns jantares, encontros...(50 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

No Brasil inicialmente existiam associações, *circolos* e *istitutos* italo-brasileiros. Posteriormente surge o movimento regional que consiste em agregar em associações, descendentes provenientes das mesmas regiões italianas.

Eu ainda participo da italo brasileira mas depois que organizei a documentação para a dupla cidadania e comecei a me interessar mais pelas coisas da Itália eu quis participar da associação dos meus de lá. Antes a Itália era tudo igual pra nós, agora a gente sabe a diferença que tem o Norte do Sul. E também a gente foi até lá conhecer e percebe que cada lugar é de um jeito. (41 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

As gerações mais novas fazem o movimento contrário dos imigrantes, para os imigrantes a Itália era uma abstração, eles se identificavam com a Região de procedência. Para a geração atual, a descoberta da Região italiana de procedência dos ancestrais, geralmente tem sido posterior, sua primeira referência era a Itália.

A maioria dos representantes e membros de associações consultados alegam que mantêm contato com as associações italianas, dividem projetos, mas que também têm autonomia para gerir seus projetos além de seguir estatuto próprio.

Associações italianas defendem como principal objetivo o *resgate* da cultura italiana, a promoção e a divulgação da tradição, da cultura e da língua italiana. Encontrei como presidente de uma associação italiana um descendente de alemães, casado com uma descendente de italianos e que se diz apaixonado pelo projeto e também nunca ter encontrado problemas pelo fato de não ter origens italianas. Durante a pesquisa pude sentir uma grande proximidade entre essas duas etnias.

Nas últimas décadas, surgem programas de rádio em italiano, cursos de língua italiana, movimento que visa recuperar a italianidade reprimida na era Vargas.

Na festa *Ritorno alle Origine* (1997), conversei com a representante da Secretaria da Cultura sobre o projeto de *resgate* da cultura.

A experiência que eu vou te colocar é a seguinte, em 1983 meu marido assumiu a prefeitura. aí ele me convidou para participar da secretaria da educação e cultura.

Ao pensar sobre o que eu ia desenvolver eu percebi que a gente morava num lugar que era essencialmente italiano, de natureza de origem, e era

uma coisa que não estava sendo valorizada. Quando a gente sala de Urussanga, o pessoal nos tratava assim: italiano polenteiro, ou então imitavam o sotaque italiano. Bom eu constatei que a gente era isso mesmo, a gente é isso mesmo, a gente tem que assumir.

Era uma coisa que estava morrendo 100 anos de distância totalmente isolados, a gente não teve mais contato a não ser os primeiros imigrantes. Existem muitas histórias que se perderam..

Nos tínhamos um museu itinerante que sempre se perdiam peças, então conseguimos um espaço fixo. Outra coisa que pretendemos resgatar é a culinária, a música.

Nisso surgiu a idéia de construir o complexo cultural. Contratamos o arquiteto. Meu marido disse para que eu passasse para ele mais ou menos o que eu pensava. Eu disse meu sonho é fazer um complexo cultural, eu queria biblioteca, museu, teatro anfiteatro. Ele mais ou menos projetou a minha idéia, tem algumas coisas que não puderam ser implementadas no mandato do meu marido.

Olha a Oktoberfest de Blumenau inicia mais ou menos no mesmo período em que nós começamos a implementar a festa do Vinho, e as duas tem essa carga da etnia.

Olha eu lembro de uma coisa da minha infância, coisa que jamais vou esquecer, eu só falava o italiano, mas depois foi incutido que eu não deveria falar o italiano porque era uma coisa muito feia, que pecado né! Meus avós tinham medo de sair na rua, por não saberem falar com medo de serem presos.

Comer polenta era vergonhoso, eu amo polenta, só não gosto da polenta branca que eu comi na Itália, em Veneza.

Organizamos um grupo folclórico, pesquisamos roupas típicas.

Todo ano em maio, que é o aniversário de Urussanga, a gente fazia um jantar típico, um baile. a partir daí fomos amadurecendo a idéia de fazer a festa ritorno alle origine. Fizeram um levantamento do patrimônio histórico. Depois de todo este trabalho eu pensei, bem agora nós vamos mostrar pra Itália que a gente existe. Através de consulados, e outros órgãos nós começamos a avisar: existe uma colônia de italianos aqui .Em 1988 chegou aqui em casa um padre italiano e logo mais foram chegando pesquisadores, sobre dialeto, cultura. Ofereci carro, casa.(56 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Em várias reportagens sobre a Região Sul e seus aspectos culturais é enfatizado o fato desta ter conservado uma cultura italiana que na Itália já não existe mais. Este aspecto tem inspirado a visita de pesquisadores e turistas italianos.

Encontraram no Brasil a tradição italiana a cultura italiana, os costumes italianos, a culinária italiana. Eles encontram aqui o que perderam na Itália. A Itália país de primeiro mundo acabou perdendo muito disso, então eles vem buscar aqui, porque aqui conservou-se isso. Esses pesquisadores vêm e ficam aqui e não pagam nada, porque os italianos aqui são muito acolhedores, ele recebe na casa, o italiano come, dorme, vive ali. (72 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

O inventário da italianidade, a descoberta das características locais e a possibilidade de explorar esse universo foram fortemente marcados. Autoridades locais, representantes de associações italianas investem no sentido de reforçar estas características. A italianidade de Urussanga se exterioriza. Os idealizadores⁴² deste projeto têm como objetivo lapidar esta italianidade enfatizar detalhes, selecionar o que pode aparecer nesta vitrine, descobrir a roupa típica, o artesanato, a comida.

Roselys C. dos SANTOS⁴³ destaca que em 1980 inicia o IVRAL - Istituto Veneto per rapporto dell' arie lontane - (Istituto Vêneto para o relacionamento das áreas distantes) com o objetivo de chegar até os seus descendentes. Este instituto começa a patrocinar viagens de descendentes para Itália. Pagavam uma pequena parcela. Lá eles ficavam 15 dias viajando por conta da região. Isso durou até 94.

Em Urussanga o IVRAL faz os primeiros contatos:

Em 1989 em maio, nós recebemos um telefonema de um senhor de São Paulo. Era o presidente do IVRAL, ele soube que a gente estava com esse movimento de resgate da italianidade, ele ofereceu pra nós dez vagas, para uma excursão na Região do Vêneto, de doze dias, isso eram mais ou menos 10 para as 11 horas da manhã e ele queria a resposta até as duas da tarde. Então nós agilizamos, na época era difícil porque em questão de duas horas nós tínhamos que encontrar dez jovens de 18 a 35 anos. Minha filha se interessou e me ajudou a encontrar as outras dez pessoas. Confirmamos as dez pessoas. De noite na aula o diretor da escola contou para os alunos de italiano que isso era um estímulo. Naturalmente ele

⁴² Estes idealizadores se constituem de membros de associações italianas e políticos. Tanto membros de associações como políticos não seguem uma única linha partidária, o que as vezes gera conflitos na forma de conduzir os projetos.

⁴³ Entrevista realizada em março de 1998, em Florianópolis.

falou para estimular os alunos. Aí todo mundo queria ir, como era barato em torno de 500 dólares - com passagem estadia e tudo -, muitas pessoas se interessaram. Então ligamos para o IVRAL e colocamos nossa dificuldade face o grande interesse das pessoas em participar. Então eles nos perguntaram se alguém já havia oferecido isso para nós, eu falei que era a primeira vez, então ele perguntou se nós poderíamos preencher trinta vagas. Para preencher as trinta vagas nós procuramos pessoas aqui na Região Sul e não só em Urussanga, e acabamos recebendo 40 vagas. O IVRAL concedeu isso pela seriedade com que nós estávamos encaminhando o movimento da italianidade. (62 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Nessas excursões os descendentes tinham como objetivo conhecer o lugar dos ancestrais.

Eles ficavam hospedados na província de Vicenza, que é onde tem uma casa para receber essas excursões subvencionadas. O coordenador da excursão falou que o domingo era livre. Então meu filho que estava junto falou: eu quero ir ver o lugar dos meus bisavós. Com isso mais pessoas se interessaram e foram em torno de umas 22 pessoas. Então foi o ônibus da própria excursão levá-los, então eles entraram em contato com Longarone ainda no sábado, avisando que iria essa excursão. O prefeito de lá organizou uma recepção. Mas quando eles chegaram lá não encontraram ninguém, e até falaram será que eles são tão frios assim?! Mas na verdade o que aconteceu, e que eles programaram uma missa para as 10:30 e estavam todos dentro da Igreja. O nosso pessoal da excursão parou com o ônibus na praça da cidade e resolveram ir conhecer a igreja. Ao entrarem na igreja foi uma grande surpresa. Quando entraram na igreja, o órgão começou a tocar, o coral começou a cantar, e o nosso pessoal chorando, ficaram emocionados com a surpresa que o pessoal de lá havia preparado. A missa foi em homenagem a eles, que eram os descendentes daqueles que tinham partido a cento e poucos anos atrás.

O pessoal voltou da Itália encantado, com a semelhança das pessoas o sotaque, tanto os daqui como os de lá ficaram impressionados. (62 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Foi através de excursões deste tipo que surgiu a idéia da realização de pactos entre as cidades, para se tornarem cidades irmãs, *gemellaggio*. A semelhança física entre as pessoas dos diferentes países, era destacado para intensificar os vínculos de um lugar para outro, e o uso do mesmo dialeto também é apontado sinal diacrítico que identifica os moradores das duas cidades.

No mês de setembro nós organizamos uma nova excursão com o intuito de fazer os primeiros contatos do gemellaggio. Eu como presidente da Associação Bellunese fiz contato com o prefeito de Longarone na Itália, coloquei a ele o nosso interesse em estabelecer o pacto de cidades irmãs. Eles aceitaram foi aprovado por unanimidade pela câmara de vereadores e sancionado pelo prefeito. Aqui na prefeitura também foi aceito por unanimidade.

Em 1989 teve uma excursão não só de jovens. Fomos - éramos em 13 pessoas - recebidos pelo prefeito de Longarone. Nós fomos hóspedes deles lá, não fomos para hotel. Nós chegamos de trem, lá eles já tinham fundado a Associação cultural Amici di Urussanga, toda regulamentada com os brasões de Urussanga e Longarone. Tinha diversos casais nos esperando, quando chegamos eles já indicavam a família que ficaríamos hospedados, tivemos um tratamento vip.

Quando eles viram que nós falávamos o mesmo dialeto a coisa ficou quente.

Depois eles vieram para cá. Teve aquele contato bem forte porque nós entramos dentro das casas deles lá e eles entraram dentro da nossa casa aqui. Aqui nós levamos eles para conhecer o potencial da Região.

Em 1990 ficou aquela coisa de correspondência de cá pra lá de lá pra cá. Em 1991 eles marcaram a sacramentoção do gemellaggio em Longarone, então nós fomos lá, fomos em outra excursão, praticamente todos de Urussanga, eles fizeram a excursão. A festividade foi um cerimonial muito bonito.⁴⁴ (62 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

O folder que anunciava o gemellaggio enfatizava os objetivos deste evento:

⁴⁴ Folder anunciando para a cidade de Urussanga o Gemellaggio.

O movimento do gemellaggio foi iniciado em 1988 com a vinda de autoridades italianas de Longarone e Erto/Casso a Urussanga. A sua primeira fase foi realizada em Longarone no dia seis de outubro de 1991, no dia 26 de maio de 1992 temos a grata satisfação de concluir em Urussanga este grande fato histórico, que projeta o nosso município a nível nacional e internacional

A comunidade está convidada a participar ativamente dos acontecimentos programados dando prioridade à recepção afetuosa da comitiva dos Amigos e Autoridades Italianas que chegarão dia 21 de maio. Esta calorosa acolhida pode ser manifestada de várias formas:

1º - Externando nossa italianidade comunicando-se com eles através do nosso dialeto, usos e costumes, estabelecendo com eles, uma relação de singela amizade.

2º - Ornamentando nossa cidade com a melhoria das fachadas de nossas casas e jardins, colocando inclusive, bandeiras, brasões, faixas, etc..., que possam identificar o evento.

3º Convidando, a viver estes momentos de extraordinária alegria, todos os parente e amigos filhos de Urussanga residentes em outras localidades.

Urussanga e Longarone, unindo-se em gemellaggio, pretendem reforçar as raízes étnicas comuns e intensificar os intercâmbios culturais, sociais e econômicos entre as duas comunidades com a finalidade de enriquecer os valores da tradição para consolidar a integração do povo italiano

O elo rompido com a Itália é reatado, especificamente com a Região do Vêneto, pois é esta que propicia os intercâmbios.

O padre de Urussanga alega que a paróquia dá apoio ao gemellaggio. *“Através das associações organizadas o governo italiano presta vários serviços à comunidade.*

A fluência de pessoas daqui indo trabalhar na Europa é posterior ao gemellaggio. A fluência é muito grande, só que acontece aí um fenômeno, o fenômeno dinheiro, quem vai pra lá, vai interessado em ter emprego, que o desemprego no Brasil é tamanho que a juventude no Brasil não tem mais horizontes, sobretudo essa daqui, que vão se formar e depois voltam para a enxada. Se formam vão para as Universidades e depois chegam aqui e não tem trabalho para eles, então eles vão para Itália. Alemanha oferece muita mão de obra, então os jovens saem daqui e acabam caindo na Alemanha, esta absorve a metade dos que saem daqui para trabalhar lá. Há uma porção de gente daqui trabalhando na Alemanha.

Além de estabelecer vínculos com a terra dos antepassados o gemellaggio também tem proporcionado novas oportunidades de trabalho para os jovens da Região.

*Nós aqui de Urussanga já estamos usufruindo desta questão do gemellaggio. Nós conseguimos em Longarone um curso para duas moças, na escola de albergueri. Tivemos também a adoção de uma criança. Enviaram professoras para ministrar um curso de italiano de um mês e depois subsidiaram o curso de 3 professoras daqui, que foram lá pra Itália. Outro curso que foi fornecido é de animação de escolas. Também estamos ganhando 1000 óculos para as crianças carentes e escolas, Longarone é a capital dos óculos e do sorvete, outra coisa que ganhamos é um aparelho de raio x. Agora estamos entrando na parte tecnológica e comercial que muito nos interessa, nem só de nostalgia dos nossos antepassados a gente vive, **se non ha soldi non se fa niente**⁴⁵ (risos...). Outra coisa curiosa que aconteceu com o gemellaggio foram os casamentos, todos com mulheres brasileiras e os homens de lá. (62 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)*

⁴⁵ Se não tem dinheiro não se faz nada.

Outro *Gemellaggio* acontece posteriormente entre Rio Jordão - Siderópolis SC e Forno di Zoldo - BL Veneto Itália. O padre de Rio Jordão havia escrito um livro no qual catalogara as famílias residentes na localidade e constatou que a grande maioria das famílias era proveniente de Forno di Zoldo. Depois de contatos entre autoridades locais e estrangeiras firma-se o *gemellaggio* em 1995 no Brasil e em 1996 na Itália em Forno di Zoldo.

O gemellaggio trouxe muitos benefícios. Esse centro comunitário agora têm gabinete dentário, médico, creche para crianças, tem clube de mães, museu, coisa que nem se pensava, e a praça ali foi feita mais por pressão dos italianos. Agora temos uma associação italiana amigos de Forno di Zoldo, que sempre ajuda com contribuições.

Eles também já adotaram uma meia dúzia de crianças, uma adoção a distancia, mandam o dinheiro para a família das crianças. (82 anos, 1ª geração, morador de Rio Jordão)

Os pactos entre as cidades tem incentivado o movimento pelo resgate da cultura italiana na Região. As comemorações acontecem anualmente no aniversário do gemellaggio, um ano é comemorado na cidade brasileira e no outro na cidade italiana.

Na primeira vez eles pagaram 11 passagens pra gente ir até a Itália e conhecer, comemorar o gemellaggio em Forno di Zoldo.

Foi assim que eu tive a oportunidade de conhecer a Itália, lá a agente foi entrevistado, nessa hora eu falei que este mérito de estar lá e ser homenageado, deveria ter sido para o meu avô, meu pai. Era eles que sempre falavam desse Forno di Zoldo, desse Pralon. Meu pai não teve a oportunidade de conhecer - nessa hora eu me emocionei - durante a entrevista também se emocionou ao falar do avô. Olha não faz 6 anos que começou esse conhecimento, esse intercâmbio aqui, antes tu não sabia nada. O meu pai, pelo que a gente escutava ele falar, eu achava que ir pra Itália era uma coisa que não tinha mais condições de ir, chegar lá. Porque passaram tanta dificuldade, naquela época, eles pra vir pra cá levaram 36 dias de navio. Hoje tu já pensou... eu também não sabia que existia essa facilidade pra ir pra Itália hoje. O meu pai não chegou a saber nada disso (estava muito emocionado)

Eu falo o zoldano deles lá. O prefeito di Forno di Zoldo já assinou um projeto para colocar uma escola de italiano aqui. A associação italiana que se chama amigos do Rio Jordão - di Forno di Zoldo cedeu 6.000 dólares para resolver o nosso problema de falta de água aqui na comunidade. Agora pretendem asfaltar o centro da comunidade. Há eles

deram um telefone público pra comunidade que aqui não tinha nem telefone público. Aqui tinha algumas pessoas que tinham celular, mas era raro.

A associação daqui se chama amigos de Forno di Zoldo - ela presta contas para a comunidade de como são gastos os recursos. Fizemos um museu com coisas dos primeiros que chegaram.

Quando os italianos vêm pra cá a gente hospeda eles em nossas casas. Mas a associação está pensando em construir uma casa que sirva de sede e que também possa ser um lugar para as pessoas ficarem. A gente já propôs pra eles lá na Itália e eles aceitaram em enviar uma verba para a construção da casa.

Tem pessoas da comunidade que não reconhecem a importância desse gemellaggio, falam que os italianos vêm aqui só para comer e beber e pouco ajudam. Mas esquecem que a água que eles bebem foram os italianos que viabilizaram. (41 anos, 3ª geração, morador de Rio Jordão - Siderópolis)



Faixa de boas vindas aos italianos para a comemoração do gemellaggio em Rio Jordão/Siderópolis.

Para SANTOS⁴⁶, através dos incentivos do IVRAL começa a se estimular a italianidade para as gerações mais novas,

Aí começa o carnaval, você vê o Vêneto dançando a tarantela - ele nunca soube o que era a tarantela. O rádio divulgou Santa Luzia, mas o imigrante Veneto, trentino não conhecia Santa Luzia. É uma canção napolitana. Tarantela, ele não conhecia a dança. A Igreja no Vêneto no Trento e na Lombardia, foi castradora, a dança era considerada uma atitude pagã. O canto Vêneto é canto de montanha (Verdinela, massolin de fiori) Danças não existem, eu tenho um vídeo que comprova que as danças surgem quando os nossos imigrantes saíram para a Alemanha, Áustria - onde a dança sempre aconteceu - Se tu vais para uma festa trentina e você analisa as danças deles, você percebe que isso é dança de oktoberfest, é dança austríaca. Eles iam trabalhar na Alemanha e traziam. Foi a igreja quem estipulou o padrão de conduta do italiano do Norte. Nas festas italianas eles bebiam, comiam e cantavam, eles não dançavam. A dança é uma invenção. Em Urussanga eles me procuraram muitas vezes, eles queriam o traje típico do Vêneto. Mas não existe traje típico do Vêneto. As danças, a igreja considerava profanas.

Fala do lado folclórico do retorno as origens, como por exemplo:

lasanha nossos ancestrais não conheciam, pizza também não. Primeiro que eles não tinham farinha branca era farinha gialla (amarela - farinha de milho), o trigo era do Sul da Itália. Mas os italianos (especificamente do Sul do Brasil) vêm a consumir macarrão no Brasil, eles conheciam o macarrão, mas os imigrantes lá na Itália não tinham dinheiro para consumi-lo.

De acordo com OSTETTO (1997, p. 48)

A macarronada foi sendo incorporada ao longo do tempo, e não era vista como algo que lhe fosse primordial, insubstituível, como transplantado da cultura européia, tendo em seus avós e pais os responsáveis pela travessia do Atlântico. Somente entre as décadas de 50 e 60 a macarronada⁴⁷

⁴⁶. Historiadora e professora da UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. Entrevista realizada em março de 1998.

⁴⁷ Geralmente era servida com galinha ensopada. A esse respeito ver também trabalho de MOMBELLI (1996) que descreve como a comida típica italiana no Oeste do Estado se assemelha a do Rio Grande do Sul, onde as massas são servidas sempre acompanhadas por molho a base de carne, diferente da comida típica italiana de São Paulo, onde a macarronada geralmente é servida com temperos, como o pesto, com pescados ou legumes.

aparece com mais frequência nas casas italianas e, a partir de então, passa a ser servida aos domingos tornando-se uma tradição.

No tempo da sua pesquisa - 20 a 50 - a macarronada era tida como sinônimo de riqueza de fartura. Sendo consumida em dias especiais baseados no Calendário cristão - Natal, Páscoa, festas de santos grandes.

2.3 - As festas típicas italianas - Ritorno alle Origine de Urussanga⁴⁸

A construção do cenário - a cidade⁴⁹ se constitui como palco onde a italianidade é vivenciada como espetáculo principal, no qual confundem-se espectadores e atores.

A bandeira tricolor enfeitava as ruas da cidade, sinalizando a festa. As vitrines mostravam uma decoração típica: queijos, vinhos, cachos de uva artificiais, salames. Objetos antigos também compunham o cenário: Ferro de passar roupas do século XIX, rádios antigos, garrações de vinho imensos e fotografias antigas.

O passado é recriado no presente, de acordo com FLORES(1997, p.32) “o retorno a um passado encantado é vivido pelo espectador que procura por um espetáculo autêntico”, a maioria dos espectadores da festa ritorno alle origine é

⁴⁸ A festa aconteceu no Parque Municipal Dr. Ado Cassetari Vieira, de 23 a 26 de maio de 1997. Também foi celebrado o V aniversário do gemellaggio Urussanga\Longarone.

⁴⁹ - URUSSANGA na Internet- “Urussanga foi o principal núcleo da então colônia italiana de Azambuja, fundada em 25/04/1877. Em 26/05/1878 chegaram as primeiras famílias de imigrantes italianos em Urussanga, provenientes do norte da Itália. Estes eram, na grande maioria, Vênetos, os quais juntamente com outros da Lombardia, Friuli-Venezia Giulia e Trentino Alto Adige, formaram o maior centro de imigrantes no sul de Santa Catarina.

A economia inicialmente era baseada na agropecuária, passando mais tarde à extração do carvão mineral e indústria do vinho. Atualmente diversificada, a economia de Urussanga abrange, entre outras áreas: cerâmica, móveis, plásticos, equipamentos agropecuários.

Urussanga realiza, bienalmente, a FESTA DO VINHO, a qual se caracteriza como um dos mais expressivos eventos da etnia italiana. A cultura italiana ainda vive através da arquitetura, dialeto, culinária e costumes, destacando a cidade como um importante centro turístico-cultural do estado de Santa Catarina e do Brasil.

A cidade situa-se na região sul de Santa Catarina, 18km ao norte de Criciúma e 185Km ao sul de Florianópolis.

Principais Eventos:

Ritorno Alle Origini (maio), Festa do Vinho (julho), Padroeira N.S. da Conceição (dezembro)”

site: URL:cyber.cyber.com.br/cyberout/brasil/sc/uug/index.html Capturado em 1998.

constituída de *oriundi*, descendentes. Estes de uma forma ou outra acabam se tornando espectadores de si mesmos.



Foto do ambiente externo de uma casa típica dos pioneiros, que compõe o cenário do Parque Municipal Dr. Ado Cassetari Vieira de Urussanga.

Um mundo é recriado, o passado é construído em edificações fixas que foram construídas com o intuito da festa⁵⁰ - resgate das raízes - sendo possível presenciar e apreciar o preparo de comidas. Viajar no tempo ao entrar na casa da mulher agricultora, no museu e ao ver a exposição de fotos antigas.

AUGÉ (1994) faz referência a Jean Starobinski que concebe a essência da modernidade na conciliação do passado e presente, “*presença do passado no presente que o ultrapassa e reivindica*”(p. 71).

A festa tem como objetivo fazer com que as gerações mais novas possam conhecer o passado e lutar para preservar o que estava se perdendo. A representação do passado remete a epopéia dos ancestrais, seu sofrimento, luta e

⁵⁰ Complexo cultural - Parque Municipal Dr. Ado Cassetari Vieira.

a vitória final. Essa representação segue a mesma perspectiva levantada por MOCELIM (1993), que trabalha a construção do mito do herói civilizador, pioneiro desbravador, o imigrante que com seu trabalho transforma a natureza em cultura.



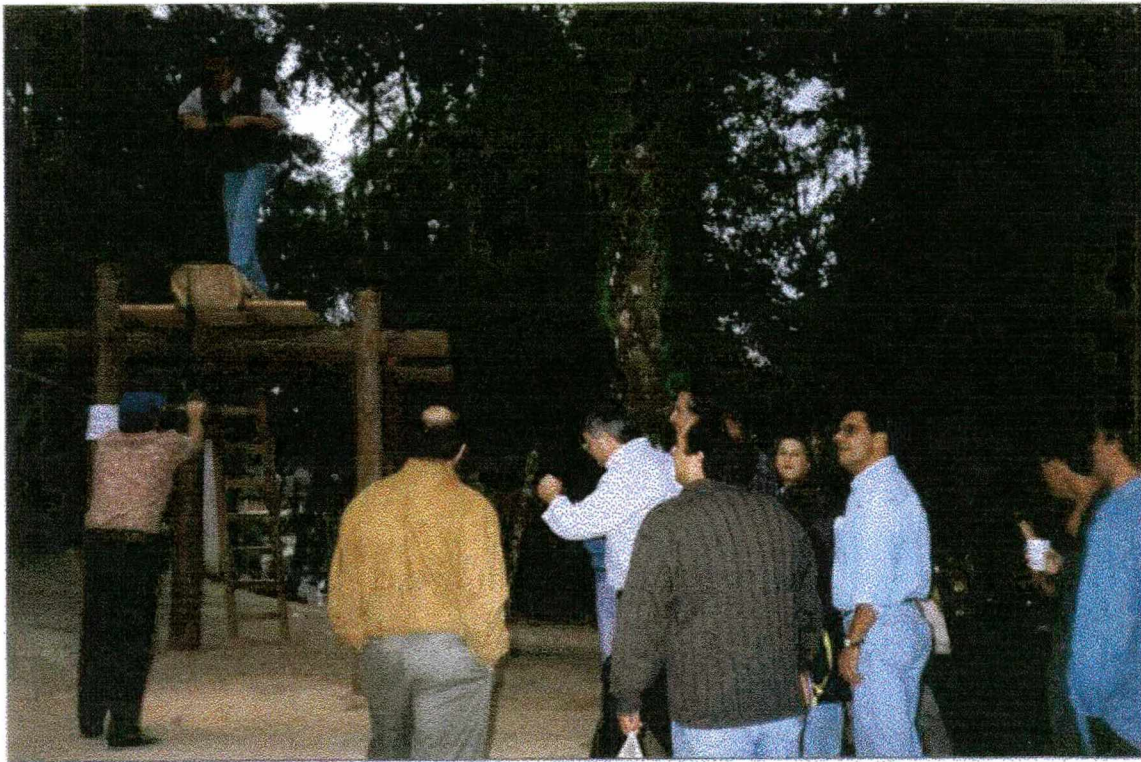
Foto do ambiente interno da Casa da Mulher Agricultora.

O objetivo da festa é propiciar aos visitantes e jovens ver como viviam os antepassados.

Para Maurice HALBWACHS (1990) a memória coletiva recompõe magicamente o passado. A lembrança seria uma reconstrução do passado com recursos do presente, sob o olhar do presente, ancorado por outras reconstruções construídas em períodos anteriores.

A nossa festa é uma aula de história. (62 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Na parte da marcenaria a madeira é trabalhada como no passado, onde um dos homens segura o serrote em cima e outro em baixo.



Tem uma expressão que os antigos usavam para dizer que se deu mal, essa expressão era: isso é igual serrar por baixo. (58 anos, 2ª geração, morador de Urussanga).

A música italiana ecoa em diferentes ambientes, em muitos momentos tem-se uma confusão de sons e ritmos. Os sons do anfiteatro se mesclam com os sons de outros ambientes, temporalidades se confundem, músicas antigas e atuais povoam o mesmo ambiente. Cabe destacar que a trilha sonora dos variados estilos segue uma única língua, a italiana.

No anfiteatro tem apresentações constantes, números apresentados pelas escolas contam a sua história da imigração, prestam homenagens à Itália.

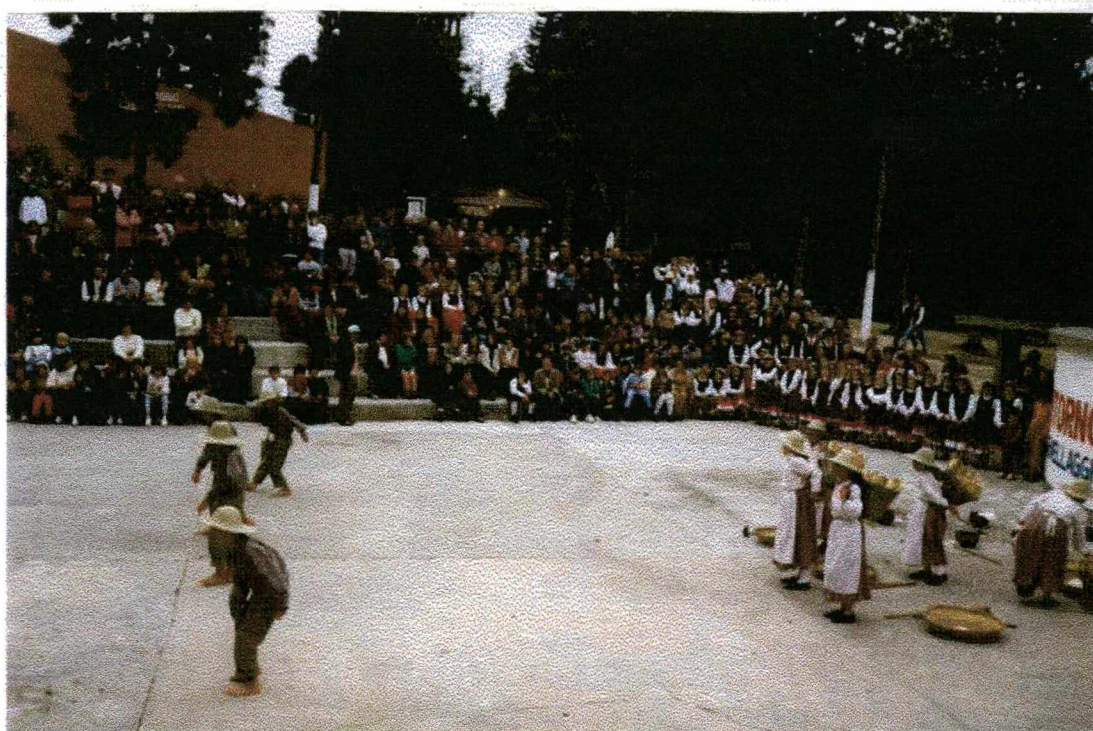


Foto dos alunos representando a história dos pioneiros e homenageando a Região do Vêneto e a cidade irmã Longarone.

Grupos folclóricos desfilam vários trajes típicos - descritos pela apresentadora, remetidos ao local de origem - e gêneros de danças, não se remetendo apenas ao Norte da Itália, que é motivo de orgulho para os descendentes. Grupos folclóricos de outras cidades também participam. No momento da apresentação de um grupo de Caxias do Sul, a apresentadora fala para o público que são descendentes de italianos, um dos membros do grupo vai até o microfone e fala: *somos descendentes do Norte da Itália*. Isso deixa claro o caráter que essa italianidade representa no momento, a identidade se constrói em relação ao Norte da Itália.

É em torno do anfiteatro que acontecem os maiores shows. No palco ora fala-se em português, ora em italiano, ora em dialeto, mas percebe-se pela reação do público que a mensagem é compreendida.

A religiosidade tem um papel preponderante. O padre sobe ao palco e solicita ao público aplausos para as autoridades locais e italianas que se encontram na festa. Profere um discurso enaltecendo a italianidade, fazendo menção ao sofrimento dos ancestrais, e no final, reza uma Ave Maria em italiano, todos os participantes acompanham.

De acordo com FONTANELLA (1993, p. 14) as festas da Região no passado estavam associadas à religiosidade, eram realizadas no dia do padroeiro.

Não era costume servir churrasco. Faziam carne de panela, macarrão, carne e vinho. Quem almoçava eram pessoas que vinham de longe. Os do lugar iam almoçar em casa. Muitos só bebiam. Comiam bem antes de sair de casa. À tarde mesmo contra a orientação do vigário, havia sempre baile. Também porque proibir? Fazer o que a tarde? Esperavam, porém que o padre partisse.⁵¹

OSTETTO (1997, p. 84) chama atenção para o fato de que nas festas⁵² do padroeiro, concebidas como um “*espaço sagrado, criava-se um espaço profano: as domingueiras. Um espaço onde iam dançar nas tardes de festa. Era nestes dias de Santo que se podiam ir às domingueiras, dançar ao som de um gaiteiro.*”

⁵¹ Aqui se refere em específico a Rio Jordão - Siderópolis.

⁵² Trabalha o período de 1920 a 1950 em Nova Veneza.

Na festa *ritorno alle origine* chamavam atenção inúmeras setas indicando o caminho da domingueira, alguns quadros eram representados por um coração com figuras estilizadas, representando casais apaixonados. Este espaço tem como objetivo *recriar* a domingueira, ou relembrar a importância da domingueira como um espaço de socialização, espaço onde muitas vezes iniciavam os namoros. Lá dentro ao som de uma gaita os pares dançavam, em mesas algumas pessoas apreciavam o espetáculo, conversavam e bebiam.

A festa também apresenta o shopping rural, com produtos coloniais que podem ser adquiridos pelo público. Exposições de gado, com premiações. Espaços para jogos, como mora, bocha.

O artesanato local é exposto para o público. Este vem ocupar o lugar das barracas com produtos do Paraguai, comuns nas festas. Como esta se propõe ser uma festa autêntica, não há lugar para as coisas “de fora”.

Muitas pessoas na festa encontravam-se caracterizadas, com roupas típicas dos mais variados estilos.



Ao contatar algumas delas para saber sobre as características das roupas, elas alegavam que eu deveria consultar a pessoa que realizou a pesquisa⁵³. A pesquisa de roupas típicas é uma coisa recente, como vimos anteriormente no depoimento de SANTOS.

Nesse aspecto, considero pertinente a observação de MOMBELLI (1996), não interessa discutir a legitimidade do traje típico italiano, mas analisar a importância que ele assume na constituição da italianidade. O traje típico constitui um sinal diacrítico desta nova italianidade.

Um *brinde à tradição*⁵⁴ é oferecido na sala de degustação de vinhos, nas paredes estão expostos cartazes com informações sobre o preparo do vinho, também são distribuídos folders e vendido o vinho. São oferecidas provas de vários tipos de vinho. Ao me recusar provar um tipo de vinho, um senhor me aborda e fala: *Este é especial você não pode deixar de experimentar*. Agradei e falei que mais tarde experimentaria. Falou-me dos benefícios do vinho e disse: *Pode beber que 'Il vin de casa no embriaga'... e mais 'Chi ben beve dorme, chi dorme no fa mal, chi mal no fá in paradiso vá. Dunque bevê che paradiso gaverê*⁵⁵.

No momento tentei registrar as frases mas foi inútil, ao ler os *proverbi italiani* de FONTANELLA (1993), lembrei-me do ocorrido. O vinho é sempre associado ao prazer, ao bem-estar, conforme segue a estrofe da poesia:

*lácqua fa male e il vino far cantar
Quest è la regola che seguono gl' italiani
alzano i calici vuotano i bichier.*

*A água faz mal e o vinho faz cantar
Esta é a regra que seguem os italianos*

⁵³ Ao conversar com uma das jovens vestidas tipicamente, esta relatou-me que o convite para participar da festa foi feito no colégio no qual estudava, alegou que não precisa ser descendente de italianos para representar tal papel na festa, basta aceitar o convite e seguir as orientações da comissão organizadora.

⁵⁴ Título de uma reportagem sobre vinho - Revista Imigrante - agosto de 1994, nº 1, UFSC, Florianópolis.

⁵⁵ O vinho de casa não embriaga.....Quem bem bebe dorme, quem dorme não faz mal, quem mal não faz ao paraíso vai. Então bebe que o paraíso terá.

*Levantam-se os cálices esvaziam-se os copos*⁵⁶.

Roland BARTHES (1985, p.51) faz referência ao ensaio sobre os devaneios da vontade de BACHELARD, no qual o vinho é o suco do sol e da terra, que o seu estado base é a secura e não a umidade, e que, a esse título, a substância mítica que constitui o seu oposto é a água. Barthes destaca ainda que o vinho, como totem de grande vitalidade, é muitas vezes associado ao sangue. Nesse sentido é comum a representação de que o vinho fortifique o sangue.



Foto da etnia italiana no desfile étnico realizado em Criciúma por ocasião da festa da Quermesse - tradição e cultura de 1997. Destaca-se o vinho e as comidas típicas.

Nesse ritual da festa, a comida típica italiana merece um destaque especial, embora o churrasco faça parte dos hábitos alimentares e especialmente das festas, para se cultivar a italianidade, este passa a ser substituído pela galinha

⁵⁶ traduzido por mim.

com macarrão, ou a polenta, sempre acompanhados de vinho. A comida típica italiana é introduzida neste contexto da festa para reforçar a autenticidade da italianidade.

O perfil de italianidade que os descendentes estão construindo no momento parece estar pautado na autenticidade da italianidade. Mas que italianidade é esta que se quer representar?

Alguns partem para o X-polenta⁵⁷ outros combinam em festas macarronada com churrasco, outros ainda nomeiam em italiano alguns pratos inventados pelos imigrantes no Brasil (polenta com pastim - duas camadas de polenta recheadas com queijo e lingüiça. Muito semelhante ao X-polenta). Têm os que investem na culinária italiana atual (Itália). Ante tantas divergências o que os une é a descendência italiana, e o orgulho que sentem dela.

A culinária ítalo-brasileira é sempre associada à fartura, abundância. A esse respeito MOCELIM (1993) destaca que a fartura dos dias atuais reflete a vitória deste grupo, a fartura é colocada em oposição ao tempo de penúria. Esse ritual de comida farta celebra a superação da miséria, a conquista da cocanha (cuccagna)⁵⁸.

A polenta que era considerada a comida dos tempos difíceis, agora passa a ser consumida em dias de festa. A confecção da polenta à moda antiga, em tamanhos gigantes propiciando aos participantes a demonstração e degustação, tem sido uma prática constante das festas típicas italianas.

Em vários depoimentos, é possível perceber o intuito de exorcizar o churrasco, e introduzir a comida típica italiana como prato principal das festas típicas da Região.⁵⁹

⁵⁷ O X-polenta (duas camadas de polenta recheadas com queijo e lingüiça) e a culinária italiana (da Itália atual) foram encontrados em Blumenau. Os demais casos retratam o Sul do Estado.

⁵⁸ Paraíso, terra prometida, eldorado, abundância.

⁵⁹ Na Internet, no site sobre gastronomia em Florianópolis, encontrei a seguinte observação: *Gastronomia - como a culinária da Ilha da Magia está sendo arrasada pela influência deletéria da comida italiana, que nada tem a ver com nossas origens, nada mais certo do que buscar recuperar a fonte lusitana.*

E aqui devem ser incluídos não somente os pratos continentais, como também as comidas açorianas (Garoupa à Moda dos Açores) e da Ilha Terceira. Não pode ser olvidada a comida

Festas no interior ⁶⁰ - “Um fato que há bastante tempo vem sendo comentado é o da descaracterização das festas urussanguenses.

Embora seja conhecida como uma “terra de italianos”, Urussanga vem perdendo seu lado de “tuti buona gente” e aderindo cada vez mais ao refrães tradicionalistas dos pampas gaúchos.

Nada contra nossos vizinhos de Estado, mas, levando-se em consideração que há um projeto turístico baseado nas tradições italianas, é de estranhar que a quase totalidade das festas de igreja no interior do município apresentem como cardápio principal o churrasco. Exceção à regra foi a comunidade de Rio Maior, que promoveu um jantar dançante com comida típica e ainda, os deliciosos e antigos quitutes da cozinha della mamma como bolinho de vinho, etc.

No mais, o trivial tem o gosto do Rio Grande do Sul sem erva mate. Carne no espeto, salada, farinha e cerveja.

Parece que o momento do ritorno alle origine é o mais apropriado para uma reflexão sobre o assunto.

Em tom poético, e pensando nas festas que acontecem localidades interioranas de Urussanga, poder-se-ia dizer:

Ai quem me dera uma polenta benta daquelas que o vinho acompanha e alma acalenta!

Ah!... Um macarrão suculento, cappeletti gostoso, radici fresquinho, pane di fromento!

Dio mio! que gostoso um bolinho no vinho, suspiro, rosquinha, broa ou cavaquinho!

Pudim de laranja....

capeletti, gnoque ou até canja!

Ai quem me dera saber que là sú, sem bombacha e espora,

há um italiano cuore que num mazzolin di fiori se revigora!

ou ouvir no vale que l'acqua fa male...e sem motivos de se envergonhar, che il vino fa cantar...

Ai quem me dera ver longe della chiesa a barraca de quinquilharia.

Deixando de lado a poesia, parece premente a necessidade de se repensar nas tradições que tornaram Urussanga tão famosa e considerada como pólo cultural da etnia italiana.

de origem portuguesa que recebeu influência de climas e povos tropicais, como a cabo-verdiana que muito lembra a antiga comida do interior da Ilha de Santa Catarina
URL: www.geocities.com/athens/acropolis/1312/gastrono.html. Capturado em 1998.

Revelando que se trata de um fenômeno que vem marcando os dias atuais, com o intuito de demarcar espaços para a cultura. Assim a culinária de Florianópolis fica conhecida como culinária açoriana. E a culinária do Sul do Estado como culinária italiana, e na Região de Blumenau como culinária germânica.

⁶⁰ Reportagem de Márcia Marques Costa - Jornal Panorama 23 de maio de 1997 - Urussanga

Talvez o exemplo dado pelo Rio Maior seja o começo de uma nova consciência preservacionista, que depende muito mais da vontade cada um, do que qualquer apoio que o poder público possa dar. Pensem nisto” (p. 7)

A palavra conscientização tem sido usada com muita frequência para representar a intenção de que as pessoas passem a cultivar essa italianidade, ou melhor essa nova italianidade.

As pessoas daqui não sabem o potencial que eles têm nas mãos, elas não sabem que o turismo pode viabilizar a preservação da cultura deles. Nós fomos os festeiros da Festa de São Pedro - A festa era realizada em um dia apenas, só com o pessoal da comunidade na rotinha, com seu churrasquinho, aquela coisa... Com a nossa participação a festa tomou um vulto maior, aconteceu na sexta, sábado e domingo. No sábado teve comida típica italiana do lado do churrasco, porque eles não abriam mão do churrasco, e o resultado! A comida típica lotou e o churrasco esvaziou. Outro resultado, o pessoal da cidade veio em peso que antes não vinha. A gente fez umas barraquinhas do shopping rural, não deixamos entrar os camelôs do Paraguai, e valorizamos o espaço para o artesanato local, pros produtos locais. (30 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

As festas se constituem em bens simbólicos e comerciais, a cultura se comercializa. MOCELIM (1993) ao analisar a festa italiana de Nova Pádua RS, constata que “a festa nos moldes atuais se caracteriza pelos seus propósitos de propagandear e valorizar a região de cultura italiana” (p. 113)

Essa nova festa vivenciada nos dias atuais, representa uma mudança no modo tradicional de conduzir a festa, a divulgação e a preparação da festa estão voltadas também “para fora” da comunidade. “A divulgação se dá através de sinais de distintividade que se expressam através de uma versão moderna do que é italianidade” (idem). Esta italianidade está em processo de construção.

Vendo a festa como um cartão de visitas para a cidade, como sendo a vitrine da italianidade, a preparação da festa procura levar em conta os signos que possam caracterizá-la como *uma verdadeira festa italiana*.

Essa nova festa também representa uma ruptura com o modo de vivenciá-la no passado, em algumas comunidades de interior o que era sinônimo de festa tem

se transformado em sinônimo de trabalho, possibilidade de vender o seu produto colonial, já que o pessoal da cidade passou a frequentar essas festas.

A tentativa de marcar a Região com as suas características locais e étnicas, faz com que se excluam elementos que até então faziam parte deste universo da festa. Tem-se a pretensão de esvaziar o presente de muitas práticas culturais.

Criamos aqui a prima festa dei ricordi - foi a festa mais autêntica que eu vi até hoje. A festa Ritorno alle origine também é autêntica, agora a festa do vinho⁶¹ é uma mentira, eles me trazem Zezé de Camargo para cantar e pagam setenta mil, só pode dar prejuízo, com esse valor eles poderiam contratar um cantor italiano para se apresentar a semana toda.

Teve uma festa típica aqui - Nova Veneza - que chegou um parque desses com roda gigante e aqueles brinquedos eletrônicos, que queria dar cinco mil reais para ficar aqui uma semana. Então eu falei para o prefeito, como é que nós vamos fazer uma barraca típica italiana com fogão à lenha, por exemplo a barraca da polenta brustolada - cozida na chapa do fogão - barracas com queijo e vinho, e mostrar para as nossas crianças o produto. Compare com a roda gigante, a criança vai passar ali na frente das barracas típicas e não vai querer nem ver, só vai querer ir para o parque. O mesmo acontece com as barracas que vendem as bugigangas do Paraguai, nós temos que vender nosso produto, nosso artesanato. Quando se trata de outros eventos, tudo bem que isso faça parte, mas quando se trata de uma festa típica não dá para misturar.

Por exemplo, quer cultivar a cultura gaúcha vai pro CTG, lá eles são organizados tem o espaço deles, lá não tem rock, não tem outros tipos de música, tem a música deles, este é o segredo, por isso que eles crescem, são autênticos, organizados.

Cada segmento deve ter as suas características. Nas nossas festas típicas nós não colocamos o churrasco. Quanto a nossa gastronomia, têm muitas pessoas despreparadas que vão pra Itália e voltam falando mal da nossa comida. Mas eles tem que saber que a polenta com galinha é a nossa identidade, é o carro chefe, eu acho que daqui a mil anos nós temos que estar fazendo polenta com galinha. A melhor comida típica está aqui em Nova Veneza. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza)

A nova ordem é que cada segmento deve ter as suas características. A idéia de compartimentar, separar, criar espetáculos a parte, tudo tem seu tempo e sua hora, não é necessário se despojar dos hábitos da cultura gaúcha, mas deve-se

⁶¹ Em Urussanga acontece em anos ímpares a festa Ritorno alle Origine e nos anos pares a Festa do Vinho. Neste ano esta não aconteceu por problemas financeiros.

estar atento ao momento e o lugar de vivenciá-los. Essa tentativa de transformar hábitos comuns em alteridades, despojá-los de sentido, reflete a intenção de reeducá-los, restringindo-os a um espaço próprio.

As festas dos municípios comportavam indistintamente, o samba, a música gaúcha, a sertaneja, e a italiana entre outras. Esse sincretismo cultural cede espaço para a necessidade de agradar um público, que deseja encontrar cada “tradição” em seu lugar. Dentro desta proposta, a polenta com galinha torna-se o signo da comida típica italiana de Nova Veneza.

A globalização traz à tona a discussão antigo/moderno: estas dimensões se confundem. Para George BALANDIER (1988) a modernidade, com as fragmentações, faz reaparecer o tempo das pequenas nações, motivadas por afinidades de um passado comum. Outro aspecto da modernidade diz respeito a sua inflação e de tudo quanto possa ser convertido em mercadoria. Portanto, a novidade é a inflação dos símbolos e imagens. A cultura italiana, que vem sendo construída, é convertida em mercadoria.

MOMBELLI (1996) revela que no Oeste do Estado de Santa Catarina, a divulgação da cultura italiana também foi assumida por outras entidades civis e públicas nos municípios, especialmente prefeituras e os chamados clubes de serviço, como o Rotary e o Lions Clube, não estando restrita apenas às associações italianas.

O fato da festa ser realizada muitas vezes no dia do município tem gerado certa polêmica, face às outras etnias, que também querem se fazer representar, pois não se sentem identificadas pela etnia italiana.⁶²

A Secretária da Educação do Município, ela não é descendente de italiano, é casada com um italiano, ela não aceita os projetos, é uma dificuldade. Ela vai desenvolver uma festa aqui no aniversário da cidade com música gaúcha e sambão. Ela fala que aqui não moram só italianos,

⁶² Em Criciúma, a festa da Quermesse - tradição e cultura - , também conhecida como a festa das etnias procura contemplar as várias etnias que existem na cidade. Segundo informações da comissão organizadora são as etnias que se organizam e procuram a Prefeitura com o intuito de participar. Nesta festa cada etnia tem um espaço, para exibir ao público a sua cultura, culinária, etc. Esta festa merece uma análise mais detalhada, mas devido ao limite de tempo e objetivos deste trabalho, não a contemplarei neste trabalho.

mas ela tem que se dar conta de que está comemorando os 107 anos da imigração italiana. Nós temos tantas outras datas para fazer essas festas, vamos respeitar os nossos antepassados.

Aqui é a única cidade fora da Itália que foi feito o senso de italianita (italianidade), nós temos 95 % de descendentes de imigrantes italianos na Região.

Eu acho que as outras etnias também têm que se organizar. Já imaginou que interessante se nós italianos pudéssemos ir para uma festa de alemães, sentar lá sem trabalhar só se divertir, comer o chucrute. Eles têm que se organizar. Os negros têm que se organizar. Os gaúchos já estão organizados.

Assessoro algumas pessoas a montar seus negócios envolvendo a questão da italianidade.

Estou desenvolvendo o histórico dos pontos turísticos de Nova Veneza. Eu trago pessoas de fora para dar palestras na Igreja. Comparo slides que faço de casas antigas na Itália, onde preservam tudo, com fotos de casas antigas aqui.

Outra coisa que eu tenho trabalhado muito é conscientizar as pessoas para não colocarem nomes de lojas estabelecimentos comerciais em inglês, vamos colocar nomes italianos. Tudo que esta abrindo agora é com nome italiano, isso porque eu estou dando assistência. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza)

Em Blumenau FLORES (1997) observa que a prefeitura incentivava construções em estilo enxaimel, pois assim a cidade estaria se caracterizando dentro dos padrões da germanidade. Essa arquitetura performática depois de construída é naturalizada pela mídia.

De acordo com CANCLINI (1997, p.164), “o fim último da cultura é converter-se em natureza”. Neste aspecto a mídia cumpre um papel fundamental em divulgar a estética desta nova italianidade, naturalizando-a aos olhos dos espectadores.

2.4 - Culto aos ancestrais - Encontros de famílias

As árvores genealógicas vêm se constituindo em uma nova forma de se contar a história da imigração. O 1º imigrante, representa o Ego, através deste realiza-se um rastreamento da linhagem no país de origem, no caso a Itália, e

também é realizada a catalogação e organização da linhagem que se desenvolveu no Brasil. Marc AUGÉ (1975) distingue linhagem e clã, atribuindo ao primeiro a possibilidade de comprovação e ao segundo, que pode apresentar origens míticas não comprováveis.

De acordo com AKOUN (1972) na linhagem, são excluídos em cada geração, ora os descendentes por via masculina, ora os descendentes por via feminina. A descendência, ao invés, compreende todos os descendentes pelos homens ou pelas mulheres. Em nossa sociedade domina a relação por descendência. *“Todavia, podemos notar que o parentesco linhagista se mantém no domínio do nome. Em realidade é o nome do pai que é o nome da família, quer dizer, um nome de linhagem paterna.”* (p. 143)

Neste caso cabe salientar que o critério norteador que concede o acesso ao reconhecimento da cidadania italiana, *“Jus Sanguinis”*, segue um viés patrilateral, que só é alterado a partir de 1948, quando a mãe com cidadania italiana, pode transmitir a cidadania aos filhos nascidos depois desta data. Abrindo um precedente para o caráter cognático da descendência.

De acordo com MIORANZA (1997) no período de fixação dos sobrenomes italianos, no final da Idade Média, observa-se que a quase totalidade dos sobrenomes⁶³ surgiram no singular. No mencionado período medieval, passa-se usar o termo *casata* ou *casato* como designativo de clã, do grupo familiar, da grande família que gravitava em torno de um patriarca.

O ancestral que imigra para o Brasil torna-se o eixo central da árvore genealógica. Ele passa a ser cultuado pelos descendentes, ao fazer um paralelo com o clã, poder-se-ia dizer, que representa o totem deste clã, no que tange a veneração deste ancestral.

⁶³ Segundo este autor, os sobrenomes italianos podem ser classificados em quatro grupos de acordo com sua origem: patronímicos ou matronímicos que refletem noções de filiação. Os toponímicos que conduzem a um referencial de espaço físico ou geográfico. Os sobrenomes relacionados a atividade exercida, profissão. E por último, estariam os sobrenomes representados por apelidos que surgem inspirados em características físicas, intelectuais, morais, e atitudes comportamentais.

Nós estamos trabalhando a nossa identidade, a Itália de hoje quase não nos pertence, mais é a nossa identidade, o sofrimento dos nossos antepassados. Nós adoramos os Santos, mas nós temos que adorar os nossos antepassados, eles tiveram um sofrimento, eles vieram em busca de uma vida melhor, de uma qualidade de vida, e a cocanha que eles estavam a procura está aqui nas nossas mãos, e se nós não soubermos conduzir essa cocanha, vai levar as drogas, a uma infinidade de coisas. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza)

*Surgimos de dois troncos que se transformaram em galhos, folhas, flores e frutos. Os nossos ancestrais nos legaram ideais de fé, retidão, amizade, firmeza, hombridade, justiça e luta.*⁶⁴

*Le buone radici danno sempre buoni frutti. Coltiva le tue radici. As boas raízes (árvores) sempre dão bons frutos. Cultive as tuas raízes.*⁶⁵

Embora as árvores genealógicas sejam comprováveis através de documentação, foi muito comum encontrar a terminologia clã durante as entrevistas.

Quando o marido morre a mulher não assina mais o sobrenome do marido ela coloca da seguinte maneira: senhora fulana de tal viuva de fulano. Eu estou in naquela família eu não sou daquela família, eu não pertencço ao clã daquela família, eu estou agregada a este clã. Aqui no Brasil a gente absorve tudo, e quando tem filhos só coloca o sobrenome do marido. (60 anos, 2ª geração, moradora de Criciúma)

A mulher casada, que adquire a dupla cidadania ao receber o documento italiano constata que o sobrenome do marido segue após um *in*⁶⁶. No caso da morte do marido a mulher não usa mais o sobrenome do marido mas sinaliza que é viuva do mesmo.

O parentesco traçado, desenhado nas árvores genealógicas tem revelado um mundo sem fronteiras. Diversos *sites* na Internet têm divulgado a história de famílias, do mesmo modo, ilustram famílias que fazem apelo para que os

⁶⁴ <http://terra.planetarium.com.br/~ffd/arvore.html> Capturado em 1998.

⁶⁵ Expressão usada para propagar as eleições dos Comitês. Usa-se a família como alvo da propaganda. Segue modelo em anexo.

⁶⁶ *Em, dentro de.*

parentes do mundo todo se comuniquem com elas. Inúmeros são os anúncios em busca de informações sobre os ancestrais.⁶⁷

FOX (1986, p. 13-14), em seus estudos sobre parentesco revela que essa tomada de conhecimento sobre a suposta origem: *“Salvuarda-nos do anonimato: não fomos lançados neste mundo sem uma história. Para usar a metáfora mais freqüentemente associada à procura dos antepassados, possuímos raízes. (...) Quantos de entre nós não serão capazes de resistir ao poder de sedução exercido por antepassados famosos ou ilustres?”*

Essa tentativa de reconstrução histórica de um passado remoto tem propiciado um emergente e bem-sucedido comércio, pois são inúmeras as empresas que vêm adquirindo bons lucros com a compilação de genealogias, brasões de família e históricos de família.

*No desenvolver da pesquisa podemos encontrar como antepassados, pessoas ilustres de linhagem nobre, brasonados, assim como índios, escravos, padres, lavradores ricos e pobres. Temos sempre uma grande surpresa a cada ancestral que descobrimos*⁶⁸

Essas pesquisas são realizadas em cartórios de registros civis, igrejas católicas ou em cúrias, onde se encontram as certidões de nascimentos, casamentos e óbitos. *“Podemos demorar uma vida toda para se montar uma genealogia completa com os parentes colaterais, primos em vários graus e em diversos lugares do mundo”*⁶⁹.

Esse parentesco virtual vem tomando corpo. Inicia-se com contatos prévios até se concretizar em encontros. Esses encontros acontecem com as excursões que são realizadas para a Itália, ou em Festas de família.

Aqui na Região já teve mais de vinte encontros de família, onde as pessoas escrevem livros sobre a família. Fazem árvores genealógicas em que a origem transcende a Itália, descobrindo as vezes que se tratava de alguma família que havia imigrado da Palestina, França para Itália e posteriormente para a América do Sul. Também teve os que descobriram

⁶⁷ Ver anexo site Vitrine. Idem anexo I.

⁶⁸ <http://www.homeshopping.com.br/~amatomar/genealo.htm>. Capturado em 1997.

⁶⁹ idem

que são descendentes de famílias judias. (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza)

Essas festas de Família⁷⁰ acontecem em torno de um sobrenome, geralmente o patriarca da família.

Nos reunimos entre os parentes para organizar a festa, mas na época, pensávamos numa coisa pequena, apenas as nossas famílias aqui, isso foi em 91.

Organizamos uma comissão. Fiquei como presidente da comissão. Organizamos um almoço com umas 50, 60 pessoas, para pensar na festa. No 1º encontro reunimos umas 700 pessoas só de descendentes. Era vendido um convite, o almoço era churrasco, não foi um almoço típico italiano. Até a repórter depois falou: “engraçado uma festa de italianos com churrasco.” Eu guardei isso né. Era mais fácil o churrasco, nós não tínhamos uma cozinha pronta. Quando foi em agosto, dia 4 agosto, teve outra em Meleiro, com 800 pessoas. Depois teve no Caravagio, 1 de maio, teve de novo aqui uma festa que durou 3 dias, aí sim, com comida típica italiana. Vieram em torno de 2000 pessoas. Veio gente do Mato Grosso, RS, RJ, Alagoas, tudo gente que saiu daqui.

A partir daí surgiu a idéia de se fazer um museu da família Macarini, a associação da família, foi uma coisa a posteriori. Uma prima cedeu um hectare de terra para construir a sede da associação. Ainda não construímos a sede, as reuniões acontecem sempre na casa de um, de outro.

Nós ainda não descobrimos o brasão, minha irmã teve na Itália, teve em contato com os parentes e não encontrou. (48, 2ª geração, morador de Criciúma)

Na festa não estavam presentes os parentes da Itália, mas se faziam presentes autoridades italianas e brasileiras, como prefeitos e representante do governador.⁷¹

A abertura da festa acontece com o hasteamento das bandeiras do Brasil, Itália e das cidades próximas, na qual moram a parentela. Posteriormente as autoridades locais discursam.

O culto aos ancestrais que imigraram é ritualizado em todos os eventos, prestam-se homenagens, é narrada a história destes ancestrais para todos os

⁷⁰ Não participei destas festas de família, apenas entrevistei alguns organizadores e participantes.

participantes. Destacado o apreço destes ao trabalho, família e religião. A italianidade merece destaque especial nestes eventos, o culto aos ancestrais esta associado ao culto à italianidade.



Foto do monumento em homenagem às famílias de origem italiana. Este monumento faz parte do acervo do Parque Municipal Dr. Ado Cassetari Vieira de Urussanga.

Outro aspecto importante é a religiosidade, em todas as festas a missa é celebrada, constituindo-se como uma referência da fé deste grupo.

Ellen F. WOORTMANN (1994) realiza uma analogia entre a organização deste tipo de festa de família e uma peça de ópera, em que o libreto possui como tema central o mito do herói civilizador do passado. A música serve para enaltecer os personagens centrais do presente, portadores das qualidades dos

⁷¹ Segue em anexo o roteiro da festa.

heróis do passado. Destaca também os coadjuvantes, gerações intermediárias, que aumentam os números de participantes. Fala da produção e elaboração da peça, dos iluminadores que dirigem seus refletores para o passado, “*produzindo efeitos especiais sobre efeitos tornados especiais*” (p. 119).

O sangue é concebido como o veículo de transmissão das características do herói civilizador personificado na figura do ancestral. Como foi ilustrado no primeiro capítulo, a herança sangüínea é vista como fundamental, determinando a constituição física e moral do indivíduo.

Durante a festa acontecem os lançamentos de livros da família, histórico do sobrenome, a exposição da árvore genealógica, e a distribuição de xerox do brasão da família.

Um dos organizadores comenta:

Minha filha falou que tinha várias coleguinhas de escola, que ela descobriu na festa, que se tratavam de parentes. Já combinaram de passar fim de semana umas na casa das outras. As pessoas ficam mais unidas, aprendem a valorizar o sofrimento dos nossos antepassados, tem um modelo a seguir, tem sido muito positivo sabe...(36 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

A descoberta de novos parentes não acontece só com pessoas distantes e desconhecidas, os ilustres parentes do além-mar. A maior surpresa é a descoberta de parentes em pessoas que já se conhecia que viviam no mesmo bairro, cidade, que estudavam no mesmo colégio.

Na maioria das festas a presença dos parentes italianos é muito comum, geralmente é relatado como motivo de orgulho. Teve uma destas festas em que se encontrava em Florianópolis uma excursão de italianos, embora não fossem parentes estes foram convidados a prestigiar a festa, e foram tratados como autoridades ilustres.

Um dos entrevistados relata sua conversa com um senhor italiano de uns 76 anos.

O senhor diz ter ficado muito impressionado com a recepção que ele teve aqui no Brasil. Alegou que jamais imaginou que seria tão bem recebido, falou que o hospedaram em uma casa nova, que ainda não havia sido inaugurada pela família. E falou ainda: Os valores são outros, eu me senti até mal, colocaram um carro a minha disposição, receberam-me com faixas, fogos de artifício, era como se fosse um sonho. (32 anos, 3ª geração, Criciúma)

Esse choque cultural, é intensificado quando este entrevistado viaja para a Itália, e percebe a diferença cultural que envolve esses “novos” parentes que são classificados como “parentes” por possuírem o mesmo sobrenome.

Através da lista telefônica eu consegui endereço de pessoas com mesmo sobrenome que o meu, não que os considerasse parentes, mas resolvi visitá-los, pois quando eles vêm para o Brasil são muito bem recebidos, mesmo que não tenham o mesmo sobrenome, as pessoas aqui têm orgulho em hospedar os italianos. Fui até à casa de algumas pessoas, e não tive a mesma recepção que os italianos têm aqui no Brasil. As pessoas me recebiam no portão de casa, com poucas palavras, de forma bem objetiva, fria. (32 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Teve outro caso em que a recepção foi mais drástica. O visitante brasileiro foi recebido com cães de guarda e convidado a se retirar pelo proprietário da residência.

Existem muitos comentários envolvendo o medo que os italianos têm de que surjam descendentes de imigrantes em busca de herança.

Para as pessoas envolvidas com associações italianas, existe um meio certo de abordar esses possíveis “novos” parentes.

Nós temos aqui quase que diariamente visitas de italianos, agora está havendo uma descoberta dos seus parentes, lá a maioria, principalmente os vênetsos têm interesse em descobrir os parentes.

Tem que saber chegar nos parentes, se você chega sem um contato prévio, causa esses mal entendidos que a gente vê por aí. Alguém despreparado vai lá e traz esta imagem pra cá. (35 anos, 3ª geração, Nova Veneza)

A procura por brasões de família, árvore genealógica é uma coisa muito forte no momento, tem muita gente atrás. Eu recebo todos os dias telefonema de toda SC a procura de documentos.

Me relaciono com os parentes na Itália. Para ter uma boa relação com os parentes é necessário fazer um contato antes. Muita gente pensa que é só chegar lá e dizer eu sou fulano de tal, mas se um cara vem de outro país e basicamente sem falar a minha língua, eu não vou levá-lo para a minha casa. Na Itália eles te consideram parente até o 7º grau. (50 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

As festas de famílias não têm fins lucrativos, são organizadas comissões com o intuito de angariar fundos para a viabilização da mesma, sem implicar em custos elevados para os participantes. Na organização da festa são criadas camisetas, chaveiros, bonés e demais objetos com o logotipo da família, quando a família tem brasão é a forma deste que é estampada nos objetos.

A construção de árvores genealógicas tornou-se uma prática comum nos últimos anos, nem todas as famílias recorrem a especialistas para confeccioná-las. Boa parte do grupo entrevistado mostrou-me esboços, listas intermináveis de nomes e datas que posteriormente são organizados da forma mais prática e criativa possível. Tem o modelo *pizza* que inicia com o imigrante italiano ao centro e segue com seus filhos netos, bisnetos etc. Segue a linhagem patrilinear. Também foi encontrado o modelo em forma de árvore, esta árvore contempla 200 anos da família que inicia na Itália em 1700 na base do tronco, com suas ramificações abordando parentes diretos e colaterais, até atingir o imigrante italiano no Brasil e seus filhos e netos que permanecem no tronco (no tronco permanece o filho primogênito, os outros filhos são distribuídos em ramos) e distribuem suas respectivas famílias em ramos.⁷²

A preocupação em registrar a história da família contempla interesses dos mais variados.

É tão bonito uma pessoa que tem história registrada. Por que só a dinastia, os imperadores e reis podem ter o seu arquivo de memória? Guarda a tua história! (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

⁷² Segue em anexo os dois modelos. Estes modelos não foram desenhados por especialistas, membros da família realizaram a pesquisa, e nos dois modelos a forma foi criada por engenheiros.

Na minha família eu descobri uma ancestralidade indígena, que pena que não tenha nada registrado à respeito. Tudo começou quando eu comecei a organizar os documentos para fazer a cidadania. Eu acho que a cidadania italiana é que despertou para isso. (65 anos, 2ª geração, morador de Cocal do Sul)

O termo “família tradicional” é muito usado para representar famílias ilustres, bem sucedidas financeiramente. Um dos informantes alegou que uma “família tradicional” não apresenta problemas em conseguir os documentos. Os “novos ricos” também podem atingir o *status* de “família tradicional” ao exibir seu brasão e árvore genealógica comprovando sua origem.

Um ponto que tem gerado polêmica é a autenticidade do brasões. Muitas pessoas revelam duvidar da autenticidade destes documentos, já outros ostentam o brasão⁷³ como um verdadeiro título de nobreza.

Uma senhora que entrevistei falou-me do prazer que sentia em poder conversar com alguém sobre esse assunto, se dizia apaixonada pela italianidade.

No princípio eu fiquei um pouco aflita, pois eu gostaria que ela respondesse algumas questões referentes à pesquisa. Na verdade queria conduzir a entrevista sem perceber que a riqueza estava na condução, na direção que ela estava dando. Queria contar a sua história e dar ênfase aos dados que considerava importantes como, por exemplo, fotos de parentes importantes com ascendência italiana, histórias do *paese* da Itália que vieram seus ancestrais, do padrão socioeconômico da sua família, dos livros italianos que comprara em suas viagens, objetos, fotos de suas viagens. Falou-me que sua família era de proprietários na Itália, e que a grande maioria dos que vieram para o Brasil não passavam de arrendatários, e que portanto não houve dificuldade em conseguir seu Brasão.

Ellen F. WOORTMANN (1994) ao analisar categorias simbólicas através das quais os colonos teuto-brasileiros das colônias antigas do Rio Grande do Sul pensam o parentesco e constróem sua memória, enfatiza que o modelo de

⁷³ Mesmo que a pessoa não consiga comprovar a ligação de parentesco com a pessoa que recebeu o mérito do brasão no passado, ainda assim, pelo fato de possuir o mesmo sobrenome, algumas pessoas ostentam este brasão como motivo de orgulho para a família. Segue em anexo modelos de brasões.

“árvore-tronco” dos colonos não corresponde ao mesmo significado de “árvore genealógica”, construídas por profissionais especializados para descendentes de colonos urbanizados e sobretudo enriquecidos. Neste sentido a árvore construída pela memória dos colonos nunca é desenhada. Ao passo que a dos “novos ricos” constitui um emblema de prestígio. A árvore dos colonos é uma categoria de discurso e um princípio organizatório.

“A memória faz a descendência, e a descendência faz a memória”(idem, p. 117), de modo que os descendentes urbanos sempre que possível exibem brasões⁷⁴, ou alguma peça simbolicamente importante para a família, desde que não relacionada aos universos camponeses europeu brasileiro, valorizam seus ascendentes alemães e omitem a descendência camponesa brasileira. Apresentando uma memória seletiva neste caso, na elaboração da árvore genealógica, esta seletividade também entra em cena. Aqui se procura privilegiar os parentes mais influentes e importantes, diante desta probabilidade de escolha o parentesco apresenta um caráter cognático, e não patrilinear como é o caso dos colonos.

Na maioria dos casos abordados, especialmente o das famílias que já realizaram encontros e editaram livros, pode-se constatar que a origem camponesa é destacada, especialmente para retratar como os ancestrais que aqui chegaram encontraram uma natureza a ser domesticada, transformada, e que foi graças a muito trabalho e sofrimento dos ancestrais que hoje se pode desfrutar de uma vida melhor. E foram raros os casos, como este ilustrado anteriormente, no qual relata-se que a família já era nobre, família de proprietários.

A pesquisa dos documentos para o reconhecimento da cidadania italiana foi apresentada como inspiração para a construção da árvore genealógica, instigando um maior interesse pelos parentes de “longe e de perto”.

⁷⁴ WOORTMANN (1994, p.115) observa que as “casas camponesas, na Alemanha como também na França, possuíam uma espécie de emblema que encimava a porta principal, e que se mantinha, juntamente com o *nom de terre*, mesmo que a casa passasse para outra família. Tais emblemas podem ser com algum artifício, tornados brasões enobrecedores.”

CAPÍTULO III - A CONQUISTA DA DUPLA CIDADANIA

3.1 - A lei e suas leituras; legislação italiana e dupla cidadania

O que assegura o reconhecimento da cidadania italiana é o “*Jus Sanguinis*”. Ou seja, vínculo sangüíneo do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes, sejam do bisavô para avô, deste para o pai, do pai para o filho, em seqüência até o pretendente, sem limites de geração.

A legislação italiana que regulariza a cidadania de descendentes de imigrantes está pautada na lei n.º 555, de 13/06/1912⁷⁵, que atribuía a cidadania somente a filhos de italianos do sexo masculino.

A Itália, até 1946, era uma Monarquia. Este regime tinha como prioridade salvaguardar os interesses do Reino. Para tanto procurava manter os herdeiros protegidos de qualquer divisão de patrimônio. No caso de um casamento entre uma mulher do reino e um estrangeiro, a mulher não poderia transmitir sua nacionalidade aos filhos. Estes deveriam adotar a nacionalidade do pai. Isso acontecia mesmo que esta mulher fosse de descendência nobre.

Essa legislação foi revista em 1 de janeiro de 1948, quando entrou em vigor a nova Constituição da República que procurou reparar a desigualdade entre os sexos. Embora uma Carta Magna, essa Constituição não tinha o poder de revogar leis. A Lei n.º 555 de 1912 só veio a ser revogada em 5 de fevereiro de 1992 com a Lei n.º 91 que entrou em vigor em 15 de agosto do mesmo ano.

Em 1983, a Corte *Costituzionale*, que na Itália controla a constitucionalidade das leis, através da sentença n.º 30, julgou o artigo 1 - ns 1, 2

⁷⁵ É cidadão por nascimento, a) o filho de pai italiano; b) o filho de mãe italiana nos casos de pai desconhecido ou sem nacionalidade italiana e de outro país, ou ainda quando o filho não haja adquirido a nacionalidade do pai com base em lei do país a que pertença.

- da Lei nº 555, que negava às mulheres italianas a faculdade de transmitir a própria nacionalidade aos filhos. A Corte declara os itens deste artigo parcialmente inconstitucionais. Conseqüência, essa inconstitucionalidade não pode reatragir além de 1º de janeiro de 1948, data da entrada em vigor da própria Constituição⁷⁶.

De acordo com SAAD (1998)⁷⁷, uma mulher (uma cidadã italiana residente no Canadá) abriu processo requerendo da Justiça o direito de fazer reconhecer a cidadania dos filhos nascidos antes daquela data (antes de 1948). Perdeu nas primeiras instâncias, mas o recurso foi julgado pela Corte di Cassazione (tribunal italiano que corresponde ao nosso Supremo Tribunal Federal), que lhe deu provimento. Com isso, ela conseguiu o que queria, e há a expectativa de que esse direito, com criação de jurisprudência, possa ser estendido a todos aqueles que se encontram na mesma situação. Até o momento os consulados não receberam autorização do Ministério do Exterior italiano no sentido de poderem acolher processos de reconhecimento de cidadania de filhos de cidadãs italianas nascidos antes de 1º de janeiro de 1948, mas, espera-se, isso venha a ocorrer. Por enquanto, o único caminho é o que trilhou a senhora mencionada: abertura de processo judicial na Itália (o que pode ser dispendioso...).

Neste caso, a maioria das mulheres no Brasil continua à margem da nova legislação. O jornal ítalo-brasileiro - italonet - adverte:

“Apesar desta lei ter sido revogada em 1992 - sentenza n.º 6297/96. Alguns burocratas de plantão inventaram uma regra onde a nova lei de 1992 só seria aplicada a partir da promulgação da última Constituição Italiana (01/01/1948). Sendo assim essa sentença proferida em favor de uma ação iniciada por uma senhora canadense, cria uma jurisprudência que permitirá a todos a entrada dos pedidos de cidadania nos consulados,

⁷⁶ De acordo com PETRUZZIELLO (1995), os filhos de mãe italiana, nascidos antes de 01 de janeiro de 1948, continuam sem direito à nacionalidade italiana “jus sanguinis”, enquanto que os nascidos após aquela data têm seu direito reconhecido sem nenhum problema. Em conseqüência, poderemos vir a observar caso de irmãos, entre os quais um poderia ter a nacionalidade “jus sanguinis” reconhecida enquanto outro não teria esse direito.

Incoerência? Discriminação?

Não, apenas lei. E “dura lex, sed lex”. A lei é dura, mas é a lei. Revista Insieme. Orientação Jurídica. Curitiba PR, Fevereiro/Março de 1995, p. 14

⁷⁷ Site da Internet <http://www.ecco.com.br/legge/> - Leis e cidadania. José Maurício Borin Bechara SAAD. Capturado em 1997.

porém pedimos aos interessados que não congestionem os mesmos, até haver uma circular normativa do Ministério das Relações exteriores da Itália. Falta agora resolver a questão dos italianos que emigraram com passaporte austríaco.” (Novembro/dezembro de 1996)⁷⁸

Desde de 1996 vários órgãos ligados à questão da italianidade têm divulgado a boa nova, a “*setenza n.º 6297*”, que garante o direito a aquisição da cidadania via materna.⁷⁹ Ocorre que essa circular normativa tem vigência apenas no país, obrigando a quem deseja regularizar a cidadania via materna a se deslocar até a Itália. Neste sentido, se tem notícia de outro caso, ganho por um cidadão argentino, que teve de dar entrada no processo de regularização da cidadania na própria Itália⁸⁰. A esse respeito, as pessoas entrevistadas alegam que se torna inviável regularizar a cidadania, pois este processo se tornaria muito

⁷⁸ <http://www.italonet.com> italonet@suet.com.br . Capturado em 1997

⁷⁹ <http://www.estado.com.br/edicao/pano/96/12/28/provs600.hym> capturado em 1997.

Novas medidas beneficiarão 30% de 23 milhões de pessoas no Brasil

“Aqueles que desejam obter cidadania italiana, mas que até agora eram barrados por terem nascido antes de 1948, já podem começar a preparar os papéis. Dentro de alguns meses, essa restrição não existirá mais. O Consulado Geral da Itália espera um comunicado oficial para obedecer a uma determinação feita pela Corte di Cassazione, equivalente ao nosso Supremo Tribunal Federal, que permite a concessão de cidadania para quem tenha pai ou mãe italianos, qualquer que seja a data de nascimento.

“É uma ótima notícia”, afirma o representante do Comitê da Presidência do Conselho Geral dos Italianos no Exterior, Luigi Barindelli. Ele estima que a determinação beneficiará cerca de 30% dos 23 milhões de descendentes de italianos que vivem no Brasil. “Assim que recebermos oficialmente o comunicado, colocaremos em prática a determinação”, afirmou o assessor do Consulado, Bruno Giovannetti.

Dos 23 milhões de oriundi, cerca de 250 mil têm passaporte italiano. O baixo número, para ele, tem uma explicação. Há no Brasil apenas seis consulados. “Às vezes é preciso viajar quilômetros para chegar a um Consulado, enfrentar filas e, além disso, meses e meses de espera para obter o documento”, comenta. Até fevereiro de 1992, a cidadania era concedida aos que tivessem origem italiana masculina: pai, avô, bisavô, sem limites de geração.

Com a nova legislação, a possibilidade foi ampliada para todos que tenham ascendentes de linha direta na Itália. Apesar de estar na Constituição desde 1948, a paridade entre os sexos só ocorreu de fato com a criação da lei sobre o direito de família, que passou a vigorar em 1992.

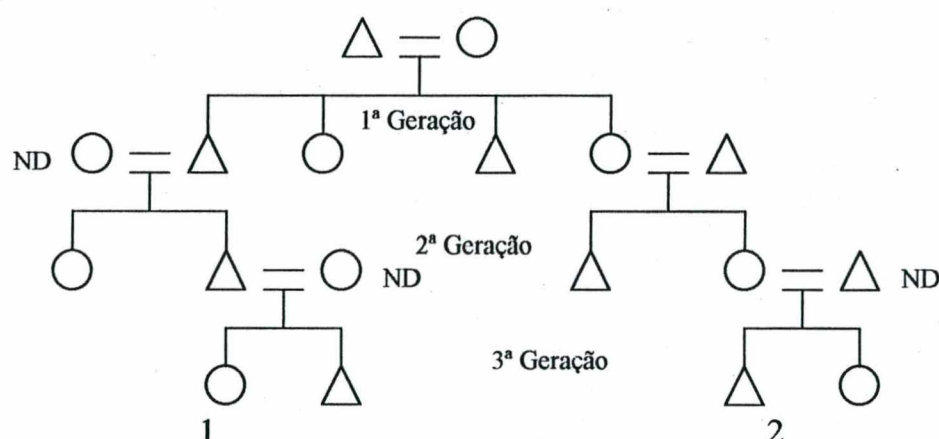
Mesmo assim, há quem não veja muito claramente a posição da mulher na nova lei.

O deputado Mirko Tremaglia, da Aliança Nacional, partido de extrema direita, acredita que há questões a serem esclarecidas. O interesse maior é o voto dos italianos que moram fora da Itália.

⁸⁰ *“Cidadão nascido no exterior antes de 1948, filho de mãe italiana e de pai argentino, reivindicou a obtenção do reconhecimento da cidadania italiana e, tendo seu pedido indeferido porque nascera antes da entrada em vigor da Constituição de 1948, recorreu à corte Constitucional e teve seu pleito acolhido, conforme a sentença número 6297/96 da primeira seção da Corte de Cassação.” (FENILI, 1997, p. 28)*

oneroso para o cidadão requerente. Atualmente, a cidadania via materna só é transmitida se a mãe do requerente for filha de pai com direito à cidadania via paterna, e só transmitirá ao filho se este tiver nascido após 01 de janeiro de 1948. Ex.: bisavô materno (homem), avô materno (homem), mãe, filho pretendente nascido após 01/01/1948. A mulher ao transmitir a cidadania ao filho segue a linha patrilinear.

IMIGRANTES ITALIANOS



ND = Não descendente de imigrante

No caso de um casamento entre um homem descendente de imigrantes italianos e uma mulher não descendente, não existe nenhum empecilho para a regularização da cidadania dos filhos (as), como exemplo na situação 1. Já quando o casamento acontece com uma mulher descendente e um homem não descendente os filhos (as), como exemplo na situação 2, têm seus direitos limitados pela legislação.

Até 27 de abril de 1983, as mulheres brasileiras casadas com cidadãos italianos ou ítalo-brasileiros que haviam regularizado a cidadania italiana,

adquiriam automaticamente a cidadania italiana⁸¹. Mudanças na legislação retiraram esse direito de quem casou após esta data. Cabe destacar que as mulheres italianas ou ítalo-brasileiras casadas com cidadãos estrangeiros antes de 1983, não transmitiam automaticamente a cidadania ao marido.

Outro impedimento atinge os imigrantes italianos vindos de territórios que fizeram parte do Império Austro-Húngaro, como, por exemplo, a Região do Trentino Alto-Ádige - Províncias de Trento e Bolzano -, que foram anexados à Itália pelo Tratado de paz de Saint-Germain⁸². Com isso, os descendentes destes imigrantes, não podem ver reconhecida a cidadania italiana, sem demonstrarem através de documentos, terem seus ascendentes à época, declarado opção pela cidadania italiana junto às competentes autoridades consulares.

O grande fluxo da emigração italiana ocorreu antes de 1920, período em que entra em vigor o tratado e, portanto, os imigrantes aqui no Brasil e em outras partes do mundo não tomaram conhecimento deste fato. Muitos destes descendentes só tomaram conhecimento desta lei, no momento em que recorreram aos consulados com o objetivo de regularizar a cidadania italiana.

“Só porque meu avô não assinou um papel antes de morrer, querem dizer que eu sou descendente de Austríaco. Meu pai sempre cultivou valores italianos, morreu falando italiano, e agora o Consulado quer dizer que ele é Austríaco, porque não assinou uma porcaria de papel. Olha! ninguém aqui sabia desta história.” (62 anos, 2ª geração, Morador de Nova Trento)

⁸¹ De acordo com FENILI (1997, p. 32), em 21 de abril de 1983, com a lei nº 123, que passou a vigorar em 27 de abril de 1983, em seus artigos 1º e 3º, houve uma alteração na forma de aquisição da cidadania pelo matrimônio. O artigo primeiro cita:

‘O cônjuge, estrangeiro ou apátrida, de cidadão italiano adquire a cidadania italiana quando reside há pelo menos seis meses no território da República, ou ainda depois de três anos da data do matrimônio, desde que não tenha tido dissolução, anulação ou cassação dos efeitos civis e se não houver separação legal.’

Conforme FENILI neste caso a aquisição não é automática como era com a lei de 1912, mas é semi-automática na medida em que depende de um procedimento administrativo complexo, a solicitação deve ser enviada ao Prefeito do município de residência ou à autoridade consular competente. É necessário um decreto do presidente da República deferindo o pedido.

⁸² Tratado de 10 de setembro de 1919, firmado entre as potências aliadas e associadas de um lado, e a nova república da Áustria, de outro, no final da 1ª Guerra Mundial. Retirava todos os direitos da monarquia Austro Húngara sobre os territórios situados fora da nova fronteira. O tratado entra em vigor em 16 de Julho de 1920.

Este fato tem gerado inúmeras polêmicas no interior da comunidade ítalo-brasileira. Em agosto de 1997, na cidade de Curitiba, aconteceu um congresso nacional da juventude trentina no Brasil. Encaminharam então um abaixo assinado ao Consulado para que este se empenhasse na regularização da cidadania italiana aos descendentes de imigrantes trentinos. O reconhecimento da cidadania legal e de fato está entre as principais reivindicações dos jovens trentinos brasileiros, “*queremos a dupla cidadania como reconhecimento de nossa italianidade*”⁸³. Mas até o presente momento, nada foi deliberado a respeito.

A cidadania italiana neste aspecto se configura no reconhecimento e legalização da italianidade do grupo.

Segundo Roselys C. SANTOS⁸⁴ há algum tempo atrás, os descendentes de imigrantes da Região do Trento conseguiam regularizar a cidadania, viajando até a Itália e visitando o *paese*, isto é, lugar onde nasceram seus ancestrais. Lá solicitavam os documentos nos Cartórios, certidões de nascimento do ancestral. Como as pessoas que trabalhavam nos Cartórios não foram orientadas para a questão legal envolvida em tal processo, em alguns casos foram entregues documentos sem a comprovação de que o ancestral optara pela cidadania italiana.⁸⁵

Em 1991, houve um congresso, em Trento, para divulgar a questão legal. Esclarecia-se que só poderia adquirir a cidadania quem tivesse emigrado depois de 1920, ou quem tivesse o documento comprobatório de que o ancestral optara pela cidadania italiana e não austríaca. Isso explica o fato de terem alguns cidadãos provenientes destas regiões regularizado a cidadania italiana.

⁸³ Revista Insieme. Curitiba, n.º 16 novembro de 1997, p. 37-38

⁸⁴ Historiadora e professora da UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí. Entrevista realizada em março de 1998.

⁸⁵ De acordo com o Consulado de Curitiba também houveram alguns casos em que a cidadania foi regularizada pelo Consulado até 1990. Atualmente (1998) o Consulado não está renovando estes passaportes, com isso estão perdendo a validade. Os passaportes têm que ser renovados a cada cinco anos. O passaporte tem validade de dez anos, quando completa cinco anos da sua emissão este tem que ser renovado.

Outros empecilhos à regularização da cidadania italiana derivam de erros de cartório muito comuns como alterações da grafia dos sobrenomes. Neste caso torna-se necessário alterar todos os documentos para recuperar o nome italiano. Boa parcela das pessoas consultadas alegaram que tiveram que retificar os documentos.⁸⁶

Eu tive que vender minha moto para poder pagar as alterações que tive que fazer em todos os documentos. (22 anos, 3ª geração, Morador de Cocal do Sul)

Outra limitação à regularização da cidadania é a circunstância do ascendente italiano ter se naturalizado brasileiro⁸⁷. Situação mais rara, não cheguei a encontrar nenhum caso em campo.⁸⁸

Os consulados só dão entrada nos processos se o requerente estiver com a documentação exigida⁸⁹. O maior problema para o requerente consiste justamente

⁸⁶ Cabe destacar que alguns descendentes abasileiraram seus sobrenomes propositadamente para não sofrerem perseguições por parte do governo brasileiro.

⁸⁷ A documentação deve ser enviada para a Divisão de Naturalização da Subsecretaria de Estrangeiros, do Ministério da Justiça, no Edifício Anexo 2, 3º andar, em Brasília para conseguir uma negativa de naturalização. Se o antepassado que veio da Itália se naturalizou, não há como obter cidadania italiana. Conseguida a negativa, os documentos podem ser entregues no Consulado italiano com alguma expectativa de êxito.

⁸⁸ É possível requerer a cidadania mesmo que o ascendente já tenha se naturalizado brasileiro, mas é necessário uma análise caso a caso. "A nova lei sobre cidadania, n.º 91 de 4/2/1992, que entrou em vigor no dia 16/08/1992, prevê que o cidadão que adquire outra cidadania, conserva a italiana, mesmo que possa a ela renunciar. Tal naturalização deve ser comunicada ao Consulado competente. Por outro lado, para aqueles que se naturalizaram antes de 16/08/92 e que portanto, em base a precedente lei n.º 5555 de 13/06/1912, perderam a cidadania italiana, esclarece-se o quanto segue:

- a cidadania italiana é transmitida aos filhos nascidos antes da naturalização, enquanto que não é transmitida aos filhos após a naturalização;

- a nova lei sobre a cidadania prevê que as pessoas interessadas possam readquirir à cidadania italiana fazendo no Consulado ou no Comune de residência, uma declaração neste sentido dentro de dois anos da entrada em vigor da lei (isto é, até o dia 16/08/94). A cidadania readquirida é transmitida aos filhos menores de idade. Passado o prazo estabelecido, a reaquisição somente será possível transferindo-se a residência para a Itália por um ano ou segundo outras condições prescritas na lei.

- Conforme informações do Vice-Consulado de Florianópolis, essa não é uma questão fechada. Pode-se a qualquer momento conceder mais um tempo de prorrogação para beneficiar os cidadãos que por ventura tenham se naturalizado.

⁸⁹ Vide, em anexo, lista da documentação exigida.

em ter acesso a toda a documentação necessária, em especial à certidão de nascimento ou de batismo (ou de nascimento da igreja) do ascendente italiano que irá originar a cidadania, emitida pela autoridade civil ou religiosa da cidade onde ocorreu o nascimento. Quando o descendente inicia a pesquisa documental, verifica que na certidão de casamento ou óbito do ancestral consta “nascido na”, ou “natural da Itália”. Os casos em que se encontram especificadas região e província são uma minoria. Neste caso, os descendentes pesquisam com os parentes de mais idade para levantar as primeiras pistas. As associações e Consulados orientam os descendentes na busca, fornecendo um modelo de carta a ser enviado para os prefeitos de cidades, províncias. Um senhor enviou 80 cartas para conseguir a certidão de nascimento do ancestral. Os consulados aconselham o envio de cartas ao prefeito (sindaco) da província e também ao pároco (parroco), pois para os nascidos antes de 1870 é possível encontrar documentos como certidão de batismo, em igrejas.

Agora tu vai mandar uma carta para a Itália tu não sabe de onde o teu bisavô nasceu . Muitas pessoas ainda escrevem em português cartas para conseguir documentos de até 150 anos atrás. Escrevem para prefeituras onde na verdade só a partir de 1872 é que esta documentação foi para cartórios, antes disso ela era organizada pela Igreja. Portanto é necessário que se faça uma pesquisa prévia antes de enviar as cartas. O modo mais fácil é via associação regional, pois estas associações na Itália fazem questão de saber quem são os italianos de tal região no mundo, o que eles fazem, como eles vivem. (56 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

- Certidão de Filiação desde o antepassado italiano que emigrou para o Brasil até o interessado (nascimento, casamento e óbito);

.Documento expedido pelo Ministério da Justiça, em Brasília, no qual conste se o antepassado era ou não naturalizado brasileiro (o nome deve estar correto);

.Fotocópia autenticada das três primeiras páginas do passaporte brasileiro;

. Certificado de bons antecedentes de todos os interessados;

. Duas fotocópias autenticadas do certificado de reservista; para todos os pretendentes do sexo masculino, com idade até 45 anos.

Obs. os documentos devem ser originais. Solicita-se uma nova via de todos os documentos exigidos. As certidões de nascimento, casamento e óbito deverão ser "segunda via do original" de emissão recente (3 meses, o prazo varia conforme cada Consulado), com firma reconhecida.

Todos os documentos devem ser traduzidos para língua italiana, por tradutor público.

Face às dificuldades muitas pessoas acabam recorrendo a empresas especializadas em realizar esse tipo de pesquisa na Europa.⁹⁰ Os preços dos serviços variam de 200 a 500 dólares.

Para encontrar a documentação existem aqueles que são mais tradicionais e que tomaram conta da italianidade deles e sabem de onde que o pai, o avô vieram.

Não tem essa história de linha paterna ou materna, as pessoas escolhem o que vai mais rápido. Como a linha paterna tem menos empecilhos é a mais adotada.

O que diferencia o Sul do Brasil em relação a São Paulo no que diz respeito a dupla cidadania é o fato de em São Paulo a maior imigração é posterior a nossa, conseqüentemente o número de documentos que eles tem que juntar é menor. (56 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Depois de conseguir a documentação necessária, recorre-se ao tradutor público juramentado, para fazer a tradução de todos os documentos⁹¹. O próximo passo é encaminhar esses documentos traduzidos para o Consulado. O prazo, atualmente, tem sido de mais ou menos um ano e meio para regularização da cidadania e obtenção do passaporte.

A solicitação do passaporte pode ser feita junto com o processo de regularização da cidadania, quando feita após a regularização da cidadania, pode demorar bem mais tempo.

Para sair do Brasil, o cidadão ítalo-brasileiro deve apresentar o passaporte brasileiro. O passaporte europeu é acionado no momento da entrada em outro país.

⁹⁰ TIRE JÁ SEU PASSAPORTE PARA O MUNDO! SOMOS EXPERTS EM BUSCAS DE DOCUMENTOS PARA CIDADANIA ITALIANA. EQUIPE ITALIANA E BRASILEIRA. TEMOS RETIFICAÇÕES, TRADUÇÕES JURAMENTADAS E ENCAMINHAMOS SEU PEDIDO. TEMOS CERTAMENTE A SOLUÇÃO PARA SEU CASO E O ORÇAMENTO QUE CABE DIREITINHO NO SEU BOLSO. CINCO ANOS DE TRABALHO PROFISSIONAL E SÉRIO GARANTEM OS NOSSOS SERVIÇOS. MANDE UM E-MAIL PARA

mmaquino@uol.com.br OU europa@conecte.com

<http://www.conecte.com/europa> ARRIVEDERCI! . Capturado em 1997.

⁹¹ O preço da tradução por página é de 8 a 30 reais.

Caso o duplo cidadão venha a cometer alguma infração, a lei será aplicada segundo sua residência. Se estiver no Brasil, será julgado pela lei brasileira. Se domiciliado no exterior portando o passaporte italiano, será julgado pela lei italiana.

3.2 - Consulados Vice-Consulados e Agências Consulares

O "Vice-Consulado De Segunda Categoria", juntamente com as "Agências Consulares, hierarquicamente dependem do "Cônsul Geral" da área a qual pertencem, e são regidos pelo "Vice-Cônsul Honorário"⁹².

O Vice-Consulado de Florianópolis e as Agências Consulares do Sul e do Oeste do Estado de Santa Catarina estão circunscritas ao Consulado Geral de Curitiba no Paraná.

A função dos Consulados é dar assistência aos italianos e descendentes, em todas as solicitações das entidades governamentais italianas; preparar pedidos de aposentadorias, pensões e passaportes; esclarecer dúvidas relativas a procedimentos burocráticos; preparar documentação necessária à aquisição da cidadania italiana; divulgar a língua e a cultura italiana; e incentivar o intercâmbio econômico e cultural da Itália.

Nos Consulados, a Itália está representada por quadros e mapas, pelas narrativas das pessoas que chegam de viagem, mas também pela indignação que a ausência de um documento suscita ou pela demora do atendimento. Está representada nos sonhos e expectativas de novas experiências e - sobretudo - no orgulho de quem recebe o passaporte.

⁹² Os cargos de Vice-Cônsul como o de Agente Consular não pertencem à carreira diplomática, nem são remunerados. Seus ocupantes acumulam-nos com suas profissões e empregos.

O sotaque italiano, as expressões italianas dão o tom do ambiente, os murais ilustram os eventos do momento, alterações de leis e informações de interesse da comunidade ítalo-brasileira.

Tanto o Vice-Consulado de Florianópolis como as Agências Consulares são acessíveis ao público. Já o Consulado Geral do Paraná mostra-se mais burocrático. A maioria das pessoas entrevistadas que manteve algum contato com o Consulado Geral de Curitiba, reclama da dificuldade de acesso.

A Agência Consular de Criciúma funciona junto com a FESCAIB - Federação Sul Catarinense das Associações Ítalo-brasileiras.- entidade maior que serve de apoio e incentivo para a formação de novas associações⁹³. Outra responsabilidade da FESCAIB, enfatizada pelo seu presidente, é a manutenção da Agência Consular. Existe um acordo de parceria entre ACIC - Associação Comercial e Industrial de Criciúma - e a FESCAIB, possibilitando a esta e a Agência Consular a utilização do espaço da ACIC sem ônus com aluguel.⁹⁴

Na ante-sala da Agência Consular, uma secretária atendia às pessoas, pois ali funcionavam várias instituições comerciais. Nesta ante-sala eu aguardava o momento de entrar e conversar com a secretária da Agência Consular, enquanto observava as pessoas que chegavam, e conversava com elas.

Uma moça chega com uma árvore genealógica emoldurada. Confessa-me que confundira datas e estava tendo problema para regularizar a cidadania. Daí porque trouxera a árvore: com a ajuda da secretária, poderia descobrir a data certa.

Um rapaz de uns 30 anos encaminhava sua documentação para se aposentar na Itália. Já trabalhara seis anos no exterior e, ao invés de receber aposentadoria via Brasil e Itália, preferia encaminhar o tempo de trabalho desenvolvido no Brasil e contar com esse tempo, como tempo de trabalho no

⁹³ Esta instituição congrega 24 associações italianas.

⁹⁴ No início do ano de 1998, a Agência Consular estava passando por mudanças. Buscava-se um novo local para sua sede.

exterior, solicitando aposentadoria apenas via Itália, forma que considerava mais vantajosa.⁹⁵

Nas conversas da sala de espera as pessoas aludiam com frequência ao grande número de interessados em regularizar a cidadania para viajar para os Estados Unidos com passaporte italiano.

Para o Agente Consular do Sul do Estado, o grande interesse pela dupla cidadania estaria relacionado com a situação econômica e financeira do país. *Com a dificuldade de empregos, com o mal pagamento de funcionários, houve uma impressão de que trabalhar fora do país seria melhor. Então de uns anos pra cá aumentou muito o número de pessoas que saíram do país. Tanto para trabalhar na Europa como para trabalhar nos EUA.*

De acordo com o Vice-Cônsul de Florianópolis, é no final dos anos oitenta que a italianidade passa a ser reavivada, por contingências locais e não contingências estrangeiras, italianas.

No final dos anos 80 para cá aconteceu uma coisa muito diferente, o Brasil, o país que era de imigrantes, passa a ser país de emigrantes, fornecendo mão-de-obra para diversos países. A maior parte para os EUA e uma parte também para a Europa. É aí que o brasileiro descobriu que para entrar no mercado de trabalho europeu, para os descendentes de italianos, bastava resgatar a cidadania italiana. Esse é um dado fundamental, pois é a partir de 1989 para cá que os descendentes passaram a se interessar pela cidadania. Esse movimento foi se intensificando, ao ponto de hoje em dia, creio eu, que em muitos ambientes é sinônimo de status ter o passaporte italiano, a cidadania italiana. Muitos queriam a cidadania italiana porque de outra forma não teriam acesso aos EUA. Esse é o lado pior da coisa, mas existe. Não é um bom exercício da cidadania brasileira. Eu sou casado, minha esposa é brasileira, tenho 4 filhos. Eu não gostaria que em momento algum ela, eles se sentissem inferiores ou desprotegidos pelo Estado brasileiro, em qualquer lugar do mundo. Eu acho que o brasileiro deveria exigir maior respeito.

⁹⁵ Quanto à aposentadoria, o cidadão pode solicitar via Consulado e acordos trabalhistas sua aposentadoria aqui no Brasil, considerando o tempo de trabalho no exterior. A legislação que envolve tais processos é demasiado complexa e exigiria um espaço talvez excessivo, dados os

Em muitos segmentos, é difundida a idéia de que o cidadão brasileiro que regulariza a cidadania italiana, com o objetivo de melhorar de vida, não estaria lutando pela dignidade da cidadania brasileira.

O Vice-Cônsul confirma que a maior procura pela cidadania italiana se dá no Sul do Estado. Fala da morosidade do Consulado da Jurisdição Paraná/Santa Catarina.

O fato é que o Consulado está equipado para atender aos italianos no exterior, estamos trabalhando com uma nova realidade, não se projetava que tantos descendentes quisessem se beneficiar da lei de 1912. Portanto estamos desestruturados, eu acho que esse é um lado étnico muito mais profundo. No momento o Consulado não está podendo dar conta de atender a demanda. Eu vejo essa situação como lastimável, mas ainda, como sou mais italiano que brasileiro, tenho toda minha família sediada na Itália, vejo jornais italianos, como italiano eu digo uma coisa, eu nunca pensei de ser um peso para os meus familiares lá na Itália. Não quero ser isso. Eu tenho a convicção, de que se não estou lá, não estou sendo uma ajuda para eles, a ajuda que estou falando é ajuda de ser parte ativa da sociedade, isto é pagar impostos. O meu questionamento é o seguinte: como se pode permitir e exigir - eu estou falando agora não como Cônsul, mas como cidadão italiano, como Cônsul eu respeito a lei - se o cidadão brasileiro e também o italiano, eu não posso omitir o fato de que ele tenha direito. Agora que esse direito seja válido, possa permanecer válido, eu questiono: como é que se pode produzir um cidadão de segunda categoria que não paga impostos só porque está longe. Uma sociedade não se mantém exclusivamente com idealismo e sentimentalismo, com as ligações com a Itália. A Itália paga os funcionários que aqui vêm para o Brasil. - Se justifica que pode falar isso pois, não é um funcionário de carreira - Eu lhe digo uma coisa muito clara, a Itália tem que pagar esses funcionários, ela teve uma política diferente, daquela política que os consulados brasileiros adotaram no mundo todo, e eu tenho uma leve impressão que o brasileiro que está no exterior é mais bem assistido, do que o brasileiro que está sediado no Brasil. Na Itália esta colher de chá não existe, a Itália nunca tratou melhor quem está no exterior do que quem está lá na própria Itália. É muito diferente a assistência que o brasileiro recebe lá fora, talvez é porque tenha poucos brasileiros lá fora, italianos têm muitos.

Na Itália eles não imaginam o que está acontecendo aqui, estou falando da grande maioria da população, não das autoridades. Não podem medir as conseqüências, existem interesses políticos. Eu sou a favor do voto dos

italianos no exterior, eu gostaria de poder votar, mas eu sou contra a possibilidade dos italianos residentes no Brasil emitam, ou elejam um representante exclusivo deles porque eles não recolhem impostos, nem pra pagar a passagem de ida e volta deste representante. Então eu aplico aqui um ordenamento, que um dia ou outro, aqui vai acontecer, o bom senso levará a isso, por enquanto eles têm tantos problemas lá como o welfare - Estado do Bem estar social - a renovação que vocês também estão tendo aqui da previdência social. A insustentabilidade do status quo, o italiano não quer abandonar o estado do bem estar social.

No que diz respeito ao recolhimento de impostos, o duplo cidadão o fará de acordo com o país de residência.

No Brasil, os descendentes têm a possibilidade de eleger o Comitê - Comitato Degli Italiani all'Estero - órgão criado pelo governo italiano, através da Lei n.º 205 de 1985, e modificado pela Lei 172 de 1990, para possibilitar uma forma de representação aos italianos fora da Itália. Um dos objetivos difundidos pelo Comitê é o de facilitar e estimular o intercâmbio cultural e comercial entre a Itália e os descendentes que vivem no exterior. Os Comitês existem junto a cada Consulado e Agências Consulares, cuja circunscrição abranja 3000 cidadãos italianos. O Comitê é formado por doze membros eleitos⁹⁶, não são remunerados. São eleitos pelos descendentes. Na eleição do ano de 1997, houve polêmica face aos critérios que comporiam o quadro de eleitores: alguns órgãos divulgavam como eleitores apenas quem já havia regularizado a cidadania, outros destacavam a possibilidade de se votar para os comitês mesmo sem ter regularizado a cidadania, apresentando uma declaração substitutiva, na qual o descendente se responsabilizaria pelos seus atos, e afirmaria sob as penas da lei que é descendente de pais, *nonnos* ou *bisnonnos* italianos, e que estaria providenciando ou em processo de regularização da cidadania.

Os membros dos Comitês por sua vez elegem representantes para o Conselho Geral dos italianos no Exterior (CGIE), juntamente com alguns representantes de Associações italianas - indicados pela Embaixada Italiana. O CGIE foi criado pelo Parlamento Italiano. Segundo Barindelli, membro do

⁹⁶ Esses membros podem ser cidadãos brasileiros com cidadania italiana, ou cidadãos italianos natos e residentes no Brasil.

Conselho no Brasil, existem 5 membros que levam as reivindicações até o Parlamento Italiano.

Estima-se que hajam 24 milhões de brasileiros de origem italiana, o maior número de descendentes de italianos fora da Itália⁹⁷.

O Vice-Cônsul de Florianópolis e Vice-Consulesa do Consulado Geral de Curitiba se posicionam contra a manutenção da possibilidade da regularização da dupla cidadania.⁹⁸ Eis, a propósito, o depoimento do Vice-Cônsul.

Chega de sentimentalismos, vamos analisar as conseqüências dos atos políticos. E a conseqüência dos atos políticos para a população italiana da Itália é nefasta, seria impossível pensar.

Nosso primeiro ministro esteve aqui, deu entrevista na Veja, nos jornais, falando dos 23 milhões de descendentes. Tudo bem, tu podes manter o legal nisto, cultural e intelectual, mas não pode continuar com essa possibilidade que oferece essa lei de 1912, do jus sanguinis, é deletério. Não pode criar cidadãos de categorias diferentes, e é impossível dar o direito a esses cidadãos, no meu ponto de vista, que são cidadãos italianos mas que moram no Brasil. Dar a ele é impossível, dar a ele o direito de modificar as escórias dos cidadãos italianos que lá moram, que lá trabalham e recolhem impostos, que vivem as "arguidades" do território, que vivem os momentos políticos, e econômicos.

Eu sou contra o voto distrital, que aqui no Brasil eles possam eleger representantes lá na Itália. Aqui não é uma colônia da Itália nós vivemos e pagamos impostos aqui no Brasil

Agora é injusto, impossível pensar que o pessoal de lá sustente as despesas, as aposentadorias, todos os benefícios que o Estado Social - que os italianos acham que serve exclusivamente a eles - também para esses italianos fora da Itália.

A maioria das pessoas ainda não se tocou do que pode significar se os 23 milhões de descendentes regularizam sua cidadania e resolverem intervir na política italiana, aquilo pode virar um caos.

Eles são cidadãos de direito, podem exercer sua cidadania, isso significa podem fazer uso do voto. Fazer uso do voto na melhor das hipóteses pode também representar o fato de salvaguardar os próprios interesses. Suponha-se que façam uso do voto e consigam eleger mais representantes, o tanto quanto de representantes quanto os italianos lá estabelecidos.

⁹⁷ Il Corrieri del CIB, Ano 4 – n.º 12, Florianópolis - SC, Jan-abr/95 p.10, faz referência a presença italiana no mundo, destacando que o Brasil é o que apresenta maior número de descendentes.

⁹⁸ Entrevistas realizadas em agosto de 1997 com a Vice-Consulesa e em março de 1998 com o Vice-Cônsul.

Trabalha vocês e manda o dinheiro pra cá: Ma onde existe isso!! Lá a liga surgiu justamente para isso. Não vai ter condições de durar. Se esses cidadãos aceitassem votar aqui, mas para o município do qual eles fazem parte lá na Itália, seria mais justo. Mas também tem os nossos - certos italianos - estão querendo se outorgar o direito de representar os descendentes do Brasil. É um absurdo.

Eu penso que um dia ou outro a possibilidade de obter a cidadania italiana - jus sanguinis - deva obrigatoriamente chegar ao fim.

Quanto à aposentadoria, o cidadão ítalo-brasileiro que regularizou a cidadania italiana só poderá solicitar a aposentadoria italiana caso tenha trabalhado na Itália, ou seja, contribuído em algum período à previdência social italiana. O depoimento anterior revela o que muitos cidadãos italianos sentem em relação à possibilidade da regularização da cidadania italiana pelos descendentes no mundo. Estes acabam sendo vistos como uma ameaça ao estado de bem estar social dos que vivem na Itália.

O Vice -Cônsul considera ainda que, no Canadá e Estados Unidos a busca pela cidadania

é mais sentimental mesmo! A língua italiana nos EUA vem depois do inglês do espanhol, só por ai você pode sentir a importância dos italianos lá.

Na Austrália, Canadá, os filhos dos emigrados, já se destacavam e se englobavam totalmente. A segunda geração já buscava o retorno, mas por que? Porque já tinha superado a necessidade de integração, a necessidade de se sentir igual, já estava buscando diferenciar-se na arte, na cultura em geral.

Aqui no Brasil você tem que dizer muito claro que o sentimentalismo é só uma passagem, a grande procura aqui no Brasil é pura e exclusivamente econômica, por razões econômicas.

Segundo a representação do Cônsul-Geral de São Paulo⁹⁹ as pessoas que têm regularizado sua situação com a cidadania italiana estão classificadas em dois grupos:

⁹⁹ Entrevista concedida à revista "Gazzetino Brasile" - Julho/agosto de 1991. p. 7-8.

o primeiro é formado por aqueles que se orgulham de suas raízes. Não pensam, porém, em voltar para a Itália, mas com seu trabalho ajudar o Brasil a vencer a crise, a exemplo do que sempre fizeram seus antepassados. O segundo grupo pretende escapar da crise econômica indo trabalhar no exterior, negando por sua vez, a história de seus descendentes na construção da nação brasileira..

Muitas associações e instituições italianas no Brasil vêm pregando que a busca da cidadania deve estar ligada aos sentimentos de italianidade, enquanto busca de suas raízes e não deve servir como mero *trampolim* para interesses pessoais e comerciais. Todos têm se mostrado favoráveis a possibilidade de regularizar a cidadania italiana. Mas, segundo estes, os cidadãos ao regularizarem a cidadania devem seguir certos princípios:

O direito à dupla cidadania tem recebido daqueles que a possuem menos atenção do que a ética recomendaria. A frenética demanda pelo "passaporte italiano" tem revelado uma paradoxal classe de cidadãos italianos, especialmente esses milhares residentes no Brasil.

Constata-se que os inúmeros processos que tramitam junto aos Consulados espelham muito mais uma obstinada busca do passaporte como espécie de salvo conduto para viagens de turismo do que o indispensável desejo de essere(ser) italiano (e cultivar a italianidade) que se espera de todo aquele que pretende adquirir a cidadania.

Não se pretende contestar, aqui, o íntimo daqueles que tiveram o direito legalmente reconhecido face a sua ascendência italiana; não! Pretende-se, isto sim, salientar que a aquisição de outra cidadania não é apenas um ato mecânico e burocrático (materializado para muitos, num mero documento de viagem), mas um ato de paixão que extrapola nossa história pessoal (a família) e vai aportar no idioma latino que invade impiedosamente nosso cotidiano, numa história e cultura que influenciou, todas as vidas e todos os povos, naquela música vigorosa e inesquecível, numa insuperável habilidade e em todas as artes e tudo mais - impossível enumerar - que congrega dinamicamente o conceito e forma da nação italiana.

Pátria italiana esta, bom lembrar, que forjou em nós descendentes muito mais do que um outro hábito, ou apenas um sobrenome. Deixou indelével traços de temperamento, personalidade, gosto musical, conceitos estéticos e, certamente, o inabalável apreço pela cozinha da mamma, entre tantas heranças.

A cidadania se constrói assim. Torcendo para times e atletas italianos; privilegiando seus produtos; apreendendo sua língua e cultura;

conhecendo sua política e geografia; buscando compreender o país e, se possível, indo lá, bem perto, ver onde o nonno nasceu!

Uma entidade ítalo-brasileira não é um Consulado; é uma congregação de interesses comuns. E nela nada se faz senão por amor à Itália. Mas é fundamental, nestes círculos estimular uma maior dedicação e interesse daqueles que pretendem pleitear (ou já possuem) a cidadania italiana. A começar pela, se não fluência, ao menos compreensão da língua, pois que não se admite, naquele país e em nenhum outro, o analfabetismo, premissa básica da cidadania.¹⁰⁰

Segundo as instituições ítalo-brasileiras, quem usa a cidadania italiana como um *trampolim* não respeita os princípios étnicos do grupo ítalo-brasileiro. Como foi mencionado anteriormente, as instituições ítalo-brasileiras se manifestam a favor da regularização da cidadania italiana e lutam para que este processo seja simplificado. Também incentivam o ensino da língua italiana, por esta ser considerada premissa básica da cidadania. Estas instituições revelam a paixão que sentem pela italianidade, é em torno desta que constroem sua identidade. Esta identidade se opõe à identidade dos que regularizam a cidadania italiana apenas para tirar proveito dos seus benefícios, por uma questão meramente econômica.

Na prática não é possível reduzir o grupo a tal dicotomia, uma que envolve a paixão pela italianidade e a outra que apenas estaria interessada na questão econômica. Os dois pólos se mesclam, os sentimentos de italianidade e a necessidade, ou opção de regularizar a cidadania para trabalhar fora do país, podem coexistir sem que um anule o outro.

3.3 - A conquista da cidadania como um rito de passagem.

Enquanto aguardava para conversar com a secretária no Vice-Consulado de Florianópolis, chega uma jovem - de 25 anos em média, eufórica, indagando

¹⁰⁰NERCOLINI, Gian M. "I veri italiani...." Il Corriere del CIB. Ano & nº 18 . Florianópolis, 1997. p. 3

pelo passaporte. Quando a secretária informa que está tudo certo, ela questiona a interlocutora sem conseguir conter a emoção: *“Você sabe o que isso significa para a minha vida? hoje é um dia muito especial para mim.”*

Logo, simulou-se uma solenidade, a quebrar a rotina burocrática daquela busca toda feita de pequenas exigências. A secretária, a bandeira da Itália em uma das mãos, o passaporte na outra, lamentou estar faltando o hino da Itália: *“é muito importante para essas ocasiões.”* As duas se abraçaram demoradamente, celebrando a conquista.

O que move a busca pela dupla cidadania são interesses, propósitos distintos, mas todos os interessados têm que superar vários desafios para conseguir concretizar seus propósitos. A seguinte história narra como este processo é vivenciado.

“Foi mexendo nos antigos álbuns de família da sua mãe, que André começou todo o processo que hoje o levou a ser um cidadão italiano. De posse de um documento que provava a vinda de seu bisavô da Itália para o Brasil, em 28 de abril de 1891 (o mesmo que estava colado no álbum de família e despertava um constante sentimento de curiosidade), André, incentivado pela esposa Adriana, começou o processo para a concessão da cidadania italiana. “No início achávamos que em seis meses conseguiríamos tudo, mas esse prazo se estendeu por quase seis anos”, disse André.

De posse do documento (uma espécie de passaporte) de seu bisavô - Guiuseppe Previato - André foi atrás de conseguir todos os outros necessários para obter a cidadania. Aproveitando uma viagem que fez à Itália em 1993, André e Adriana procuraram a cidade natal do bisavô, a pequena Grignano Polesine, onde buscaram encontrar, na única Paróquia local, o registro de nascimento de Guiuseppe Previato. Sem saber como chegar até lá e sem ter nenhuma pessoa como referência, foi graças a uma simples pasta de dente que eles encontraram a pessoa certa, que os levaria ao lugar procurado. “Paramos numa vendinha para comprar uma pasta de dente e lá acabamos contando a nossa história e conhecendo um senhor que nos levou à “prefeitura” de Grignano Polesine, onde acabamos por descobrir que graças à minha descendência, eu tinha direito a uma lote de terra, deixados de herança por um antigo imperador romano”, explicou André.

O processo

De posse do registro de nascimento de seu bisavô, ainda na Itália, André registrou em fitas de vídeo a pequena cidade de Grignano Polesine, desde a paróquia onde seu bisavô foi registrado até os jazigos dos túmulos de muitos Previatos (seus parentes distantes), passando também pela Prefeitura, onde recebeu um estatuto que explica a história da posse das terras e toda a sua regulamentação.

Já no Brasil, foi dada continuidade no processo da retirada da cidadania italiana, quando ainda foi necessário providenciar todas as segundas vias dos documentos que haviam se perdido, bem como corrigir os erros de grafia, autenticação de documentos, dentre outras exigências. "Acontecia tudo para que eu desistisse, mas a medida que ficava mais difícil eu sentia mais indignação e curiosidade, querendo saber qual seria o fim daquela história", disse André.

Da mesma opinião é sua esposa Adriana. "Parece uma gincana, que quando você termina uma prova vem outro envelope dizendo qual é o novo desafio", comparou ela. Nesse vai e vem foram seis anos até que todo o processo fosse concluído. De acordo com o casal, um órgão que os auxiliou muito foi o Patronato Inca, em São Paulo. "O principal aspecto disso tudo é que se eu não fizesse isso agora, meu filho perderia o direito à cidadania. Penso que eu deveria fazer isso por ele", afirmou André, referindo-se ao pequeno Giovanni, de apenas nove meses. Outro motivo que o fez prosseguir foi a curiosidade e o resgate de sua própria história. "Outra motivação é você poder descobrir que tem uma história de mais de 500 anos. Isso tudo realmente resgata o seu sentido de 'ser' numa sociedade",¹⁰¹

Neste caso, a história a ser resgatada é a história italiana e a cidadania italiana faz com que se sinta parte desta história. A cidadania seria a prova cabal de que faz parte desta história.

Para mim, a conquista da cidadania italiana foi um resgate histórico. Como se um ciclo de uma história se encerrasse naquela hora. Senti todos os meus já falecidos antecedentes ao meu lado, regozijando-se e comungando comigo aquele momento especial.¹⁰²

Para outros, a regularização da cidadania italiana parece ter um significado mais prático e objetivo.

¹⁰¹ Por BERNARDI, Fabiane - Internet - http://www.cidadania_italiana. Capturado em 1997.

Sabe eu queria poder sair do país trabalhar lá fora, a coisa aqui não tá fácil. Então eu fiquei sabendo da cidadania italiana. Nossa foi muito difícil parecia que sempre faltava alguma coisa. Quando consegui os documentos teve o problema do nome, aí tive que vender a minha moto para poder arrumar tudo. Depois que eu fiz a cidadania eu já trabalhei na Europa e Estados Unidos, com a cidadania a gente tem mais oportunidades. (22 anos, 3ª geração, morador de Cocal do Sul).

A cidadania italiana representa a legalização da italianidade do cidadão. Nesse ritual, a *passagem* de um pólo a outro é marcada pela *margem*¹⁰³, período em que o cidadão ítalo-brasileiro se dedica à preparação dos documentos para dar entrada do processo no Consulado - envolve todos os desafios que o descendente enfrenta para atingir seu objetivo - e a espera para a regularização da cidadania. A cidadania italiana representa o elo de ligação com o ancestral, permite também, que o cidadão desfrute dos direitos que essa ligação proporciona, como por exemplo: fazer parte de um país de Primeiro Mundo e usufruir de seus privilégios.

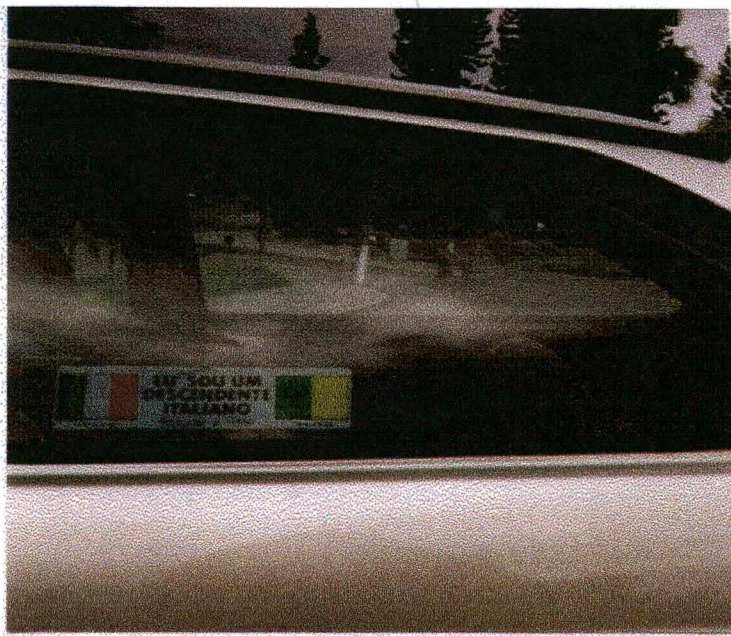
3.4 - Brasileiro ou italiano? As expectativas face a dupla cidadania

A grande maioria do grupo entrevistado alegou que se sentia mais brasileiro do que italiano, embora demonstrasse o apreço que sentia pela Itália. Destacavam que eram brasileiros, mas brasileiros de origem italiana, deste modo a origem torna-se o elemento diferenciador no contexto nacional.

¹⁰² Internet. [Http: //www.server3.splicenet. com.br/~aci/sono-ita/cheirigh.html](http://www.server3.splicenet.com.br/~aci/sono-ita/cheirigh.html) Capturado em 1997.

¹⁰³ Arnold Van GENNEP (1978, p.96) se refere à *margem* como o período de liminaridade entre o *status* perdido e o novo *status* conquistado após o ritual de passagem.

Um dos entrevistados, que dizia se sentir mais brasileiro que italiano, portava um adesivo em seu carro com a frase “*sou um descendente italiano*”.



Eu na verdade me sinto brasileira, é o lugar onde eu moro, mas a gente não pode excluir da vida da gente a origem. Como por exemplo se tu botas um gato no forno ele jamais vai poder sair peixe, gato é gato. A origem é um vínculo, um carinho que a gente tem. Eu sinto os italianos um pouco da gente, mas eu te digo uma coisa, eu jamais trocaria o Brasil por outro país, eu acho esse país uma fábula! pena que está nessa situação. Eu amo o Brasil, eu acho que eu não saberia viver longe do Brasil. Eu só queria que fosse um país respeitado. (56 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

O Brasil é representado como o local que os acolhera, onde construíram suas vidas. A Itália é vista como o país de origem¹⁰⁴. Hoje se autodenominam

¹⁰⁴ Os imigrantes do início do século diferenciavam os sentimentos relacionados à pátria e a nacionalidade. Era comum entre os descendentes de imigrantes atribuírem ao Brasil sentimentos relacionados ao patriotismo, por ser a terra que os acolhera, mas a nação geralmente era considerada o país de origem destes ou de seus antepassados. Quanto a este aspecto convém ressaltar a distinção que CONNOR (1994) estabelece entre o nacionalismo e o patriotismo dizendo que referem-se a duas lealdades completamente distintas: Uma que provém do antigo grupo nacional de alguém; e a outra que advém do mais novo país de alguém e suas instituições. A esse respeito ver também RAMBO (1994) e SEYFERTH (1982).

brasileiros, mas a origem italiana é sempre enfatizada, revelando uma ambigüidade de sentimentos.

Em relação aos dois países - acima de tudo eu sou brasileira. No caso de uma Copa do Mundo, eu quero que o Brasil fique em primeiro lugar e a Itália em segundo. Adoro a Itália. A Itália seria mais aquele orgulho de se ter o sangue europeu. A Itália existe, é uma coisa que está lá. Depois de eu ter ido várias vezes para lá e ter comparado com a minha vida aqui, ou o que poderia ter sido se ... eu vejo que o Brasil, eu devo respeitar como o lugar que eu nasci. Agora as minhas origens todas (os quatro lados), é européia, é italiana.

Eu sou brasileira, eu vivo o Brasil, eu vivo as coisas aqui, eu usufruo como cidadã dos direitos e deveres. Mas a cidadania que me dá uma diferença é a italiana. (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

É a cidadania italiana que faz a diferença. É ela que remete à possibilidade de também pertencer a um país de Primeiro Mundo.

Eu com a cidadania não me considero um descendente me considero um italiano all'estero, seria o Italiano fora da Itália. Tem todos os direitos que o italiano tem, e com os deveres que eu não preciso ter. (52 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

A cidadania italiana representa a legalização da origem.

Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai. (52 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Em muitos casos, a ambigüidade dos sentimentos é explícita:

*Sou brasileiro e amo minha terra! Sou Italiano! Com muito orgulho!*¹⁰⁵

As comparações entre os ítalo-brasileiros e os italianos foram muito comuns em campo.

¹⁰⁵ Internet. [Http: //www.server3.splicenet. com.br/~aci/sono-ita/cheirigh.html](http://www.server3.splicenet.com.br/~aci/sono-ita/cheirigh.html) Capturado em 1997.

os italianos daqui são diferentes dos de lá. Nós aqui temos mais alegria do que lá. Lá eles são mais taciturnos, depressivos. Por que será? Será que é porque nós comemos feijão?(risos...) Nós temos o sol o ano inteiro nós não temos ou tivemos guerra. Nós temos muito dos antepassados, mas nós temos a alegria brasileira.

Eu comparo da seguinte maneira: nós temos o sol, eles a neve o frio, isso marca o povo, nós somos quentes eles são frios. Bem, é difícil generalizar, mas que a maioria dos italianos de lá são carcamano (sovina),isso são! Nós temos calor humano eles são frios. Os italianos de lá chamam mais palavras que nós. (40 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

Os ítalo-brasileiros na comparação com os italianos são considerados mais alegres¹⁰⁶ (têm calor humano). Neste caso, a brasilidade é vista como positiva. Quando se trata, porém, das comparações entre ítalo-brasileiros e brasileiros, a brasilidade então se torna negativa.

Você não imagina a vergonha que a gente passa nessas excursões com o comportamento de alguns brasileiros que vão junto. Eles fazem barulho em todos os lugares, se tornam o centro das atenções. Teve um momento que uma excursão de japoneses ao invés de fotografar as belezas da cidade, fotografavam o pessoal da excursão fazendo batucada, sambando, um horror. Eles não sabem se comportar.

Têm os que roubam coisas do hotel, sabe a gente fica constrangida, envergonhada mesmo, eu não sou igual a eles, nessas horas eu vejo que eu tenho a mentalidade européia e não brasileira. (60 anos, 2ª geração, moradora de Criciúma.)

Pergunto se ela se sente mais brasileira ou italiana?

-Eu me sinto italiana, embora também tenha o sangue alemão. Eu definitivamente não combino com o Brasil. Como me aposentei, agora pretendo ir morar na Itália. Eu prefiro o frio, as comidas italianas. Sabe quando eu fui pra Itália pela primeira vez e pude presenciar os modos deles à mesa, eu lembrei dos meus pais, era igualzinho. Primo piato, secondo piato.

O Norte da Itália, ali parece que é o meu lugar. Nada pra mim é estranho, eu não me sinto não sendo daquele lugar, é uma coisa impressionante, eu vou,ando por tudo, entro nas lojas, como o que eles comem, não penso

¹⁰⁶ MOMBELLI (1996, p. 102), em sua pesquisa, constata que a idéia corrente entre os descendentes de italianos do Oeste (SC) é que os italianos da Itália não são alegres e espontâneos como eles.

jamaís nem na comida, no feijão, no jeito daqui. Agora com a cidadania eu vou morar lá, eu me identifico muito mais com eles lá.

Lá eu tenho que seguir as mesmas regras das pessoas de lá, sigo todas as regras em termos gerais. Eu já estou acostumada com a vida lá.

Se tu és italiana tu tens que saber se dar valor, quer dizer, tu não é uma qualquer. (60 anos, 2ª geração, moradora de Criciúma.)

As comparações entre Brasil e Itália eram constantes.

A Itália é linda é um país de Primeiro Mundo, é tudo limpinho, não tem mendigo, aquela sujeira, é tudo muito certinho, limpinho. Lá é tudo organizadinho, o trem não atrasa um segundo, o ônibus não tem esse atraso como aqui no Brasil. No Brasil tem atraso em tudo. Nós saímos de lá em novembro, estava 4º negativos, mas tu só passa frio na rua, nós íamos as dez da noite tomar sorvete.

Eu me sinto muito mais italiana do que brasileira, mesmo antes de conhecer a Itália, meu caráter é italiano. (39 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

Muitas pessoas durante as entrevistas faziam questão de enfatizar que haviam regularizado a cidadania por uma questão de orgulho - *resgate das raízes* - e não para querer ir trabalhar. As diferenciações internas entre o próprio grupo que regularizou a cidadania reflete a heterogeneidade deste. Há os que alegam ter regularizado a cidadania por uma questão de praticidade nas viagens. Há ainda os alegam que a cidadania pode ser uma segurança para os eventuais problemas que possam surgir no futuro.

Em 1989 eu fiquei sabendo da dupla cidadania, aí eu fui pesquisar as origens, para saber as origens da família, mas eu não fiz a cidadania de imediato. A gente só sabia que podia, mas eu não dei bola.

Em 1993 nós fizemos porque a nossa filha caçula quis ir estudar, então era muito melhor ter a cidadania do que fazer toda aquela outra papelada para ficar lá como estudante.

Nós até iríamos fazer, mas o projeto de estudo da minha filha acelerou o processo. Tivemos que fazer a correção dos nomes. (52 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga)

Encontrei também situações em que a regularização da cidadania italiana só aconteceu pelo fato desta viabilizar uma proposta de trabalho.

Através do gemellaggio eu fiquei sabendo da possibilidade de fazer a cidadania. Eu fiz para ir trabalhar lá, pra procurar um negócio melhor, para melhorar um pouquinho né. Daqui de casa só fizemos pra mim e pra minha irmã, porque só nós vamos trabalhar lá. (26 anos, 3º geração, morador de Rio Jordão)

Eu me considero mais italiano que brasileiro, porque a crise que nós estamos passando aqui, a dificuldade que tá. Pra você ver, trabalhei muito, levantava de manhã, as 5 horas, trabalhava até as 10 da noite, para poder pagar todas essas máquinas, que nós temos aqui (máquinas da facção). Hoje é vergonha dizer, mas esse mês eu não tirei quinhentos reais, por falta de serviço. Então eu decidi arrumar os meus documentos e ir trabalhar lá na Alemanha, se desse eu já iria amanhã. Eu enojei mesmo do Brasil, essas palavras eu até gostaria que o presidente nosso escutasse, isso é uma pouca vergonha. Vai eu minha esposa e minha filha de 21 anos. Os italianos já vieram aqui, gostaram de mim, fizeram a proposta. Se eu gostar eu pretendo ficar um bom tempo trabalhando nessas temporadas, eu tenho dois filhos que vão ficar e se tudo der certo na próxima temporada quero levar eles também. A gente trabalha 8 meses lá e volta, fica 4 aqui. (41 anos, 3ª geração, morador de Rio Jordão - Siderópolis)

Outras pessoas descobriram no exterior a possibilidade da regularização da cidadania italiana.

Em 90 quando eu estava na Inglaterra, eu fiquei sabendo que eu podia tirar o passaporte, adquirir a dupla cidadania. Também porque eu morava lá e estava clandestino, aí surgiu a idéia de chegar no Brasil e reunir toda a papelada, e aí então tirar o passaporte. Outra motivação que me levou a fazer o passaporte é para pensar no futuro. (29 anos, 3º geração, morador de Criciúma)

Uma das entrevistadas falou-me de uma situação particular sobre a não regularização da cidadania. Alegou que fazia alguns meses que tinha regularizado a cidadania italiana e que quando ofereceu os documentos para os irmãos estes alegam não querer entrar com a regularização, pois com isso estariam criando possibilidades para os filhos irem para longe deles.

O que tem dificultado alguns descendentes a regularizarem a cidadania italiana são os altos custos que envolvem o processo, seja para adquirir os

documentos ou para retificá-los. Isso pode em determinados momentos adiar o projeto de regularização da cidadania italiana.

CAPÍTULO IV - A EMIGRAÇÃO

*Antes mundo era pequeno, porque terra era grande.
Hoje mundo é muito grande porque terra é pequena
do tamanho da antena parabólica camará... mundo
dá volta camará... volta do mundo camará.*

Gilberto Gil

4.1- Do Brasil de imigrantes aos emigrantes do país

Os descendentes de imigrantes italianos de 2ª e 3ª gerações repetem a saga de seus ancestrais e se aventuram rumo a novas experiências além-mar. Impelidos pelos mais variados motivos e interesses se propõem a fazer a Europa ou os Estados Unidos da América.

Ao acompanhar os relatos dos emigrantes que viveram anos fora do país, seguimos na maioria das vezes narrativas de luta, sofrimento e sucesso comparáveis à epopéia de seus ancestrais em terras brasileiras.

Torna-se necessário esclarecer que o movimento migratório atual não pode ser comparado com o do século passado, quanto à intensidade, mas confirma por outro lado, um processo que alguns autores vêm considerando como característica do Brasil recente: o país de imigrantes tornou-se o país da emigração.

De acordo com ASSIS (1997) a emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante quando movimentos esporádicos para o exterior tornaram-se um fluxo migratório.

Em meados da década de 80, fomos surpreendidos por notícias de vários turistas brasileiros "barrados" pelos Serviços de Imigração, em aeroportos

internacionais dos EUA e de Portugal, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nestes países.

Outro dado relevante é o movimento de retorno de descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil, nos séculos XIX e início do XX, para os países de origem. (P. 2)

A Itália, com tradições antigas de emigração nas últimas décadas, ao se incluir entre os ricos do mundo, virou terra de imigração. Sua população de 100 mil imigrantes em 1980 pulou hoje para mais de um milhão de somalis e etíopes, habitantes das antigas colônias italianas, paquistaneses, marroquinos entre outros.¹⁰⁷

As cidades brasileiras que realizaram pactos de cidades irmãs - *gemellaggio* - com cidades italianas - criaram várias oportunidades de emprego no exterior, especialmente em sorveterias italianas.

O agenciador¹⁰⁸ estabelece o contato com sorveterias italianas, sediadas na Itália ou Alemanha, e recruta funcionários para temporadas de serviço. Estes funcionários devem estar com a cidadania italiana regularizada. O cidadão que estiver com um contrato de trabalho em mãos, ao apresentá-lo no Consulado, terá prioridade face aos demais cidadãos nas intermináveis filas para a regularização da cidadania italiana. Este acordo foi criado para facilitar a vida de quem deseja trabalhar em sorveterias e também para quem deseja estudar no exterior. Estes seriam os critérios que justificam prioridades no atendimento do Consulado.

Algumas associações italianas têm se mostrado insatisfeitas com o uso da cidadania como *trampolim* para trabalhar em outros países. Mas quando se tratam de sorveterias italianas, não há problemas e as associações nestes casos orientam e auxiliam os trabalhadores.

O Consulado, para resolver o problema da emissão dos passaportes, estabeleceu critérios de prioridade, como por exemplo: apresentar documentos informando sobre a urgência do caso, tais como: passagens para Europa, mais

¹⁰⁷ CARTA, Gianni. "Imigrantes - as cores do Nacionalismo". in: Carta Capital, ano 11 n.º 33 outubro de 1996, p. 62 - 3.

¹⁰⁸ Intermediário entre o proprietário da sorveteria italiana e o interessado em trabalhar na mesma. Alguns emigrantes alegaram que o intermediário cobrava em média de 300 a 500 reais. Já um destes, ao ser entrevistado, garantiu cobrar quando muito as despesas com telefone.

especificamente Itália e contratos de trabalho na Europa. Com isso, dificultavam a tramitação do passaporte obtido para ingresso nos Estados Unidos. Um dos entrevistados relatou:

Sabe o que está acontecendo? A gente vai até uma Agência de Viagens e explica que quer a passagem para Europa para determinado fim, mas que depois nós gostaríamos de trocá-la por uma passagem para os Estados Unidos. Eles, como querem vender a passagem aceitam. Também sei de um que não falou nada, foi até lá, comprou a passagem e depois simplesmente trocou. (26 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

De acordo com um informante, existe outra forma de burlar este processo, a falsificação de contrato de trabalho. Diz conhecer uma pessoa em Criciúma que vende contratos de trabalho com esses fins.

O intercâmbio via trabalho tem mobilizado o Sul do Estado.

A partir de 1988, com o contato com os italianos, tiveram a idéia da festa Ritorno alle origine, depois foi o gemellaggio e a partir de então iniciou-se o intercâmbio via trabalho. Anteriormente as pessoas que iam trabalhar eram os argentinos. Teve um ano inclusive que foram 450 pessoas de Buenos Aires.

A crise na Europa e a maciça presença de iugoslavos, romenos, portugueses, africanos, reduziu o número de empregos mas quando querem trabalhadores de confiança eles vem buscar aqui.

O povo europeu trabalha 3 vezes mais que o povo aqui da América do Sul, ele é mais prático, ele é mais rápido, ele tem mais objetivo. O caso das gelaterias (sorveterias) é uma coisa mais complicada ainda, porque esses italianos vão para a Alemanha trabalhar uns sete ou oito meses e depois eles sabem que ficam 4 ou 5 parados. Então eles tem que trabalhar 3 vezes mais, aí quem vai trabalhar com eles tem bastante serviço. Eles trabalham 13 a 14 horas por dia. (50 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Os descendentes de imigrantes são representados como bons trabalhadores. Como vimos anteriormente, a identidade italiana se sustenta na maioria das vezes pautada no valor do trabalho. Portanto os descendentes são equiparados ao “povo europeu” no que tange à representação do trabalho.

Algumas sorveterias, dependendo do contrato de trabalho, oferecem inclusive a passagem para os trabalhadores ítalo-brasileiros trabalhar na Itália ou

na Alemanha. Há contratos em que a passagem está incluída, outros em que é descontada do salário posteriormente e também aqueles segundo os quais o trabalhador é quem paga suas passagens por conta própria. O agenciador que faz o contato com a sorveteria italiana deve se responsabilizar pelos funcionários que envia, que devem ser *gente de confiança*.

São pessoas geralmente de classe média baixa. Também tem filhinho de papai aventureiro que quer ir lá pra ver, conhecer. Esses empregos não exigem que a pessoa tenha uma formação profissional. A maioria das pessoas que vão, estão desempregadas. Tem até advogados desempregados que me procuraram para ir trabalhar lá. Várias pessoas com nível superior, tem professoras, mas na sua grande maioria sem uma colocação aqui no Brasil.

Todo dia tem alguém procurando por um emprego lá fora, mas nem todos conseguem preencher os requisitos. No mínimo você tem que ter a cidadania italiana, falar o italiano. As pessoas aqui da Região na sua maioria não sabem falar italiano mas se viram com o dialeto.

Tem pessoas inclusive de menor que vão trabalhar. O retorno financeiro é investido geralmente em casas, apartamentos, mobília. São poucos os que conseguem montar um negócio. E na verdade o retorno maior seria neste sentido de trazer tecnologia e investir aqui. Bem, como eu falei antes, em 100 anos foram 10 ou 12 para Itália, agora nos últimos 5 foram 500 ou mais aqui de Urussanga.

Em média vão todo ano para os trabalhos de temporada umas 70 pessoas de Urussanga. A maioria sempre vai com a expectativa de voltar depois.

O nosso Consulado é atrasado, está no tempo da época dos imigrantes.

A preferencia é para pessoas novas, mas vão pessoas de todas as idades. (50 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Os descendentes que conseguem montar seu próprio negócio, com o dinheiro ganho no exterior, geralmente investem em gastronomia, como por exemplo: restaurantes e sorveterias. A administração e condução do negócio seguem os mesmos moldes nos quais trabalhavam na Itália e Alemanha. Esses exemplos de sucesso são enfatizados pela comunidade ítalo-brasileira. Mas a maioria tem encontrado muita dificuldade em realizar seu próprio negócio.

Você vai pra lá, digamos que você tenha um bom local de serviço, que o patrão te pague bem, te pague o bilhete aéreo, você trabalhe 8 meses, você volte pra cá com dez mil dólares. É um bom dinheiro. Mas o que você faz com dez mil dólares se você não está empregado? Se você

compra um carro, você fica sem dinheiro. Bota na poupança vai fazer o que, como que você vai comer? É o caso do meu irmão faz 5 temporadas que ele não vem, ele fica lá e procura outro trabalho fora de temporada. Bem, a vantagem da gente trabalhar lá é que a gente tem casa, roupa lavada e comida, a gente não gasta com nada. A única coisa que a gente gastava era para sair com os amigos para tomar uma cerveja. (27 anos, 3ª geração, morador de Cocal do Sul)

A emigração aqui está associada à crise econômica que assola o país. ASSIS (1995) em sua pesquisa sobre a experiência de emigrantes brasileiros de Governador Valadares nos Estados Unidos, destaca que a perspectiva da volta está implícita no projeto de emigrar.

Quando o emigrante partia, no século passado, era para uma viagem longa que nem sempre sabia se iria chegar, alguns chegavam doentes, ou não chegavam, outros eram deportados. A história da emigração é feita destes relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas. (p. 187)

ASSIS em sua pesquisa explica ainda como foi se construindo o mito de migrar para a América como solução para as várias crises e a realização do projeto de ascensão social. Salienta o caráter temporário da emigração, que faz com que os emigrantes vivenciem duas temporalidades.

Portanto, as migrações contemporâneas são uma expressão contundente da re-articulação entre o global o local criando um campo social entre os dois lugares - transnacional. A possibilidade de estar aqui estar lá permite ao emigrante contemporâneo atravessar fronteiras nacionais em busca de trabalho e ao mesmo tempo manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal. (ASSIS, 1995, p. 190).

O mundo esta cada vez menor, o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte alteraram as concepções de tempo e espaço. A Itália no passado era um lugar inatingível. A distância continua a mesma, mas o tempo que se leva para percorre-la mudou consideravelmente. A compressão do tempo-espaço é demonstrado por HARVEY (1989, p. 220) na comparação do tempo gasto pelos meios de transporte em diferentes tempos históricos. A redução do tempo

implica em uma nova relação com o espaço. Os descendentes de imigrantes sempre relatam que seus ancestrais levaram em média trinta e seis dias de navio para chegar ao Brasil, no final do século passado. Hoje é possível chegar na Itália no mesmo dia, são em média de 12 a 16 horas de voo.

As oportunidades de trabalho em sorveterias italianas têm banalizado tais viagens.

Antes de eu ir trabalhar em sorveterias na Alemanha, trabalhava como empregada doméstica, faxineira e nos últimos tempos trabalhava como balconista.

O meu objetivo em fazer a cidadania, não era para ir trabalhar lá fora, mas sim pelo fato de que toda a família fez e eu não queria ficar de fora. Depois a minha irmã foi, com a dificuldade que estava aqui, o salário muito baixo, eu resolvi ir.

Eu fui trabalhar na Alemanha e meu marido ficou com as crianças. A saudade é uma loucura, a gente pensa que a cabeça da gente vai pirar, a gente chega aqui de volta tem que dar uns dias pra cabeça voltar pro lugar. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

DA MATTA (1992) ¹⁰⁹ concebe a saudade como uma construção cultural e ideológica. Como uma categoria do pensamento e da ação. “*A saudade é um conceito que trata de uma experiência universal: a da passagem, duração, demarcação e consciência reflexiva do tempo. É a noção da saudade que nos faz refletir e sobretudo, sentir com mais vigor, presença e intensidade, o nosso amor e a ausência dos entes e das coisas que queremos bem.*”

A temporada de trabalho para alguns é concebido como um tempo de sacrifícios e abnegação, enfrenta-se a saudade da família, dos amigos.

Tu já vai com aquela idéia fixa, tu vai para trabalhar. No primeiro ano eu fui com outras três pessoas que ele (agenciador) havia contatado, eu não conhecia eles, fiquei conhecendo no dia da viagem.

Tu chega lá no aeroporto da Alemanha, já tem gente te esperando. Eu fui duas temporadas, uma eu fiquei sete meses e 10 dias, e na outra, oito meses e sete dias. Esta temporada eu não volto, mas tu não pode dizer, eu não volto mais, mas se a necessidade obriga, é uma opção que a gente

¹⁰⁹ Folha de São Paulo, Caderno Mais!, Domingo 22 de junho de 1992, p. 6-4 , 6-5.

tem. Esse ano eu preciso dar assistência aos meus filhos, pois os dois reprovaram na escola, com a minha ausência.

Lá é bem trabalhado mesmo, no 1º ano que eu fui, eu trabalhava na faixa de 17 a 18 horas por dia, todos os dias. No 2º ano eu trabalhei menos, eu fazia a parte da cozinha e não descia para a sorveteria. Não tinha folga, mas era um trabalho mais leve, durante a tarde sempre tinha uma hora para descansar. No primeiro ano eu fiquei perto de Munique e no 2º perto de Hamburgo, fui para o Sul e Norte. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

Muitos dos relatos consideram desgastante o trabalho desenvolvido em sorveterias e restaurantes na Europa.

Sabe porque que eles geralmente trazem todo o dinheiro da temporada? Porque eles não têm tempo para gastar o dinheiro. (50 anos, 2ª geração, morador de Urussanga)

Encontrei vários casos em que as pessoas protelaram o sonho de conhecer a Itália, limitando-se apenas à temporada de trabalho na Alemanha e voltando no prazo previsto para garantir a passagem.

Não tive oportunidade de conhecer a Itália, eu queria guardar o dinheiro. No primeiro ano até fui convidada pelos chefes para ir e ficar uma semana na Itália. Eles levam para conhecer todos os pontos turísticos. Se eu fosse essa semana eu só teria vôo para o Brasil no final do mês e eu não queria esperar tanto. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

Os ítalo-brasileiros que vão trabalhar na Alemanha se deparam com o problema da língua, pois entre eles os funcionários da sorveteria falam em italiano e com os fregueses devem falar em alemão.

Numa sorveteria que eu trabalhei em Hamburgo era uma verdadeira torre de babel, eu era brasileiro, o italiano (idioma) eu compreendia mas não falava, a maioria dos funcionários são italianos. Nós éramos em três garçons, tinha um argentino e um iugoslavo, quando chegava um freguês que pedia algo diferente do cardápio era um sufoco. (24 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

FEATHERSTONE (1996) faz referência à experiência nômade da linguagem, desenvolvida por Chambers, “que deixa de ser um instrumento de precisão e

clareza. O pensamento vagueia e migra: em vez de ter uma base ou um lar fixo, ocupa uma habitat móvel que produz descontinuidades e experiências fragmentadas". (p.118)

De acordo com o grupo que dialoguei em campo, o fato de não dominar a língua do país onde se encontravam tornava a experiência ainda mais solitária. Descreviam a emoção que sentiam quando encontravam um brasileiro (a). Alegavam que, mesmo que se tratasse de uma pessoa estranha, esta se tornava familiar, sentiam vontade de conversar, perguntar sobre o Brasil. Os descendentes do Sul do Estado que vão trabalhar na Alemanha, já apresentavam certa familiaridade com o idioma italiano, no início eles sentiam mais dificuldade em se expressar, mas geralmente compreendiam o que era falado, pois por se tratar de sorveterias italianas, entre os funcionários este era o idioma que predominava.

Eu não falo a língua italiana, eu entendo tudo o que eles falam.

Pouca gente sabe que eu tenho a cidadania italiana, eu valorizo ela bastante, porque foi a forma que eu pude ir pra fora, que eu consegui um pouco mais de dinheiro, consegui fazer minha casa, consegui dar um pouco mais de conforto para os meus filhos. Tenho um filho que faz tratamento, foi com esse dinheiro que eu consegui dar continuidade ao tratamento dele. Status não me dá nenhum, não me tratam diferente.

Na Alemanha como é um estabelecimento de italianos, os alemães pensam que a gente é italiano, só descobrem que tu é brasileiro se tu falar pra eles. Eles entram ali para comprar o sorvete, as poucas palavras que a gente aprende em alemão é para dar conta do recado e vender o sorvete. Foi super difícil aprender, as vezes a gente até entende o que eles querem porque está tudo relacionado com o sorvete, os sabores a gente decorou os nomes, aprendi os números até vinte que era o que era mais usado, o essencial, como cumprimentos, desculpa a gente também aprende. Esse ano eu só trabalhei na cozinha então aprendi bem mais o italiano.

Quando a gente saia para ir ao médico, dentista, a gente é analfabeto, a gente não sabe nada, pior que analfabeto, um analfabeto aqui no Brasil ainda sabe falar, se comunica e se defende. O alemão é muito difícil. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

O retorno financeiro justifica os sacrifícios.

O que eu ganho lá num mês, agora eu vou trabalhar numa loja, eu tenho que trabalhar seis meses para ganhar o que eu ganho num mês lá. Antes

de voltar eu fiz tratamento dentário, porque se eu depender do Brasil eu fico sem dentes.

São 8 meses que duram dois anos, aqui no Brasil o tempo voa. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga)

As pessoas que estabelecem os contatos entre os trabalhadores e as sorveterias, alegam à preferência por ítalo-brasileiros.

Teve uma leva boa de argentinos que foi trabalhar na Alemanha há uns 4 anos atrás, mas já não vão mais. Os patrões preferem os funcionários brasileiros aos argentinos e portugueses. Os argentinos iam passeavam um pouco, arrumavam os dentes, aproveitavam o tempo mínimo de validade da passagem - 3 meses - e voltavam. Eles não têm compromisso. Os brasileiros do Sul são bem vistos. (50 anos, 2ª geração, morador de Cocal do Sul)

Na relação com os argentinos e portugueses, os ítalo-brasileiros do Sul se autodenominam como os trabalhadores responsáveis, em oposição aos anteriores tidos como os “malandros”.

Com os pactos de cidades irmãs, nas idas e vindas de italianos para o Brasil muitos convites para trabalho aconteceram pessoalmente. Muitos italianos preferem privilegiar os novos parentes que descobriram no Brasil com as propostas de trabalho.

Eu sabia da possibilidade de fazer a cidadania faz tempo, mas só agora estou fazendo, antes nem passava pela minha cabeça ir para Itália. O mais complicado pra mim, no momento é ter que fazer a retificação do nome. Estou gastando em torno de quinhentos reais para retificar todos os documentos.

Com o gemellaggio (Rio Jordão/Brasil e Forno di Zoldo/Itália) a gente viu quem tinha o mesmo sobrenome. Teve um parente (italiano) que ficou 22 dias aqui.

A dificuldade para o brasileiro sair pra trabalhar lá é o contrato de trabalho. Esse casal que veio (parentes italianos) e me fez a proposta (de trabalho em sorveteria na Alemanha), quando voltou para Forno di Zoldo me ligaram pedindo pra eu arranjar mais gente para ir lá trabalhar. Eles só querem gente boa, a gente tem que se responsabilizar com as pessoas que manda.

Aqui da comunidade tem umas vinte pessoas trabalhando nesse esquema, ao total a gente tem 80 famílias na comunidade. (41 anos, 3ª geração, morador de Rio Jordão)

Neste caso, além de privilegiar os parentes ítalo-brasileiros para trabalho nas sorveterias é possível contar com o apoio dos mesmos para indicar outros funcionários de confiança e “trabalhadores” para eventuais necessidades.

A primeira vez que eu fui, eu tinha muito medo do avião, depois fui acostumando.

Eu optei pelo lado materno porque foi mais fácil, os parentes de Forno di Zoldo já haviam encontrado os documentos. Os parentes são os chefes lá. A gente descobriu eles através do gemellaggio. Os parentes já vieram pra cá três vezes, eles ficam um pouco aqui em casa e também na casa da minha tia.

Eu gostei muito, o serviço era leve, eu vendia sorvete, eu estava sempre limpinho. Aprendi um pouco de alemão só o necessário.

Com a cidadania italiana mudou muita coisa na minha vida, eu aprendi muita coisa, ganhei mais dinheiro né. Eu vou pra lá trabalho de oito a nove meses de temporada, fujo do inverno e venho pro Brasil, fico 3 meses de verão e volto. Eu pretendo ficar uns 5 ou 6 anos nessa luta. Pretendo investir em alguma coisa aqui depois.

Lá na Alemanha eles não dizem que eu sou brasileiro, lá eles te tratam como italiano, sempre fui muito bem tratado. (26 anos, 3ª geração, morador de Rio Jordão)

A referência ao trabalho leve aqui está diretamente relacionada com a atividade desenvolvida anteriormente pelo entrevistado. Antes era motorista de caminhão, tinha que carregar, descarregar diferentes cargas e na temporada da lavoura também trabalhava na agricultura.

4.2 - Só com a cara e a coragem...

O movimento não se restringe apenas aos trabalhadores que migram via agenciador, ou com contratos de trabalho preestabelecidos com sorveterias italianas. Mas de pessoas que *vão tentar uma vida melhor* na Europa ou Estados Unidos. Alguns em busca de documentos partem para Itália com o intuito de regularizar a cidadania e, com isso, poder permanecer e trabalhar no país. Outras pessoas estabelecem contatos via parentesco ou amigos. Outros ainda se aventuram nesta viagem *só com a cara e a coragem*, expressão de um informante que foi para Itália com uma excursão para descendentes.

Quando me separei da excursão, fui à procura do padre, encontrei ele na rua, contei a minha história. Ele disse: Tudo bem, tem lugar para ficar aqui. A primeira coisa que ele perguntou foi: Quanto dinheiro você tem? Ai eu disse que tinha setecentos dólares. Ele falou que esse dinheiro não dava nem para uma semana. Então olhei para ele meio assustado. Ele ia cobrar uns cem reais por mês. Dormia com mais seis pessoas, eu sentia que eles riam de mim, eram uns terrone¹¹⁰ (habitantes do Sul da Itália). (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma).

Em várias entrevistas pude perceber que as pessoas que se aventuravam sem um contato de trabalho prévio, sempre levavam como referência endereços de religiosas (os), para um possível amparo.

Eu pensei que indo para lá eu ia encontrar os italianos daqui. Pensava que dizer que eu era neto de italianos, ia dizer alguma coisa, mas não era nada. Porque aqui quando chega um italiano, diz que é parente, a gente faz a maior festa. Lá eles reagem dizendo: grandes coisas se você é descendente de italianos. Bem, depois eu pensei que a Itália era aquela Itália antiga, aqui a gente ainda vai trabalhar na roça com enxada, mas lá já não existe mais isso. Depois eu falava aquele dialeto Vêneto, e pensei que eu soubesse falar italiano, no Vêneto eu me virava, mas quando acabou a excursão em Milão, a coisa começou a ficar complicada. (Comentários acompanhados de riso) Eu nada mais era do que um contadino (camponês) do Vêneto em Milão.

¹¹⁰ Os terrone da Itália representariam o papel dos baiecos no Brasil. É uma expressão depreciativa atribuída aos italianos do Sul da Itália.

Aí tinha um padre de Siderópolis, lá em Veneza, que me deu um endereço do albergue e de um padre, que era o responsável pelo estabelecimento. No segundo dia eu já comecei a ficar desesperado, sem emprego, gastando com comida. Encontrei um brasileiro que indicou uma freira. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Ao contar sua história para a freira, ele alega que esta o tratou como um italiano, e falou: *Então você é um dos nossos (Sei dei nostri!)*. Através da freira conseguiu um lugar mais barato para ficar, uma casa de caridade. Era uma espécie de igreja com dormitório que abrigava trabalhadores de uma casa agrícola. Era administrada por irmãs e padres. Tinha que dividir o quarto com outras pessoas.

Eram africanos “aqueles negrões bem fortes”. Fiquei três dias lá, ela disse que ia arrumar um emprego para mim. Dai a três dias, ela ligou e disse que tinha um senhor que precisava de alguém que fosse trabalhar para ele. Criava galinhas e vendia em feiras livres que não têm ponto fixo. São itinerantes (mercato) aos arredores de Milão.

Como a freira tinha me indicado, ele me levou para a casa dele, ele falou que não é qualquer pessoa que é encaminhada para a sua casa, mas como fui muito bem indicado, fui aceito. Esse foi meu primeiro trabalho. Eu apanhava as galinhas vivas e carregava no caminhão, isso por volta das 4 a 5 horas da manhã. Logo nos primeiros dias, outros feirantes perguntavam para o meu chefe de onde eu era, diziam que eu tinha (una faccia buona, un bravo)boa aparência e gostaram de mim, pela forma como eu trabalhava. A cara da pessoa é o cartão de visitas.

*Um deles me chamou e perguntou : **Bravo ragazzo você não conhece alguém que seja parecido com você e que deseje trabalhar comigo em hotelaria?** “Eu disse: Eu tenho um monte de amigos que querem trabalhar. Então fiz contato para meu irmão e alguns amigos. Acho que ao todo eu consegui emprego para uns quinze, entre amigos e parentes, todos do Brasil e inclusive a maioria sem a cidadania, mas todos com o interesse de fazer a cidadania aqui na Itália.*

*No início dos anos noventa existiam bem mais empregos do que agora. Os empregadores sempre queriam pessoas brancas de cor clara, eles sempre diziam que pelo jeito que eu trabalhava eu era mais um italiano do que um brasileiro. Quando as pessoas mais jovens nos viam falando o nosso dialeto, sempre falavam: **parece um homem de 100 anos atrás**¹¹¹. O*

¹¹¹ A esse respeito convém destacar a observação de Manuela Carneiro da CUNHA (1986, p.100), *A língua é difícil de conservar na diáspora por muitas gerações, e quando se o consegue, ela perde sua plasticidade e se petrifica, tornando-se por assim dizer uma língua fóssil, testemunho de estados anteriores.*

dialetto favorecia no sentido de que o Vêneto sempre foi visto como um lugar de trabalhadores e as pessoas preferiam empregar alguém descendente do Vêneto do que um italiano do Sul. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Embora os descendentes de imigrantes tenham a cidadania italiana, eles geralmente são vistos como brasileiros (as). São considerados italianos a medida em que se destacam em algum trabalho, ou comportamentos. As influências do Vêneto serviam para que na escala relacional entre os trabalhadores tivessem prioridade entre os outros migrantes.

Lá na Itália (no Norte do país) eles preferem mil vezes empregar a gente (um ítalo-brasileiro) do que um terrone.

Eu mal conheci o Vêneto, mas eu sempre fazia questão de enfatizar que meus bisavós eram de lá, na hora de procurar emprego, outros já identificavam o nosso sotaque e algumas palavras do dialeto Vêneto. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

A referência ao Vêneto vale como uma carta de recomendação, *você não é um qualquer.*

Conforme as informações das pessoas que migraram para trabalhar na Europa se pode constatar que a disputa de empregos geralmente acontece com outros migrantes. É muito rara a disputa de emprego com italianos natos.

Trabalho braçal os italianos não fazem, por isso que tem tanto serviço lá. Quem faz são os estrangeiros.

Quando eu fui promovido de lava pratos para o posto de chefe dos garçons, um italiano nato, que trabalhava com a gente, foi reclamar com o chefe alegando que não queria um extracomunitário como seu chefe. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Extracomunitário é um termo de conotação pejorativa atribuído aos estrangeiros na Itália.

Quando ele começou me encher o saco eu falei que ninguém que trabalhava lá estava ilegal. Fiz questão de mostrar meu passaporte e falei: Eu sou tão italiano quanto você. Quanto mais eu fazia isso mais ele

me chamava de extracomunitário, o jeito foi ignorar. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Teve uma colega minha de trabalho que era italiana, que não admitia, ela falava: mas não é justo que você tenha o passaporte italiano, que você tenha os mesmo direitos que eu. (25 anos, 3ª geração, morador de Cocal do Sul)

A cidadania italiana confere ao cidadão ítalo-brasileiro todos os direitos legais, mas perante alguns italianos, este cidadão continua sendo um *extracomunitário*. A forma de se expressar, de ser, delata as diferenças. Embora os ítalo-brasileiros no Brasil construam sua identidade pautados na italianidade, lá na Itália descobrem sua brasilidade. Essa situação tem sido descrita pelos pesquisadores que têm estudado os nipo-brasileiros que emigram para o Japão, como é o caso de WOORTMANN (1995) e DINIZ (1992, apud ASSIS, 1995, p. 184), os nipo-brasileiros no Brasil são considerados japoneses mas no Japão são vistos como brasileiros.

Por mais que a gente gostasse dos nossos ancestrais, do nosso sonho de estar lá e conhecer a Itália, o Brasil é o nosso país, e depois de estar lá a gente percebe isso e valoriza bem mais. Nós tínhamos um grupo de brasileiros lá na Itália, mas nos encontrávamos pouco face ao pouco tempo em virtude do trabalho. (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Na Copa do Mundo (em 1994, a final foi Brasil e Itália), um dos entrevistados relata que, por ter colocado a bandeira do Brasil na janela do seu apartamento, foi abordado pela síndica do prédio que solicitou a ele que tirasse a bandeira da janela para não criar confusão.

A italianada ficava blasfemando, chamando nome, gritando: fora extracomunitários! Os italianos são mais fanáticos por futebol que os brasileiros. No trabalho no dia seguinte tínhamos que agüentar o desaforo dos italianos falando que os brasileiros tinham roubado. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Antes de sair do Brasil os emigrantes geralmente procuravam endereços de pessoas que haviam emigrado e que se encontravam na Europa.

Morávamos em um apartamento em Milão que basicamente toda semana recebíamos brasileiros. Sempre que era possível a gente fazia algum contato com as pessoas conhecidas para conseguir um lugar e emprego para eles. (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Segundo estes, dificilmente alguém saía do Brasil (no caso o Sul do Estado) sem levar consigo o endereço de alguma pessoa brasileira que se encontrava lá fora. Eram pessoas das mais distintas, desconhecidos, que levavam o endereço de brasileiros que viviam no exterior para assegurar um possível amparo face ao desconhecido. Essas redes de apoio formadas pelos “pioneiros dos novos tempos” tem sido o recurso usado pelos recém chegados.

No apartamento em que a gente morava, era uma circulação tamanha, aquele telefone nunca parava, eram pessoas que a gente não conhecia, que chegavam do Brasil falando o nome de uma pessoa conhecida que havia indicado nosso endereço e queriam saber se era possível ficar por alguns dias lá em casa ou se tínhamos algum tipo de trabalho em vista. Também acontecia de italianos ligarem para lá perguntando se havia algum brasileiro(a) interessado em fazer algum tipo de trabalho. À medida que tu fazias os trabalhos, eles ficavam interessados e iam ligando. Existe desemprego na Itália, mas os italianos não se sujeitam a este tipo de trabalho. (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Falam da saudade que sentem da Itália hoje, mas dizem que acima de tudo são brasileiros. Tomam as dores em relação ao Brasil quando este é mal representado lá fora.

Tem os que discriminam só pelo fato de saber que você veio do Brasil. E perguntavam mas o que vocês vieram fazer aqui? Então eu respondi: Porque motivo meus nonos tiveram que sair daqui e ir para o Brasil? Você sabe que vocês eram mais miseráveis do que nós, passaram fome... Mesmo mostrando o passaporte, a cidadania italiana, eles te chamam de extracomunitário. (27 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

Também encontrávamos pessoas que perguntavam: mas como que vocês me deixam o Brasil para viver neste país medonho? O europeu que

conheceu o Brasil sempre diz que é uma maravilha, já aquele ignorante que não conhece e fica só com a informação da mídia sensacionalista faz cada comentário...

Tem aqueles que acham que especialmente as mulheres brasileiras na Itália estão aí se prostituindo, alegam que você está sujando a Itália, porque a Itália está cheia de extracomunitário, te comparam com aquela raça dos marroquinos. (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Um conflito vivenciado pelos emigrantes ítalo-brasileiros que vão trabalhar na Europa é o fato de serem comparados, ou considerados a escória do país. No Brasil a identidade italiana e a referência à Europa geralmente é enaltecida proporcionando certo *status* a esta população. Na Itália os papéis se invertem, embora tenham regularizado a sua cidadania italiana geralmente são identificados como imigrantes brasileiros, sul americanos, habitantes do Terceiro Mundo. No Brasil, se encontram em uma situação privilegiada ao passo que na Itália vivem uma realidade bem diferente, convivem com o preconceito por serem considerados estrangeiros pobres, muitas vezes comparados a grupos que eles próprios discriminam. Cabe salientar a diferença entre os que migram temporariamente com contrato de trabalho e estes últimos que emigram de forma independente. Os primeiros estariam mais protegidos, especialmente pelo fato dos proprietários saberem um pouco da história do lugar de onde estes provêm. Já no segundo caso, os que se dirigem à Milão e outros grandes centros italianos, estão mais sujeitos a todo tipo de preconceito.

Os descendentes de imigrantes italianos podem ser considerados italianos na Alemanha, ou Estados Unidos, mas na Itália são vistos como brasileiros.

Quando você chega na Itália com a cidadania italiana é mais fácil procurar empregos, você pode recorrer à Agências de empregos.

Quando cheguei para trabalhar (como faxineira) a dona da casa falou: O pessoal da agência falou que você era brasileira, mas que gozado você não é negra.

Teve uma passeata gay lá em Roma, aí a minha patroa falou: Olha com certeza são todos brasileiros, do teu país. Tive que agüentar ela falando muito sobre isso. Ela imagina que no Brasil todos passam fome, que só existem miseráveis. E para ela mais da metade da população brasileira é de bichas e prostitutas.

Quando eu falei que ficaria só mais dois meses e depois voltaria para o Brasil, a chefe ficou impressionada e falou: Ma tu cosa vai fare nel Brasile? vai fare la fame?(mas o que tu vais fazer no Brasil? Vais passar fome?) Falava como se eu devesse dar graças a Deus por trabalhar com ela e não estar na prostituição como a maioria das brasileiras e homossexuais brasileiros que vivem na Itália. E que se eu voltasse para o Brasil eu ia passar fome, eles imaginam que a gente aqui é miserável.¹¹² (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Existem muitos descendentes de imigrantes com formação acadêmica que emigram temporariamente para conseguir algum dinheiro, e se sujeitam a todo tipo de trabalho. O retorno financeiro não é a única motivação destas viagens. A aventura de conhecer países diferentes e viver novas experiências também tem inspirado estas viagens. Neste caso, a cidadania é uma segurança que possibilita trabalhar legalmente se o dinheiro acabar ou mesmo quando se quer juntar mais dinheiro para continuar a viagem.

Um dia eu falei que tinha me formado em administração para os italianos que trabalhavam comigo como garçons, eu virei motivo de chacota entre eles. É claro que eles não acreditaram. Você imagina que em um país de Primeiro Mundo todas as pessoas têm acesso a informação. Mas tu chega lá e vê cada coisa... eles desconhecem geografia, as noções básicas, e além do mais são muito preconceituosos. (25 anos, 3ª geração, morador de Criciúma)

No início, os emigrantes se sujeitam aos mais variados tipos de trabalho.

Logo que a pessoa chega ela pode estar em um emprego ruim, mas não quer mudar, para garantir seu ganha pão.

Depois que tu fica esperta, tu não quer mais trabalhar fixo num emprego, tu quer trabalhar por hora, tu trabalha de manhã limpa uma casa, a tarde limpa outra, a noite trabalha numa escola, então no final é só assim que tu ganha dinheiro. Por que fixo tu não vai ganhar nem a metade.

No início fiquei impressionada com a gorjeta, lembro que minha primeira gorjeta deu para comprar um ferro a vapor.

Trabalhar lá é pesado gente. Eu não gosto nem de falar. É difícil você conseguir um emprego lá de trabalhar segunda a sexta-feira, na maioria

¹¹² Relato semelhante em Urussanga sobre a visita de italianos à cidade. Traziam alimentos para se precaverem da eventualidade de passar fome. Relatam a surpresa de alguns italianos ao perceberem que muitos descendentes se encontram em melhores condições financeiras que eles próprios.

das vezes você trabalha sábado, domingo sem descanso. Eu tive um emprego, que era de segunda a sexta-feira, numa casa de família, só que daí aquilo que tu ganha é pouco e aí pinta aquela festa de casamento pra ti trabalhar de garçoneiro, uma outra festa, aí tu vai trabalhando porque tu diz daqui a pouco tudo isso vai acabar e tu vai embora e tu vai trabalhando, trabalhando, tu não para nunca. Assim tu ocupa todos os dias e passa o ano voando. (28 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Parafraseando Fernando Pessoa, lá fora *‘trabalhar é preciso viver não é preciso’*... O Brasil neste sentido, segue a mesma perspectiva levantada por ASSIS (1997, p. 25) sendo concebido como o país para se viver. A terra natal surge como utopia. A reinvenção da terra natal acontece na medida em que esta se contrapõe a uma terra de trabalho excessivo, de sacrifícios, e até de discriminações. A terra natal neste sentido será o lugar onde se desempenhará um trabalho com mais prestígio social. A maior parte das pessoas entrevistadas desempenharam determinados tipos de trabalho no exterior que no Brasil não desempenhariam.

Janet M. SCHREIBER (1975, p. 268 - apud RIBEIRO 1991, p.165), descreve como os migrantes temporários italianos definiam sua situação em país estrangeiro, *“como um estado passageiro relativamente sem importância comparado com os benefícios que lhes proporcionaria quando voltassem a sua comunidade de origem”*.

A maioria das pessoas consultadas alegaram que tinham o objetivo de ir ganhar dinheiro e voltar. Mas sempre tinham uma história sobre aqueles que se apaixonavam, casavam e acabavam ficando. Outros que conseguiam se dar bem profissionalmente e também acabavam ficando.

Sabe assim que nós chegamos no Brasil, um monte de gente veio falar pra nós. Se eu fosse vocês eu não teria voltado, eu quero ir pra lá e não voltar mais. As pessoas se iludem, acham que lá é tudo uma maravilha. Claro que muita coisa mudou na nossa vida depois desse tempo lá fora. (23 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Descrevem o estranhamento que sentem logo que voltam para o Brasil. Estranhamento de coisas que faziam parte do seu cotidiano antes da viagem, mas que agora são vistos com outros olhos.

Chegando num restaurante você passa a reparar se está sujo. Lá fora as coisas funcionam, tu é bem atendido. Você sempre viveu aqui mas é difícil ir para um hospital ver como as pessoas são atendidas aqui, e achar isso normal. A gente vê mais as coisas erradas. Mas mesmo assim esse é o meu país, aqui ninguém nunca vai me chamar de extracomunitária. Eu levei um choque com o preço das coisas aqui. Eu sai antes do Real (plano econômico) e agora quando voltei não imaginei que fosse estar assim. (23 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Ao regressar constata-se que nem tudo esta como era antes. O tempo não volta, ele também é outro. O migrante percebe que também mudou, especialmente quando estranha situações do cotidiano que vivia anteriormente.

Sabe foi na Itália que eu fui entender o que era o Brasil. O Brasil é essa mistura de povos, essa alegria. Outra coisa que eu descobri na Itália foi a minha religiosidade. Eu sempre fui descrente, jamais imaginei que um dia eu pensaria desta forma. Eu estava mal lá na Itália, sem emprego, fui até o Vaticano. Quando vi o Papa eu senti uma emoção tamanha, que transformou a minha vida, quando ele chegou bem próximo eu pedi uma benção para o Brasil (mostrou-me a foto dele com o Papa) depois disso minha vida tomou outro sentido. Na Itália eu realmente percebi quem eu era, um brasileiro, mas um brasileiro que também é descendente de italianos. Passei a valorizar e resgatar a história dos meus ancestrais. (34 anos, 3ª geração, morador de Criciúma).

Ellen F. WOORTMANN (1995) em seu artigo, “Japoneses no Brasil e brasileiros no Japão: Tradição e modernidade”, analisa a emigração de nisseis e sanseis para o Japão e constata uma ambigüidade na identidade destes emigrantes.

No caso dos descendentes de imigrantes italianos a ambigüidade também se faz presente.

Apesar de todo o trabalho que a gente teve lá, eu gostei da Itália, eu me sinto um pouco italiana. Lá (Itália) quando eu recebia a revista Veja, era uma briga pra ler, todo mundo queria ver primeiro. Aqui (Brasil) quando alguém traz uma revista, Cds (italianos), todo mundo quer. Tu sente vontade de acompanhar como andam as coisas lá, sabe fica um pouco da gente lá. (33 anos, 3ª geração, moradora de Urussanga).

José de Souza MARTINS (1986, p. 45) nos fala do Universo social da migração temporária, considera que mais do que um trânsito de um lugar a outro, há uma transição de um tempo a outro. *“Migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições com duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo.”*

As pessoas que voltaram enfatizam que depois do plano real ficou mais difícil trazer dinheiro. Isso se deve a super valorização da moeda brasileira que passou a valer bem mais que as moedas alemãs e italianas.

Minha irmã sempre foi interessada, ela foi até a Itália para batalhar a documentação, por volta de 1990. Bem minha irmã foi atrás disso porque nesta época o Brasil não estava muito bem (comenta rindo: não que agora esteja bem).

Depois do plano real já não compensa mais ir trabalhar com faxina. (26 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Relata que sua irmã comprou um apartamento, mobiliou, mas alega que depois do plano real isto se tornou bem mais difícil. Fazia dois dias que havia chegado ao Brasil, quando realizei a entrevista. Toda sua família está na Itália, só o seu pai não tem a cidadania italiana, pois não é descendente. Conseguiram regularizar a cidadania via materna. Com isso seu pai consegue um visto permanente por ser legalmente casado com uma cidadã italiana .

Na verdade o que aconteceu comigo foi que estava tudo pronto para ir pra Itália, mas na verdade eu gosto da minha profissão, do meu namorado. Mas todo mundo falava que eu não deveria perder essa oportunidade. Então eu fui, eu também não queria ficar sozinha. Meu pai com 53 anos se aventurou. Aqui em Criciúma muita gente sonha com isso.

Pra mim valeu porque eu conheci a Itália (cidades, obras). (26 anos, 3ª geração, moradora de Criciúma)

Além da Itália e Alemanha havia os que migravam para Inglaterra para trabalhar em construção civil. Depois do plano real o alvo principal para emigração independente tem sido os Estados Unidos.

A cidadania italiana é que me destaca mais. Nos Estados Unidos eles te respeitam mais como italiano. Mas tem alguns lugares que o brasileiro tem boa fama, lá então é melhor tu seres brasileiro. (22 anos, 3ª geração, morador de Cocal do Sul)

Para ROYCE (1982) a etnicidade situacional permite o uso estratégico da identidade étnica, especificamente quando esta pode proporcionar uma possibilidade de mudar de *status*, ou oferecer melhores oportunidades.

Eu fui trabalhar em sorveterias, trabalho escravo. O proprietário falou para mim que quanto mais eu trabalhasse mais eu receberia, então eu abria e fechava sorveteria e no fim das contas recebi o mesmo que os outros.

Quando eu voltei da sorveteria na Alemanha eu fui para os Estados Unidos. O passaporte italiano dá direito a 90 dias nos Estados Unidos. Pra conseguir emprego lá eu fiz um documento falso (social security) a empresa sabe que é falso, mas se a fiscalização chegar eles alegam que foram enganados que não sabiam que se tratava de um documento falso.

Eu cheguei no aeroporto sem problemas, falei em inglês.

Por trás da facilidade de você entrar nos EUA sem visto tem muita coisa que se esconde que ninguém sabe. Quando tu entra lá com o passaporte italiano, tu recebe um documento através do qual está assegurado que você desiste de todos os teus direitos após os 90 dias.

Depois dos 90 dias eu estava ilegal mas não conhecia a implicação da perda de direitos, acabei sendo deportado. Como eu tinha os dois passaportes eles me perguntaram para qual país eu queria ir. Então eu vim para o Brasil, eu mal conheço a Itália.

Eu levei muita gente daqui pra trabalhar lá. (22 anos, 3ª geração, morador de Cocal do Sul)

A alguns países, como por exemplo, os Estados Unidos, os brasileiros só têm acesso se comprovarem que sua renda encontra-se acima da média. Neste caso, a cidadania italiana, além de proporcionar ao cidadão brasileiro a

possibilidade de pertencimento à comunidade européia, acaba sendo o viés que este encontra para poder entrar nos Estados Unidos sem problemas.

Na Alemanha eu fui muito explorado, na carga horária de trabalho. A moeda alemã, o marco, está defasado em relação ao dólar, isso prejudica quem está trabalhando na Alemanha. Então no ano passado eu optei pelos Estados Unidos, fui com o passaporte europeu. A gente fica ilegal lá. Como ilegal você ganha mais porque daí você não paga impostos. Eu fiquei dez meses lá, é só você andar no esquema do americano. No início eu trabalhei em restaurante, pizzaria. Trabalhei também numa companhia de portugueses, de pintura de prédio.

O meu patrão do restaurante queria me legalizar, levaria um ano e nove meses para eu receber todos os direitos como cidadão americano, mas aí eu teria que pagar 5000 dólares com os encargos com advogado. Além do dinheiro eu estava com saudade da minha família. O patrão alegaria que eu era indispensável na função que eu desempenhava.

O americano gosta muito do italiano. Eu sempre me identifiquei lá como italiano eu falava em italiano. Os brasileiros que estão na América, principalmente os mineiros, eles aprontam muito, falsificam documentos, eles basicamente estragam a América. (35 anos, 3ª geração morador de Urussanga).

A cidadania italiana possibilita ao cidadão ítalo-brasileiro ingressar nos Estados Unidos como cidadão italiano. O uso da língua será o sinal diacrítico que identificará este cidadão à Itália ou ao Brasil. Neste sentido, o domínio da língua italiana é que permitirá ao cidadão, ora representar o papel de brasileiro, ora o de italiano no exterior.

A identidade italiana aqui se contrapõe à identidade brasileira, em especial aos mineiros, vistos como “os outros”, os *que aprontam muito*.

A circulação destes migrantes revela o caráter transnacional desta migração. O tempo de permanência é variável. Encontrei pessoas que ficaram em média de 1 a 4 anos, outras que viajam com contrato de trabalho e que vêm para o Brasil todo ano, algumas que planejam ficar mais tempo nestas idas e vindas. A caracterização do grupo quanto à formação revela uma maioria com 2º grau completo. Encontrei ainda quem tivesse o primeiro grau incompleto, graduados e pós-graduados.

A volta para o Brasil se viabiliza quando se consegue acumular uma quantia em dinheiro suficiente para implementar o projeto de melhorar de vida. Quando na volta ao Brasil se constata que o dinheiro ganho não foi o suficiente e depara-se com o desemprego e os baixos salários, a alternativa é *tomar o mundo novamente*.

A expectativa de melhorar de vida aparece com mais frequência em relação a idéia de sair do país, mas ao se reduzir a emigração apenas ao aspecto econômico estaria se negligenciando a curiosidade que envolve tal experiência. A curiosidade em saber como é “lá fora”, como é um país de Primeiro Mundo. A coragem é enfatizada como sendo uma característica de quem ousa se aventurar nesta viagem. Portanto, associadas à vontade ou à necessidade de mudar de vida estão a curiosidade e a vontade de descobrir “o mundo, ou melhor, outros mundos”, ou ainda conhecer o lugar onde viviam os ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes italianos no Brasil foram construindo sua identidade pautados na tríade: Trabalho, Família e Religião. Essa identidade foi se remodelando, se adaptando a novos contornos de acordo com o contexto vivenciado pelo grupo.

Através de seus descendentes, os imigrantes redefiniram o perfil étnico do país. Ao reforçarem a fronteira interna, reinventam-se como grupo, recriando novos símbolos e introduzindo uma releitura do seu passado através de uma tradução de cada tradição. Sendo pomeranos, vênnetos, trentinos, ungareses, tirolezes, etc, tornaram-se com a unificação dos Estados nacionais europeus italianos, alemães, russos, e também brasileiros - sobrenacionalidades criadas concomitantemente aos processos de fixação no Brasil. (LEITE, 1995, p. 1)

Com a Campanha de Nacionalização promovida pelo Estado Novo, os imigrantes italianos perdem o contato com a Itália. A partir do centenário da imigração o elo rompido com a Itália começa a ser reatado. A abertura política no Brasil tem propiciado esse reatamento, associado a intensificação das relações globais que passam a ocorrer com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes.

De acordo com STELLA (1994, p.23) existem sessenta e dois milhões e novecentos e dois mil italianos (descendentes) no mundo. Essa cifra supera o número de italianos que vivem na Itália (em torno de cinquenta e sete milhões). Para STELLA, é legítimo falar de uma outra Itália.¹¹³ No Brasil, instituições italianas alegam que existem vinte e quatro milhões de descendentes.¹¹⁴

¹¹³ Se mettiamo insieme le due cifre, gli italiani nel mondo risultano essere 62 milioni 902 mila. Una cifra imponente. Se poi la mettiamo a confronto con quella degli italiani residenti in patria: 57 milioni circa, appare evidente che è legittimo parlare di "un' altra Italia"; e che é doveroso collaborare con essa a livello culturale e a livello economico.

¹¹⁴ A distribuição da entrada de imigrantes no Brasil de 1820 a 1969 demonstra o imigrante italiano em segundo lugar por etnia. Dos 5.603.682 imigrantes que entraram no país tem-se: 1.767.986 portugueses; 1.607.888 italianos; 295.669 alemães; 723.853 espanhóis; 247.312 japoneses; 960.974 de outras etnias. (COSTA, 1998, p.18, apud PEREIRA, 1988, p. 19)

Com o interesse da Itália pelos italianos e descendentes no mundo - exterior - (*italiani nel mondo*), este país ao querer incluir cidadãos de outras partes do mundo, como cidadãos italianos, demonstra levar em conta a população e não apenas o território, se projetando como uma nação desterritorializada.¹¹⁵

Um discurso recorrente entre as autoridades italianas tem revelado interesse com a outra Itália "*altra Italia*", ou a também chamada "*Italia nel mondo*". O depoimento de BARINDELLI¹¹⁶ (1997, p. 17) sugere isso.

Se nós temos um grupo de origem italiana que pesa 35% do PIB, vamos ver qual é o intercâmbio do Brasil com a Itália e o intercâmbio da Itália com o Brasil, nos dois sentidos. Está entre 3% e 4%. Quer dizer que tem uma falha, uma grande falha que temos que recuperar.

Rovilio COSTA (1998)¹¹⁷, ao fazer referência à Lei sobre a emigração italiana de 30 de dezembro de 1888, enfatiza que a idéia de colonialismo se confundia em Crispi¹¹⁸ com a da emigração.

O governo não deve nunca perdê-los de vista em sua nova pátria, quer para tutelá-los eficazmente em caso de necessidade, e para manter firmes os vínculos que os ligam à antiga pátria, como para encaminhar em vantagem desta os frutos do seu trabalho. As colônias devem ser como braços que o país estende longe de si sobre terras estranhas para trazê-las à órbita de suas relações de trabalho e troca; devem ser como que um alargamento dos confins de sua ação e de sua potência econômica.¹¹⁹

¹¹⁵ Eduardo CAETANO DA SILVA (1998) destaca que Portugal afim de reforçar os laços com seus imigrantes espalhados pelo mundo, em 1980 cria o Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP). "*A criação do CCP revela a maneira do Estado Português imaginar a nação não em base do território, mas sim de população; a idéia é 'onde houver português, lá estará Portugal'*" .<http://www.a/26.htm> capturado em 1998.

Segue aqui a mesma perspectiva da Itália.

¹¹⁶ Proferidos no final de 1996 em entrevista à Rede Vida de televisão, posteriormente é publicada em : BARINDELLI, Luigi. Um caminho comum de dois irmãos: a Itália e o Brasil. Rumo ao terceiro milênio. Publicação independente. 1997.

¹¹⁷ COSTA, Rovilio. Relações Brasil-Itália. In: Insieme. Publicação bilingüe da comunidade ítalo-brasileira, nº 18 - Julho de 1998. p. 16, 19.

¹¹⁸ Responsável pela primeira Lei sancionada na Itália em 30 de 12 de 1888.

¹¹⁹ COSTA (1998, p. 18) se referindo a CRISPI, apud IANNI, 1979, p.13.

Este mesmo autor questiona: Que pretende a Itália hoje de seus cidadãos no exterior?¹²⁰

Parece ser uma pergunta que boa parte da comunidade ítalo-brasileira questiona na atualidade. Não tenho a pretensão de esgotar esta temática neste trabalho. Já que a pretensão deste foi de ouvir o outro lado, os descendentes de imigrantes. Mas cabe enfatizar a contrariedade de alguns segmentos da representatividade italiana no Brasil. Alguns interessados na ampliação da nação italiana, outros mostrando-se desfavoráveis a regularização da cidadania italiana por parte dos descendentes de imigrantes no Brasil.

A nebulosidade que envolve tal processo parece refletir a heterogeneidade italiana. Com que Itália se está falando? A Itália do Vêneto? Do Norte? Do Sul? De direita ou de esquerda? etc.

COSTANTINO (1997, p. 14) em sua pesquisa “italianidades - imigrantes em Porto Alegre” constata que no Comitê do Rio Grande do Sul digladiam-se duas facções, que disputam a condição de verdadeiros italianos.

A primeira é representada por descendentes de colonos oriundos de regiões setentrionais, em maioria radicados na região da serra gaúcha. A segunda facção é representada por maioria de italianos meridionais, imigrados nos anos cinquenta. Evidenciam uma fragmentação que reflete a situação política italiana,¹²¹ com grande autonomia regional e indícios

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Membros de associações “trentini nel mondo” se reuniram em agosto de 1997 em Trento - Itália, para discutir o resultado de uma pesquisa sobre as especificidades culturais de uma região alpina no contexto europeu. O título da manchete era: *Os Trentinos: não só italianos e não italianos sobretudo*. Questionam-se valores nacionais e regionais ao mesmo tempo em que a Itália e outros países europeus se fazem representar pela “Comunidade Econômica Européia”. Revista Trentini nel Mondo, Nº 8, agosto de 1997, p. 14-5.

De acordo com LE GOFF (1985, p. 276) *a comunidade econômica européia procura estabelecer uma direção política supranacional, apelando para o conceito de “nação européia”*.

A Beneton - grife italiana - em 1993, lançou seus produtos no mercado com a marca “made in Europa”, ao invés de “made in Italy”, como eram registrados anteriormente. Isto causou um vigoroso protesto por parte da categoria de artesãos. *Estamos defendendo o verdadeiro “made in Italy” que nos tornou famosos no mundo. E o queremos diferente de quem na Itália não faz mais do que reunir pedaços e colar etiquetas em produções elaboradas em países do Leste Europeu ou no Terceiro Mundo*. Declaração do representante da categoria. IL CORRIERE, Órgão de divulgação do Círculo Ítalo-brasileiro de SC. Florianópolis, Ano 3- nº10, out-dez/93.

separatistas. Uma nova italianidade parece emergir deste conflito, consubstanciada no aumento repentino da busca pela dupla nacionalidade ou, em outras palavras, na busca do passaporte vermelho.

A italianidade vivenciada no Brasil, reflete a regionalização italiana. O Sul do Estado de Santa Catarina recebe influências do Norte da Itália e suas respectivas regiões. Os descendentes de imigrantes italianos descobrem as peculiaridades italianas, descobrem que na *Itália não é tudo igual*. Ao mesmo tempo em que constroem sua particularidade enquanto grupo regional brasileiro. A descendência italiana é o que os particulariza no contexto nacional brasileiro.

A grande procura pela cidadania italiana acontece no mesmo período em que a celebração da italianidade deixa os confins do espaço doméstico e passa a ser vivenciada em grande estilo, em comemorações públicas. As associações culturais italianas do Sul do Estado, motivadas pelo *resgate* da cultura italiana na Região, procuram restaurar a tradição italiana. A restauração da tradição italiana contempla a resignificação de valores, que serviam para depreciar e agora são enfatizados como motivo de orgulho. Exemplos: o uso do dialeto, o hábito de comer polenta, os vínculos com a colônia.

A idéia de um passado ideal é revelada no modo de conduzir as festas típicas da Região. O mito do pioneiro civilizador, desbravador ocupa um lugar de destaque. As festas típicas funcionam como vitrines desta nova italianidade, que vem sendo construída. A performance desta italianidade é o resultado da restauração da tradição italiana. Esta restauração do passado é elaborada com os mais modernos recursos do presente, tendo como parâmetros a Itália atual. Em festas simula-se uma teatralização da vida cotidiana, do ser italiano com base no passado. A estética desta italianidade é divulgada como *marketing* para o turismo na Região.

A restauração da italianidade cumpre o papel de ordenar as práticas sociais. Definir o que pode e o que não pode fazer parte desta nova italianidade. Descobrir e definir os sinais diacríticos: o traje típico, a culinária, a música, a dança etc.

As associações italianas procuram difundir e definir o que é ser descendente hoje. A origem é o ponto de partida a partir do qual são enfatizados outros sinais diacríticos, construídos cotidianamente, que possam identificar esse grupo. A regularização da cidadania italiana se torna importante, na medida em que esta representa a legalização da origem italiana. A frase “*quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai*”, que ouvi várias vezes em campo, revela a importância que o grupo tem dado à origem, à família, ao sangue e a influência promissora destes no futuro dos cidadãos.

As instituições italianas no Brasil em sua maioria partilham do pressuposto, segundo o qual a regularização da cidadania italiana por parte dos descendentes deve estar associada a uma identidade italiana, uma valorização das raízes. O intuito é disseminar um sentimento de nacionalidade, de amor à Itália. Alegam que os sentimentos de nacionalidade brasileira e italiana podem coexistir. O que não concebem é o fato das pessoas regularizarem a cidadania italiana pelo simples fato de tirar vantagens de seus benefícios.

O governo brasileiro não parece se opor a esta manifestação de culto aos sentimentos italianos por parte de ítalo-brasileiros. Em boa parte dos eventos, como festas típicas italianas, festas de famílias italianas, se fazem presentes políticos e autoridades do município e governo.

Os sentimentos de brasilidade e italianidade coexistem. Os descendentes apresentam esta ambigüidade de sentimentos. Mas cabe destacar que a identidade brasileira não é a de um cidadão brasileiro comum, ou mesmo a italiana é distinta dos italianos da Itália. Os ítalo-brasileiros se consideram brasileiros, mas brasileiros de origem italiana. Alegam que com o seu trabalho contribuem para o futuro do Brasil. Na representação destes, eles seriam descendentes que absorvem a *alegria brasileira* e o *calor humano* que existe no Brasil, sem com isso abalar sua responsabilidade e dedicação ao trabalho. Portanto neste sentido, são diferentes do “povo italiano”, que é um “povo mais frio”, que não tem tanto “calor humano”.

A regularização da cidadania italiana, a construção da árvore genealógica, ou mesmo o brasão de família proporcionam ao cidadão ítalo-brasileiro o reconhecimento legal de sua italianidade. Esta italianidade convive na tensão constante entre a Itália do passado e a Itália atual. A Itália do passado é a Itália imaginada, construída através dos relatos dos ancestrais, e a Itália atual é um país rico de Primeiro Mundo, que conhecem através de viagens, excursões, relatos, e que nem sempre corresponde com a Itália imaginada que os ancestrais deixaram para sair em busca de melhores condições de vida.

Nem todos os descendentes de italianos no Brasil têm tido uma vida tão próspera como contam as histórias, os mitos criados em relação à capacidade de prosperar pelo trabalho. Eles também sofrem as consequências do modo como são conduzidas as políticas públicas neste país.

Os descendentes de imigrantes italianos de 2ª e 3ª gerações repetem a saga de seus ancestrais e se aventuram rumo a novas experiências no além-mar. Motivados pela expectativa de melhorar de vida e também de conhecer outros países, em especial o lugar de onde vieram os ancestrais.

A experiência dos descendentes no exterior revela os conflitos vivenciados pelos mesmos. No Brasil constroem sua identidade pautados na ascendência italiana. Quando vão trabalhar na Itália, percebem que mesmo com a cidadania italiana, são na maioria das vezes vistos como brasileiros, como imigrantes pobres, *extracomunitários*, as vezes comparados a grupos que eles próprios discriminam. Por outro lado, a experiência de viver fora do Brasil tem inspirado neles o apreço pela brasilidade, pelo Brasil, que passa a ser percebido como a terra natal, já que na terra natal dos ancestrais não passavam de extracomunitários. Com a experiência da migração constata-se que a Itália imaginada não corresponde à Itália real.

Os relatos dos descendentes que viveram anos fora do país são narrativas que representam, na maioria das vezes, histórias de luta, sofrimento e sucesso que podem ser comparadas à epopéia de seus ancestrais em terras brasileiras. A

cidadania italiana proporcionada pela Itália tem sido uma alternativa de emprego no exterior para muitos descendentes de imigrantes italianos.

Portanto muitos ítalo-brasileiros regularizam a cidadania italiana com o objetivo de trabalhar no exterior.

De acordo com LEITE (1994, p.5) “*nenhum sistema, Estado-Nação, em sua formulação liberal-capitalista ou socialista, foi capaz de propiciar na prática aquilo que propõe o discurso ideal de oportunidades, direitos e garantias. Talvez por isto, mudou, e muito, a inabalável fé na democracia, em antigas utopias*”.

Segundo a autora, as organizações étnicas estão sendo valorizadas como capazes de complementar ou substituir, mesmo que provisoriamente, supostas garantias e até utopias.

Em Santa Catarina BADALOTTI (1996) e MOMBELLI (1996) enfatizam de que modo respectivos grupos descendentes de imigrantes italianos têm acionado identidade italiana como forma de organização e estratégia política. No primeiro caso, o alvo foi a emancipação política e administrativa de um município e, no segundo, o anseio de se conquistar um espaço próprio e autônomo dentro da Federação.

As associações italianas no Sul do Estado têm implementado o *regate da cultura italiana*. O ensino da língua italiana tem sido uma prioridade. O objetivo é implantar o ensino da língua italiana na grade curricular. O movimento pelo *resgate da cultura*, por sua vez, tem inspirado vários projetos, que visam beneficiar economicamente a Região, como por exemplo intercâmbios culturais e econômicos com a Itália. Outro projeto que merece destaque é a construção de um roteiro turístico cultural envolvendo a imigração italiana. A etnicidade tem sido o instrumento usado para viabilizar esses projetos.

Na reportagem da Folha de São Paulo intitulada “*Como virar um cidadão do mundo*” são anunciadas as inúmeras vantagens proporcionadas pela aquisição de um passaporte estrangeiro. “*Que tal entrar nos Estados Unidos sem visto,*

*viajar para Paris*¹²² *sem ter de provar que possui renda ou passar uma temporada estudando e trabalhando legalmente em um país da Comunidade Européia?*¹²³

A cidadania italiana torna-se, portanto, o passaporte, o meio de acesso à comunidade européia, não se remetendo apenas à Itália, mas através da Itália, pois sem esse vínculo o cidadão não teria livre trânsito, e tampouco a possibilidade de permanência em outros países da comunidade européia.

Um dos argumentos das pessoas que buscam a dupla cidadania é a impossibilidade de prever o futuro, portanto a dupla cidadania atua como uma espécie de garantia para ser acionada no momento propício. Neste aspecto convém ressaltar a possibilidade de manipulação da identidade étnica que, segundo Cardoso de OLIVEIRA (1976, p. 24), *"pode ocorrer quando abrem-se diante do indivíduo ou grupo alternativas para a escolha (de identidades étnicas) à base dos critérios de ganhos e perdas"*.

Nos anos 60 esteve em voga a utopia do mundo sem fronteiras. No entanto, é possível perceber que os limites continuam bem definidos e as fronteiras muito bem marcadas. Em consequência disso, as pessoas procuram garantias, documentos, que assegurem a possibilidade de pertencimento e acesso a diferentes Estados-Nações.

A cidadania italiana regulamentada pela Itália acaba remetendo ao cidadão a possibilidade de vivenciar várias cidadanias. A cidadania italiana proporciona aos descendentes de imigrantes italianos no mundo a possibilidade da pluricidadania. Isso é possível face ao acordo da Comunidade Européia. Cada membro da Comunidade Européia pode exercer a sua cidadania em qualquer país que pertença à Comunidade.

¹²² Atualmente não é necessário possuir dupla cidadania para ingressar na França sem problemas. Novos acordos internacionais entre Brasil e França foram firmados viabilizando o ingresso no país sem a comprovação de renda.

¹²³ FOLHA DE SÃO PAULO, Folhateen, segunda-feira, 7 de outubro de 1996. Segue reportagem em anexo.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU FILHO, Ovídio. Parentesco e identidade social. *Anuário Antropológico* 80. Fortaleza - Rio de Janeiro : Universidade Federal do Ceará - Tempo Brasileiro, 1982, p. 95-118.
- AKOUN, André. *Dicionário de Antropologia*. Editorial Verbo. 1983.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo : Ática, 1989.
- ANGELERI, Paolo. *Imigração italiana no Brasil*. In: História da Imigração no Brasil - As famílias. S.N.D.C.B. Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro. 6ª ed. São Paulo, Edição comemorativa ao 1º aniversário da Nova República.
- ASSIS, Gláucia De Oliveira. *Estar aqui, esta lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Florianópolis, 1995. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/UFSC.
- ASSIS, Gláucia De Oliveira. *Estar aqui, esta lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Trabalho apresentado no XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1997.
- AUGÉ, Marc. *Os Domínios do Parentesco*. São Paulo : Editora Perspectivas do Homem, 1978.
- _____. *Não-lugares, introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP : Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Cátedra, 1982.
- BADALOTTI, Rosana Maria. *A invenção do Município: o jogo das identidades locais e regionais*. Florianópolis, 1996. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/UFSC.
- BALDESSAR, Mons Quinto Davide. *Imigrantes - Urussanga e Nova Veneza - Sua história costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina*. 1991.
- BALHANA, Altiva Pilatti. *Santa Felicidade. Uma paróquia Vêneta no Brasil*. Fundação Cultural de Curitiba/Prefeitura municipal de Curitiba, Curitiba, 1978.
- BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Tradução - Antônio Marques Bessa. Lisboa : Perspectivas do Homem/edições 70, 1977.

BARINDELLI, Luigi. *Um caminho comum de dois irmãos: a Itália e o Brasil. Rumo ao terceiro milênio*. Publicação independente. 1997.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 6ª edição, São Paulo : DIFEL Difusão Editorial S.A. 1985.

BARTH, Fredrick. *Os grupos étnicos e sus fronteras (introdução)*. México : Fondo de Cultura Economica, 1969.

BELOLLI, Mário e DAROS, Jorge. *Família Pavei, inicio de uma história 1887-1997*. Criciúma : Editor Autor, 1997.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e democracia. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política* n.º 33, São Paulo, p. 5-16, 1994.

BIANCO, Vera Lúcia. *Imaginários coloniais entre Brasil e Itália. Entre 1860 1890*. Dissertação de Mestrado em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFSC. Florianópolis, 1995.

BLOEMER, Neusa M. *Itinerâncias e migrações: a reprodução Social de pequenos produtores e as hidrelétricas*. São Paulo/USP Tese de Doutorado em Antropologia, 1996.

BOBBIO, Norberto (et al). *Dicionário de política*. 4ª ed. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1992.

BONI, Luis A. ; COSTA, Rovílio. *Os Italianos no Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul, Universidade de Caxias, Correio Riograndense, 1984.

_____. *Far la Mérica, a presença italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : RIOCELL, 1991.

BORTOLOTTI, Zulmar H. *História de Nova Veneza*. Nova Veneza : Prefeitura Municipal de Nova Veneza, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A identidade e representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região*. In: _____, O poder simbólico. Rio de Janeiro : Bertrand-Brasil, p. 107-132, 1989.

CALDEIRA, Teresa pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. São Paulo : Novos estudos do Cebrap, n.º 21, p. 133-157, julho de 1988.

CÂMARA, Lourival. *Estrangeiros em SC. Florianópolis* : Departamento de Estatística, 1940.

- CAMAROFF, John and Jean. *Ethnography and the historical Imagination*. Boulder, Westviews Press, p.3-48, 1992.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: LESSA, Ana Regina e CINTRÃO, Heloísa Pezza. São Paulo : Editora da USP, 1997.
- CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália - o papel da diplomacia*. Brasília DF, Editora da UnB: São Paulo : Instituto italiano di cultura, 1992.
- COHEN, Abner. *Custom and Politics in Urban Africa: a study of hausa migrants in Yorubá towns*. London : Routledge Kegan Paul, (1974).
- COMAS, Juan. Os mitos raciais. *Raça e Ciência I*. São Paulo : Perspectiva, 1970. ,
- CONNOR, Walker. *Ethnonationalisms: The Quest for Understanding*. Princeton, Princeton University Press, p. 195-226, 1994.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro De. *italianidade(s): imigrantes em porto alegre*. Trabalho apresentado à ANPOCS/1997.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*. In: _____. Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, p. 97-108, 1986.
- DALL'ALBA. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Florianópolis : Editora Lunardelli, 1983.
- DaMATTA, Roberto. *Cidadania. A questão da cidadania num universo relacional*. In: A casa & a rua. Rio de Janeiro : Editora Guanabara, p.71-104,1987.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *Assimilação e mobilidade. A história do imigrante italiano num município paulista*. São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1966.
- ESCARAVACO, Arnaldo. *Urussanga. As imagens da História, da colonização à última década do século XIX*. Urussanga : Tribuna Municipal, 1984.
- EPSTEIN, A. L. *Ethnicity and Identity. Ethos and Identity*. Three studies in ethnicity. London, Tavistok Publications, Chicago, Aldini Publishing Company, 1978.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global. Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis : Editora Vozes, 1994.
- _____. *O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo : Studio Nobel : SESC, 1997.

- _____. A globalização da complexidade, pós-modernismo e cultura de consumo. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.º 32, ano 11, outubro de 1996. p.105-124
- FENILI, Fátima Amábile. *A obtenção do reconhecimento da cidadania italiana por cidadão brasileiro descendente de italiano*. Tubarão, 1997. Monografia de conclusão do Curso de Direito da Universidade do Sul do Estado de Santa Catarina..
- FIORI, Neide Almeida. Homogeneidade cultural brasileira: estratégias governamentais sob o estado Novo. In: ADORNO, Sérgio, org. *A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre, ABA; editora da UFRGS, p. 209-226, 1995.
- FLORES, Maria Bernardete R. *Teatros da Vida, Cenários da História*. A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina - Leitura e interpretação - Tese de Doutorado PUC/São Paulo, 1991.
- _____. *Oktoberfest.- turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Letras Contemporâneas. Coleção teses V. III. Florianópolis, SC, 1997.
- FONTANELLA, Herval. *Rio Jordão 1893-1993*. Editor Autor : Rio Jordão - Siderópolis, 1993.
- FOX, Robim. *Parentesco e casamento. Uma perspectiva antropológica*. Vega Universidade, Lisboa, p. 13-27, 1986.
- FROZI, Vitalina Maria ; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre : Ed. Movimento, 1975.
- GEERTZ, C. *Estar ali*. La antropologia y la escena de la escritura, In: El antropólogo como autor, do autor, Barcelona Paidós, p. 11-34, 1989.
- GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. Org. *Os Alemães no Sul do Brasil*. Cultura, Identidade e História. Canoas : ULBRA, P. 29-40, 1994.
- GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer - Camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras*. (tradutores: MIORANZA, Ciro e LUQUES, Solange H.). Florianópolis: ed. da UFSC, 1987.
- GUBER, Rosana. De la etnia a la nacion. *Cadernos de Antropologia* n° 8. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Ciencias Antropológicas - Sección Antropología Social, p. 61-89, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo : Vértice Editora, 1990.
- HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. (Tradução: JACINTO, Andréa Borghi Moreira e FRANGELLA, Simone Miziara). IFCH/UNICAMP, Campinas, n.º 18 - dezembro de 1995.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo : Ed. Loyola, 1994.

HOBSBAWM, E. J. *Nações e Nacionalismo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.

_____ e RAGER T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octavio. A racialização do Mundo. *Revista de Sociologia da USP* - São Paulo : Tempo Social - p. 1-23, 1996.

_____, _____. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

JELIN, Elizabeth. Construir a cidadania: uma visão desde de baixo. *Lua Nova* - São Paulo : Revista de Cultura e Política n.º 33, p. 39-57, 1994.

KLEIN, Herbert S. A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. São Paulo, *Novos Estudos do CEBRAP*. N.º 25, p. 95-117, outubro/1989.

KRAMER, A. M. Gorosito. Identidad étnica y manipulación. *Etnicidad e Identidad*. Buenos Aires : Centro Editor da América Latina S. A., p. 143-52, 1992.

LACERDA, Eugênio Pascele. Resenha comentada: ROYCE, Anya P. *Ethnic identity: strategies of diversity*. Blomington : Indiana University Press, 1982. Textos e Debates. Florianópolis : NUER/UFSC, Ano 2 , N.º 3, p. 76-87, 1996.

LE GOFF, Jacques. A Nação. *Enciclopédia Einaudi*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda : Lisboa, p. 276-305, 1985.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia*. 3 ed. São Paulo : Pioneira, 1976.

LEITE, Ilka Boaventura. Classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil. In: O'DWYER, Eliane Cantarino. *Terra de quilombos*. Decania CFCH/UFRJ, p. 111-120, 1995.

LEITE, Ilka Boaventura. *O lugar do não-cidadão e da não-identidade*. Florianópolis, UFSC, Xerox.

LEVI-STRAUSS, Claude. *La identidad*. Tradución de Marcos Galmarini. Ediciones Petrel : Barcelona, 1981.

LISBOA, Armando de Melo. Separatismo: tempo de ódio, tempo de repensar o Brasil. *Plural*, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 75-81, jan./jul. 1993.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1996.

- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O que é cidadania?*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo : Editora Brasiliense, 1991.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XIX ao nível mundial. *Revista de Antropologia/USP*, São Paulo, nº 34, p. 197-221, 1991.
- MARQUES, Mons. Agenor Neves. *História de Urussanga*. Urussanga : Prefeitura de Urussanga, 1989.
- MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão. O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. Petrópolis : Vozes, 1986.
- MARSHALL, T. H. *Cidadania, Classe Social e Status*. (tradução Meton Porto Gadelha) Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1967.
- MARZANO, Pe. Luigi. *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*. (Tradução: DALL' ALBA, João Leonir). Florianópolis : ed. da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.
- MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. Org. *Os Alemães no Sul do Brasil*. Cultura, Identidade e História. Canoas : ULBRA, 1994.
- MIORANZA, Ciro. *Dicionário dos sobrenomes italianos*. São Paulo : Editora Escala Ltda. Volume I, 1997.
- _____, _____. *Filius Quondam. A origem e o significado dos sobrenomes italianos*. São Paulo : São João Editora, 1996.
- MOMBELLI, Raquel. *Mi soi talian grazia a dio: identidade étnica e separatismo no oeste catarinense*. Florianópolis, 1996. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/UFSC.
- MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as Origens: Um estudo sobre a memória mítica ente os descendentes de imigrantes da região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1993. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/UFRS.
- MONTEIRO, Paula. Reflexões sobre uma antropologia das sociedades complexas. *Revista de Antropologia/USP*, São Paulo, n.º 34, p. 103-130, 1991.
- _____, _____. Globalização, identidade e diferença. *Novos Estudos do CEBRAP*, São Paulo, N.º 49, p. 47-64, Novembro de 1997.
- MOSER, Anita. *Alguns aspectos da realidade de descendentes de italianos em Santa Catarina*. *Boletim de Ciências Sociais*, Florianópolis, v. 55-56, p. 34-68, 1990.
- _____, _____. *A violência do Estado Novo contra "coloni" descendentes de italianos em Santa Catarina*. Um estudo interdisciplinar sobre identidade étnica e violência do

Estado. Florianópolis, 1995. Tese visando a progressão funcional e vertical. Departamento de Ciências Sociais, UFSC.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. 8º ed. São Paulo : Ática, 1994.

MÜLLER, Sálvio Alexandre. *Cidadania e brasilidade. Releituras*. Blumenau, p. 7, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Etnia e estrutura social*. São Paulo : Pioneira, 1976.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis : Vozes, 1992.

_____. *Nação e tradição na virada do milênio*. Resgate : Revista de cultura. São Paulo, n.º 5, p. 77-87, 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

_____. *Cultura e Modernidade*. São Paulo : Brasiliense, 1991.

_____. *Mundialização e cultura*. 2º ed. São Paulo : Brasiliense, 1996.

OSTETTO, Lucy Cristina. *Vozes que recitam, lembranças que se refazem - Narrativas de descendentes italianas/os. Nova Veneza - 1920-1950*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História/UFSC, Florianópolis, 1997.

PAULILO, Maria Ignez. *Estado e Exclusão em Santa Catarina no séc. XIX*. Florianópolis : UFSC - Cadernos de pesquisa n.º 2 , 1994.

PIAZZA, Walter F. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis : Editado pelo Programa de Apoio Editorial coleção Cultura Catarinense, Série História. 1976.

RABINOW, Paul. *Symbolic domination: Cultural form and Historical Change in Morocco*. Chicago, The University of de Chicago Press, 1978.

RADIN, José Carlos. *Ítalo-brasileiros em Joaçaba*. Florianópolis, 1995. Dissertação de Mestrado em História/ UFSC.

RAMBO, ARTHUR BLASIO. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. Org. *Os Alemães no Sul do Brasil*. Cultura, Identidade e História. Canoas : ULBRA, p. 43-53, 1994.

RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. Rio de Janeiro, 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIAL, Carmen Sílvia. *Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural*. Florianópolis : Antropologia em primeira Mão. Uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da UFSC. 1995.

_____. *Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil*. Florianópolis : Antropologia em primeira Mão. Uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da UFSC. 1995.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Empresas transnacionais, um grande projeto por dentro*. São Paulo : Editora Marco Zero e Anpocs, 1991.

ROBERTS, Bryan R. *A dimensão social da cidadania*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 33 ano 12, p. 5-22, Fevereiro de 1997.

ROYCE, Anya P. *Ethnic identity: strategies of diversity*. Blomington : Indiana University Press, 1982.

RUBEN, Guillermo Raúl. *O que é nacionalidade*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo : Brasiliense, 1984.

_____. Teoria da identidade : uma crítica. *Anuário Antropológico/86*. Editora da Universidade de Brasília/Tempo brasileiro, p. 75-92, 1988.

_____. A teoria da identidade na antropologia: um exercício de etnografia no pensamento moderno. In : CORRÊA, Mariza e LARAIA, Roque. *Roberto Cardoso de Oliveira. Homenagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, p. 79-97, 1992

SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada : O Partido Republicano Paulista e a política de mão-de-obra*. São Paulo : HUCITEC, 1986.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo : Cortez Editora, 1994.

SANTOS, Roselys Isabel Corrêa dos. *A terra prometida - tese e antítese. Os jornais do Norte da Itália e a imigração para o Brasil (1875-1899)*. Tese de Doutorado, USP, 1995.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis : Terceiro Milênio, 1995.

SANTOS, Silvio Coelho. *Os índios Xokleng. Memória visual*. Florianópolis : Editora da UFSC. Editora da UNIVALI, 1997.

SAVOLDI, Adiles. O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. *Textos e Debates*. NUER/UFSC, Ano 2, N.º 3, Florianópolis, p. 62-75, 1996.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

_____, e QUEIROZ, Renato da Silva (org.). *Raça e diversidade*. São Paulo : editora da Universidade de São Paulo : Estação Ciência : Edusp, 1996.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____, _____. *A representação do trabalho alemão na ideologia étnica teuto-brasileira*. Boletim do museu nacional, n.º 37, p. 1-33, 1982

_____, _____. *Etnicidade e cidadania: Algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilidade política*. Boletim do Museu Nacional, n.º 32, p. 1-16, 1985.

_____, _____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1990.

_____, _____. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. In: Anuário Antropológico/93, Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, p. 175-203 , 1995.

SILVA, Hélio Raymundo Santos. *As Raízes do Retrato*. Rio de Janeiro, 1994. Tese de doutorado do Programa de Pós graduação em comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista*. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, n. 84, p. 11-44, 1985.

TAVARES, José Vicente. *Colonos do Vinho*. 2ª ed., São Paulo : HUCITEC, 1984.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo : Nobel : Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural italo-brasileiro, 1988.

TZVETAN, Todorov. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro : Zahar Editor, 1993.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In : *Individualismo e cultura notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981. p.121 - 132.

VELHO, Otávio. Novas perspectivas: Globalização. In: *Besta-Fera - recriação do mundo*. Rio de Janeiro : relume-Dumará, p. , 1995. p. 221-229.

WOORTMANN, Ellen F. A Árvore da Memória, In: *Anuário Antropológico* 92. Tempo Brasileiro : Rio de Janeiro, p.113-131, 1994.

_____, _____. Japoneses no Brasil/ Brasileiros no Japão: Tradição e modernidade. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Volume 38 n.º 2., p.7-36, 1995.

WOORTMANN, Klaas. Reconsiderando o parentesco, In: *Anuário Antropológico* 76. Tempo Brasileiro : Rio de Janeiro, p. 149-185, 1977.

ZAMPAGLIONE, Gerardo, Guglielmi, Paolo. *Diritto Consolare*. v3º. La citadinaza. Roma, Casa Editrice Stamparia Nazione. 1995. p. 612.

Artigos na imprensa:

CARTA, Gianni. Imigrantes - as cores do Nacionalismo - *Carta Capital*, ano 11 n.º 33 outubro de 1996. p. 62 - 63.

COSTA, Márcia Marques. Festas no interior. *Jornal Panorama* 23 de maio de 1997 - Urussanga. p. 7

COSTA, Rovilio. Relações Brasil-Itália. In: *Insieme*. Publicação bilingüe da comunidade ítalo-brasileira, n.º 18 - Julho de 1998. p. 16, 19.

DIÁRIO CATARINENSE, 02/06/1997, Comunidade italiana. Os 160 anos de colonização em Santa Catarina. Tutti buona gente! P. 1-8.

GAZZETTINO BRASILE, Julho/Agosto de 1991, ano 1, n.º 1. p. 7-8.

IL CORRIERE del CIB, Órgão de divulgação do Círculo Ítalo-brasileiro de SC. Florianópolis, Ano 3- n.º10, out-dez/93.

IL CORRIERI del CIB, Órgão de divulgação do Círculo Ítalo-brasileiro de SC. Florianópolis Ano 4 – n.º 12, Jan-abr/95 p.10

JORNAL DA MANHÃ, 25-26 de abril de 1998. p.10.

MASSI, Augusto. Uma palavra instável. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 agosto, 1995.

NERCOLINI, Gian M. “I veri italiani....” In: *Il Corriere del CIB*. Ano & n.º 18 . Florianópolis, 1997. p. 3

REVISTA IMIGRANTE - agosto de 1994, n.º 1, UFSC, Florianópolis.

REVISTA INSIEME. Orientação Jurídica. Curitiba PR, Fevereiro/Março de 1995, p. 14

REVISTA INSIEME. Curitiba, n.º 16 novembro de 1997, p. 37-38

REVISTA VEJA, 01/08/1975, p. 36-77.

REVISTA TRENTINI NEL MONDO, N.º 8, agosto de 1997, p. 14-5.

RUIZ, Sílvia. Como virar um cidadão do mundo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de outubro de 1996. p. 6 (folhateen)

SCARDUELLI, Paulo. Gente da Terra. A “Itália é aqui - Sul catarinense tem sotaque italiano. In : *Revista Mares do Sul*. Ano 4 n.º 13. Florianópolis, 1997.

STELLA, Carlo. Una presenza imponente nei cinque continenti. Italiani all'estero. In: *Il Santo dei Miracoli*. Padova, anno 108º - n. 3 - marzo de 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno Mais!, Domingo 22 de junho de 1992, p. 6-4 , 6-5.

ANEXO - I

MAIL: 9610222@tebe.rct-sc.br

17/08/97



- Questa pagina è a disposizione di quanti vogliano pubblicare piccoli (*massimo 490 caratteri*) annunci non commerciali.
Per inserire il vostro annuncio, è sufficiente inviare un mail (**solo testo**) all'indirizzo dell'Associazione, specificando in **Subject:** *Bacheca*.
- ! Nel mail dovrà necessariamente figurare Nome e Cognome, indirizzo postale completo, telefono e/o fax. (questi dati, saranno resi pubblici solo su richiesta).
- ! ! Mail anonimi saranno cestinati.
La bacheca sarà utilizzata anche dall'Associazione per i suoi comunicati.

USATE IL FORM

NOTA: il form non è efficiente con tutti i browsers.

In tal caso potete inviare l'annuncio via mail, ma non "dimenticate" le raccomandazioni sopra scritte.



- Esta página foi reservada para quem quiser publicar pequenos anúncios (*maximo 490 caracteres*) não comerciais.
Para tanto é só enviar um mail (**só texto**) ao endereço da Associação, indicando em **Subject:** *Bacheca*.
- ! No mail será obrigatoria a indicação de Nome e sobrenome, endereço completo, telefone e/ou fax. (esses dados, a pedido, não serão publicados)
- ! ! Mail anônimos serão recusados.
Este espaço será também utilizado para os comunicados da Associação.

USE O FORMULARIO

NOTA: o form não é eficiente com todos os browsers.

Neste caso o anuncio poderá ser enviado através de mail, mas não "esqueça" as recomendações acima.



ED. HTML & PROGETTO: Stefano Ghisio-Erba [mailto: stefano@mail3.splicenet.com.br](mailto:stefano@mail3.splicenet.com.br)

17/09/97



Gostaria imensamente de ter informações sobre minha família. Não sei a data de chegada deles no Brasil (avós paternos Luiz ou Luigi Giannini e Ada Sebastiani Giannini e materno Emílio Calderoni). Luiz Giannini foi sócio do Café Girondino, no centro de São Paulo, por volta de 1910 a 20. Giannini tem várias grafias, mas pode ter uma só origem (?). Agradeço a todos que puderem ajudar-me.

Ansaldo Luiz Giannini

Rua Alvaro Luiz R. Assumpção 43 CEP- 04618-02 São Paulo S.P. - Brasil

MAIL: ansaldo@sti.com.br

17/09/97



Oi turma, meu nome eh Julio Cesar Reis e Rocha, o nome do meu Pai eh Nazianzeno Antonio da Rocha e o da minha mãe eh Helena Joana da Rocha. Minha mae eh descendente de Alemaes, e meu pai de Italianos. Mas não sei (e nem ele sabe) exatamente suas origens. Moro em Salvador, e qualquer informacao, eh valida. Obrigado!!! Ah! Estou aprendendo italiano, quem quiser trocar mails comigo, eh sohescrever.

Julio Cesar Reis e Rocha

MAIL: juliorocha@hotmail.com

17/09/97



Sou aluna do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSC. Desenvolvo uma pesquisa sobre os descendentes de imigrantes italianos que têm busacado dupla cidadania. Gostaria de corresponder-me com pessoas que tenham regularizado a cidadania italiana ou que pretendam fazê-lo.

Adiles Savoldi

Rua- Lauro Linhares nº 617 apto 301 CEP- 88036-000 Florianópolis SC

MAIL: adiles@cfh.ufsc.br

11/09/97



BENVENUTO



INDICE ITAL.



INDICE PORT.

aci@splicenet.com.br**ISTRUZIONI ...|... INSTRUÇÕES**

Estou interessado na cidadania italiana e procuro pelos registros de meu bisavo PIETRO PELLEGRINI (ou PELLEGRINO).

Ele deu entrada no porto de Santos no séc. passado. Quem puder me ajudar por favor mande-me ume-mail. Agradeço muito qualquer ajuda.

Valmir Cinquini**MAIL:** valmir@originet.com.br

15/11/97



Se você é também um Tasca, escreva para mim. Gostaria de remontar a história de nossa família e recuperar contato com possíveis parentes.

Visite a homepage da Famiglia Tasca: <http://sites.uol.com.br/~rtasca>

MAIL: rodrigot@dcc.unicamp.br

11/11/97



Como descendente de italianos, gostaria de conhecer minhas raízes e também fazer contato com possíveis parentes italianos. Interesse-me pelas famílias: Mombelli - Citero - Rossetti - Fachinetti e Faverani. Ficarei muito grata se conseguir.

Edna Mombelli Citero

Rua Manoel Coelho N. 776 CEP 09510-102 S.Caetano Sul - SP - Brasil

MAIL: emcitero@cebinet.com.br

05/11/97



Se vuoi imparare JavaScript visita

<http://www.basel.it/demo/javascript/javadoc.htm>. Troverai unpiccolo manuale per l'uso di JavaScript tutto in italiano, spiegazioni facili da capire. Buon divertimento!

Gustavo Alvim**MAIL:** galvim@net.em.com.br

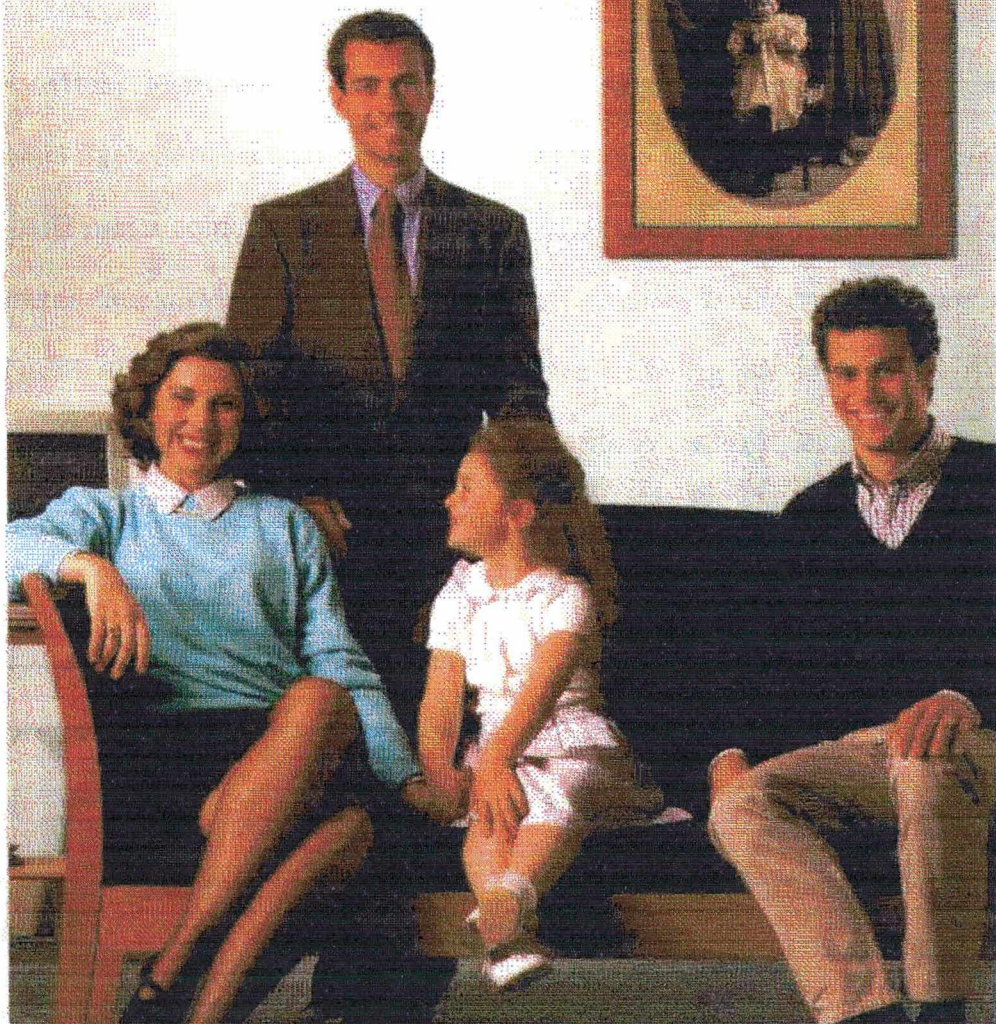
ANEXO - II

Fonte: Novo Atlas Melhoramentos do Diário Catarinense. Companhia Melhoramentos de São Paulo, ano – 94 p.61



ANEXO - III

**Le buone radici
danno sempre
buoni frutti.**



Il 22 Giugno coltiva le tue radici.

Vota per il tuo Comites.

COMITES
Comitati degli Italiani all'estero

ANEXO - IV

Cento Anni Della Famiglia Maccarini

Em 1892, chegaram no Brasil, os Imigrantes italianos Francesco; Ambrósio e João Maccarini, muitos anos de trabalho e dedicação, criaram seus filhos que ramificaram-se em todo o País e hoje chega aproximadamente 5.816 descendentes.

Intencionados em comemorar o Centenário da Família, alguns descendentes liderados pelo presidente o Sr. Divo Maccarini, já se realizaram vários encontros com Festas Preparatórias para expor a intenção da realização da Grande Festa do Centenário, que se realizará nos dias 01, 02 e 03 de Maio de 1992, na fazenda do Sr. Augusto Maccarini, às margens da Rodovia SC 447, em Vila Maccarini, Rio Maina - Criciúma - SC, e tem o seguinte programa:

Dia 1º. de Maio, (Sexta feira - Feriado) Abertura Oficial do Centenário da Família Maccarini.

- 10:00 hs Asteamento das bandeiras do Brasil, Itália, Santa Catarina, Criciúma, Nova Veneza e Meleiro
Execução dos hinos nacionais, brasileiro e Italiano.
- 10:10 hs. Apresentação da Comissão Organizadora e palavra do Presidente Divo Maccarini.
- 10:15 hs. Palavras dos Prefeitos.
Criciúma Arq. Altair Guidi, Nova Veneza Elzio Milanez
Meleiro Jairo Canela
- 10:30 hs. Missa de Ação de graças com a participação do coral da Família Maccarini.
- 12:00 hs. Almoço Típico italiano.
- 14:00 hs. Lançamento da pedra fundamental do museu da Família Maccarini.
- 14:15 hs. Homenagem especial aos pioneiros imigrantes
Francesco, Ambrosio e João Maccarini, com breve histórico da vida e a vinda dos três irmãos.
- 14:30 hs. Entrega de placas Honra ao mérito aos filhos e netos destes Imigrantes.
- 15:00 hs. Homenagem por um grupo de crianças aos filhos e netos de Francesco, Ambrosio e João Maccarini.
- 15:15 hs. Dança folclórica com os grupos de Rio Maina e Nova Veneza
- 15:30 hs. Apresentação do Coral da Família Maccarini com algumas músicas Folclóricas.
- 15:45 hs. Show Artístico Cultural com grupos de violeiros e gaiteiros da região
- 19:00 hs. Jantar típico Italiano.

Dia 02 de Maio de 1992. (Sábado).

- 12:00 hs. Almoço típico italiano.
- 14:00 hs. Tarde esportiva e recreativa.
Torneio de Bocha, Mora e Triunfo, com entrega de troféus aos vencedores.
- 14:30 hs. Passeio recreativo das crianças no pátio com carro de boi, aranhas e tratores tipicamente ornamentados
- 15:00 hs. Show Artístico com grupos de violeiros e Gaiteiros.
- 19:00 hs. Jantar Típico Italiano.

Dia 03 de Maio de 1992. Encerramento das Festas do Centenário.

- 12:00 hs. Almoço.
- 14:00 hs. Tarde recreativa com atrações diversas.

Pedimos a todos os descendentes da família Maccarini, que transmitam este programa a seus descendentes e que compareçam nesta Grande Festa de Confraternização pois será uma oportunidade de conhecer parentes de todo o País.

Contatos para informações: FONES Divo Maccarini Res.: (0484) 38-1004

Volnei da Luz Com.: (0484) 38-1149

Jorge Maccarini Res.: (0484) 38-1860

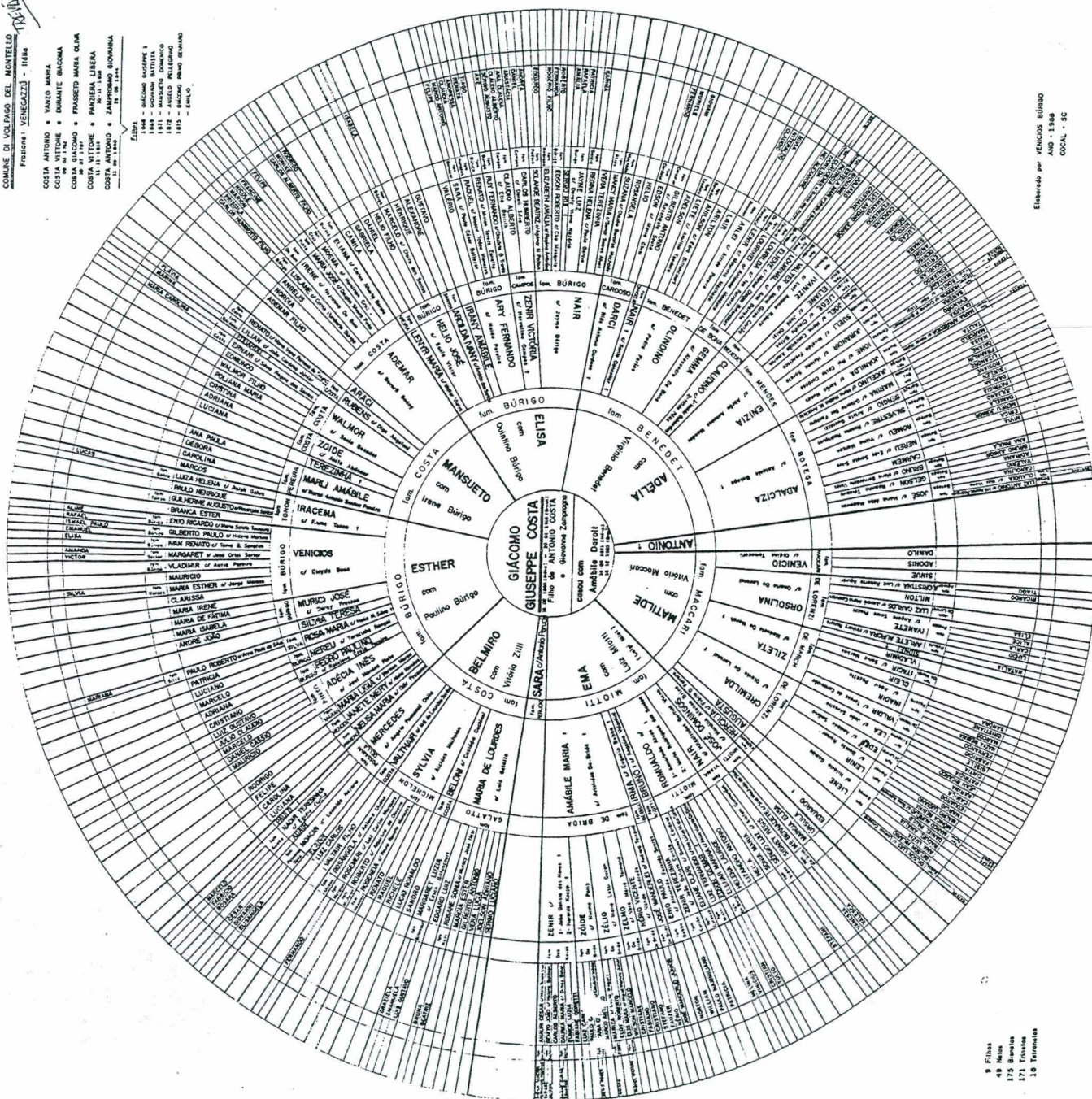
ANEXO - V

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMILIA "GIÁCOMO GIUSEPPE COSTA "

COMUNE DI VOLPAGO DEL MONTELLO
Frazione: VENEGAZZU - 31040

COSTA ANTONIO • VANZO MARIA
 COSTA VITTORIE • DURANTE GIACOMA
 09 03 1942
 COSTA GIACOMO • FRASSETTO MARIA OLIVA
 16 07 1941
 COSTA VITTORIE • PANZIERA LIBERIA
 11 11 1914 30 12 1928
 COSTA ANTONIO • ZAMPARINO GIOVANNA

1864	-	GIACOMO BOURNARD
1869	-	GIORGIO BATTISTA
1871	-	MARCELLO DOMENICO
1872	-	ANGELO PELLEGRIANO
1875	-	GIACOMO PRIMO DOMENICO

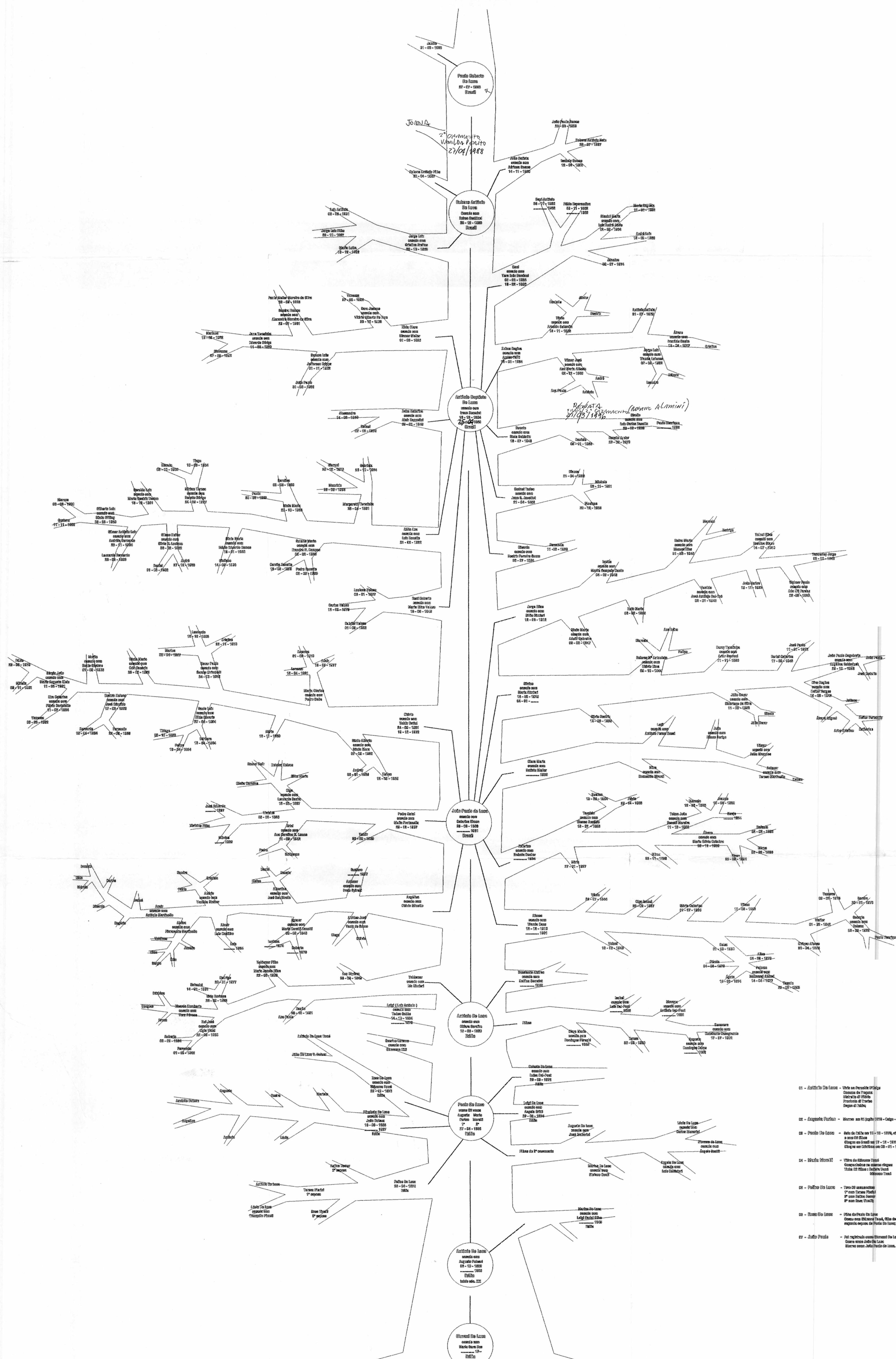


Elaborado por VENECIOS BÚRGO
AÑO - 1988
CCAL - SC

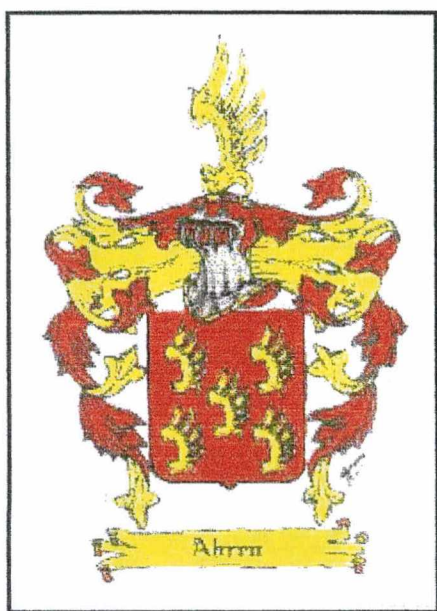
9 Filhos
49 Netos
75 Bisnetos
71 Trinetos
10 Tetranetos

Árvore Genealógica da Família De Luca

200 anos

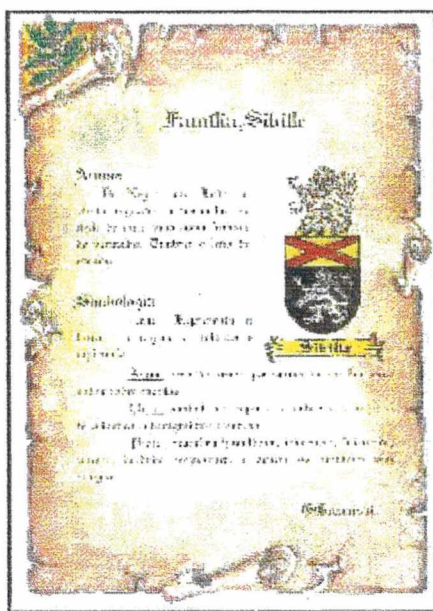


ANEXO - VI



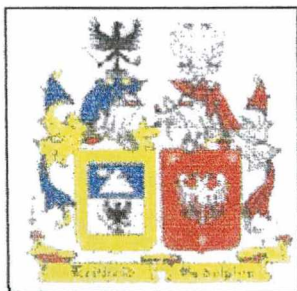
Brasão

*Brasão de Família,
Papel Vergê 180g
Tamanho 30x21 cm
Apenas R\$ 30,00*



Pergaminho

*Pergaminho em escrita gótica.
Escudo da Família, sua descrição,
simbologia e histórico(caso tenha)
Apenas R\$ 30,00*



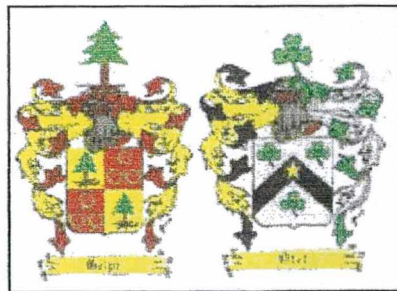
Brasão Agostado
R\$ 38,50



Brasão de Família com Suporte
R\$ 35,00



Brasão Junção de Famílias
R\$ 35,00



Brasão Duplo
R\$ 38,50

Mande agora mesmo seu Cheque Nominal ou Vale Postal com seu nome e endereço completo e você receberá pelo correio em sua casa, este lindo Pergaminho ou seu Brasão de Família.

ANEXO - VII

CONSOLATO GENERALE D'ITALIA

CURITIBA - BRASIL

Roteiro necessário à obtenção do reconhecimento da cidadania italiana " JURE SANGUINIS ".

(Significa por vínculo sanguíneo, ou seja, do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes. Exemplo: Bisavô para avô, deste para o pai, deste para o filho e em sequência até o pretendente.)

DOCUMENTAÇÃO EXIGIDA

A) Sem qualquer legalização ou tradução (Pode ser original ou xerox)

1. Certidão de nascimento do ascendente italiano que irá originar a cidadania, emitido pela autoridade civil da cidade onde ocorreu o nascimento (COMUNE ITALIANO). Na falta ou impossibilidade de obtenção, servirá qualquer outro documento oficial italiano no qual conste o lugar e a data de nascimento (Passaporte, Certificado Militar, Carteira de Identidade, etc.)

2. Carteira de identidade para estrangeiros (Brasileira) do ascendente que irá originar a cidadania, ou qualquer outro documento oficial brasileiro que comprove sem sombra de dúvida ser ele estrangeiro, pelo menos até a data do nascimento dos filhos. Na inexistência de qualquer destes documentos, servirá uma certidão negativa de naturalização fornecida pelo Departamento Federal da Justiça - Divisão de Naturalização (Esplanada dos Ministérios - Anexo II - 3o. andar - 70064 - Brasília - DF), obtida mediante requerimento.

Em caso de constar naturalização, esta não prejudicará o direito a cidadania desde que posterior ao nascimento dos filhos, e neste caso a certidão deverá ser fornecida em duas xerox autenticadas com a respectiva tradução.

B) DOCUMENTOS BRASILEIROS DE REGISTRO CIVIL A SEREM APRESENTADOS.

1. Certidões de registros civil, desde o ascendente italiano até o descendente candidato a cidadania. Exemplo : se o cidadão italiano que emigrou para o Brasil, casou no Brasil, inicia-se com a Certidão de casamento, em sequência, vem a Certidão de óbito (se for falecido), depois a Certidão de nascimento do filho nascido no Brasil, depois a Certidão de casamento deste último, e assim em sequência de descendentes até o último interessado.

2. Todas as certidões acima referidas deverão ser fornecidas com respectiva tradução em língua italiana por tradutor público, e cada uma acompanhada de xerox

autenticado. Ressalta-se que as certidões de registro civil deverão ser recentes (no máximo até 5 anos de emissão).

3. As certidões emitidas fora desta circunscrição consular, que abrange o Paraná e Santa Catarina, deverão vir acompanhadas de cartão de autógrafo do cartório emitente feito por um tabelionato ou terem firma reconhecida por um tabelionato da circunscrição.

4. Situação militar dos pretendentes à cidadania : todos os pretendentes do sexo masculino, com idade até 45 anos, deverão fornecer também 02 (duas) xerocópias autenticadas de seu respectivo certificado militar de dispensa, isenção, reservista ou da ativa, acompanhadas de tradução oficial.

OBSERVAÇÕES GERAIS IMPORTANTES

A. O reconhecimento da cidadania por vínculo sanguíneo via paterna (bisavô paterno - avô paterno - pai) é transmitida sem qualquer limitação, a não ser aquela acima referida relativa a naturalização.

B. O reconhecimento da cidadania por vínculo sanguíneo via materna tem certas limitações que é bom observar atentamente:

A mãe do pretendente interessado na cidadania, só lhe transmitirá este direito, se for filha de pai com direito a cidadania via paterna, e sempre que o interessado tenha nascido após 01 de janeiro de 1948, por força de constituição do Reino anteriormente vigente, lhe era negado. (Exemplo : bisavô materno (Homem), avô materno (Homem), mãe, filho pretendente nascido após 01/01/1948).

Os filhos nascidos de união não matrimonial (companheiros) são considerados **Naturais**, mas tal condição não impede a transmissão da cidadania, respeitadas as disposições legais já indicadas.

Os pretendentes separados legalmente ou divorciados não obterão o reconhecimento na Itália do eventual segundo casamento, inclusive passível de considerados bigamos, enquanto a sentença de separação ou divórcio não tenha sido homologada por Tribunal competente Italiano e os filhos havidos da eventual segunda união, ainda que perfeitamente legal no Brasil, enquanto não houver a mencionada homologação de sentença brasileira, serão considerados **naturais**.

As mulheres estrangeiras incluindo as brasileiras, casadas com cidadãos italianos antes de 27 de abril de 1983, adquirem automaticamente a cidadania do marido (Italiana).

Os pretendentes nascidos após 26 de abril de 1965 deverão, no ato do reconhecimento do direito a cidadania, subscrever uma declaração de conservação da cidadania italiana, sem que tal ato implique na perda da cidadania brasileira.

Para comprovação do local de nascimento do ascendente italiano que se pretende venha originar o direito a cidadania, o interessado deverá fornecer e providenciar por sua responsabilidade um dos documentos enunciados no item A-1 (Documentação exigida). Não cumprindo tal item, ficará prejudicado o próprio direito a cidadania.

No tocante à naturalização, deve se ter em conta que ela interrompe qualquer vínculo de parentesco anterior, ou seja, se o avô por exemplo era italiano, mas o filho deste, também italiano por nascimento, venha a se naturalizar, ficará prejudicado o vínculo sanguíneo, pois o avô pode passar o direito para o neto, através da descendência natural.

Antes de adentrar com a documentação exigida, será necessário que o pretendente faça um rigoroso exame de todos os documentos, verificando eventuais deturpações, distorções ou inexatidão dos dados pessoais, pois a legislação italiana não permite a transcrição de documentos, portanto tais erros (nomes de família deturpados, local e

data de nascimento, etc.). Na existência de tais irregularidades, os interessados deverão pedir a retificação na justiça por meio de um advogado.

Os documentos de registro civil de outros países deverão ser legalizados e traduzidos pelos respectivos serviços diplomático-consulares italianos.

As mulheres italianas ou com direito a cidadania italiana, casadas com cidadãos brasileiros antes de 17 de maio de 1975, deverão comprovar mediante declaração emitida pela Autoridade Consular do País do cônjuge, que não obtiveram a cidadania do marido.

ANEXO - VIII

Como virar um cidadão do mundo

SILVIA RUIZ
da Reportagem Local

mundo— pode estar mais próximo do que você imagina. Mais precisamente naquele baú da sua avó espanhola ou na gaveta de documentos velhos do seu bisavô italiano. Os governos de alguns países da Europa, principalmente da Itália, Espanha e Portugal, estão mais abertos à concessão do direito à cidadania.

Só o consulado da Itália, por

exemplo, recebeu mais de 100 mil pedidos de cidadania desde 1983.

Faça uma incursão a sua árvore genealógica e depois confira se você se encaixa em algum item do quadro ao lado. Não tenha receio de perder a sua cidadania brasileira. A lei permite as duas.

Telefones dos consulados em São Paulo: Portugal: 270-2555; Itália: 826-9022; Alemanha: 814-6514; Espanha: 889-8733; Japão: 287-0100.

FOLHA DE S.PAULO

segunda-feira, 7 de outubro de 1996

Veja se você pode requerer outra cidadania



JAPÃO

Quem tem direito:

- Filhos de pai ou mãe japoneses

Exigências

- Filhos de pais casados legalmente.



PORTUGAL

Quem tem direito:

- Filhos de mãe ou pai portugueses.
- Netos de portugueses (por parte de pai ou mãe), desde que os pais obtenham a cidadã portuguesa para então passá-la aos filhos.

Exigências

- Certidões de nascimento e casamento dos pais, emitidas há menos de seis meses
- (a vez seja preciso recorrer a um cartório em Portugal para consensualizar).
- Atualização do estado civil (casamento, divórcio ou casos de óbito) dos pais junto ao consulado.
- No caso de portugueses naturalizados brasileiros, os filhos têm de ter nascido antes da naturalização.



ESPAÑA

Quem tem direito:

- Filhos de pai espanhol nascidos após 29/12/1960.
- Filhos de mãe espanhola nascidos antes de 29/12/1960, desde que façam o pedido até 7/01/97.
- Filhos de pai espanhol nascidos depois de 20/8/82.
- Filhos de mãe espanhola nascidos antes de 20/8/82 e com menos de 23 anos de idade, desde que façam o requerimento até 7/1/97.

- Netos de avô espanhol, seja por parte de pai ou mãe, e que tenham menos de 23 anos de idade. Mas a mãe ou o pai devem pedir a cidadania antes, para então passar a cidadania ao filho.

Exigências

- Certidão literal de nascimento ou certidão de inteiro teor. Em caso de perda da certidão, é preciso escrever para a cidade de origem na Espanha, requisitando uma 2ª via.



ITALIA

Quem tem direito:

- Filhos, netos ou bisnetos de italianos por parte de pai.
- Filhos de mãe italiana nascidos após 1948.
- Netos e bisnetos de italianos por parte de mãe, desde que a mãe ou avô tenham nascidos após 1948.

Exigências

- Certidão de nascimento original (emitida na Itália) do ascendente. Esse documento é fundamental para dar início ao processo.
- Quem não tiver tem de escrever para a cidade italiana de origem, solicitando o envio da 2ª via. O consulado pode informar como proceder nesse caso.

